



Dante Alighieri

A Divina Comédia

Purgatório

*Tradução em prosa
por Helder da Rocha*

Dante Alighieri

A Divina Comédia

Purgatório

Adaptação em prosa
por Helder da Rocha

Copyright © 2000 Helder L. S. da Rocha. Esta obra é protegida pela Lei de Direitos Autorais.

Ilustrações: *Gustave Doré (séc XIX). Extraídas de Doré's Illustrations for Dante's Divine Comedy, Dover, New York, 1995 e outras imagens de domínio público extraídas de sítios na Internet.*

Outras ilustrações, editoração e capa: *Helder da Rocha*

Revisão: *este texto ainda não foi revisado por leitores (aceito e agradeço sugestões, revisões, indicações de erros, etc.)*

Ficha Catalográfica:

Dante Alighieri, 1265-1321.

D192d A divina comédia: purgatório / Dante Alighieri. Versão em prosa, notas, ilustrações e introdução por Helder L. S. da Rocha. Ilustrações de Gustave Doré. – São Paulo, 1999.

240 p.

1. Dante Alighieri (1265-1321) – Poeta florentino (Itália). 2. Literatura italiana séculos XIII e XIV – Poesia. 3. Purgatório – Catolicismo. I. Rocha, Helder L. S. da, 1968-. II. Doré, Gustave, 1832-1883. III. Título.

CDD 851.1

Dedico esta tradução à minha amiga

Luciana Albuquerque Prado

“Por aqui não se passa sem que se sofra o calor do fogo”

Purgatório 27:10

Índice

Prefácio	ix
Introdução	1
Índice do <i>Purgatório</i>	5
Estrutura do <i>Purgatório</i>	9
Índice de ilustrações	11
Purgatório	<i>Purgatório 1 a 104</i>
Notas explicativas	<i>Notas 2 a 105</i>
Fontes de referência	13
Índice remissivo	17

Nota: a parte central do livro (208 páginas com a história e as notas) forma um bloco à parte. Sua numeração difere das outras seções.

Prefácio

O *Purgatório* é a continuação da viagem de Dante pelos reinos eternos iniciado no *Inferno*. Tem origem na base da montanha imaginada por ele que serve de nome ao poema. A montanha situa-se no hemisfério sul, em oposição a Jerusalém e foi alcançada por Dante e Virgílio após uma tenebrosa viagem pelo *Inferno*, passando pelo centro da Terra.

A organização deste livro é a mesma utilizada no primeiro volume, que narrou o *Inferno*. O número de fontes consultadas foi maior e a tarefa de adaptação mais árdua pois o *Purgatório* possui mais personagens da época de Dante e menos seres mitológicos. As alegorias também são mais profundas e difíceis de decifrar. Nesta adaptação, procurei rescrever a narrativa de forma a deixá-la mais objetiva, escrevendo o nome dos lugares e personagens, quando sua identidade é certa (em vez de usar pistas e descrições como faz Dante), traduzindo as declarações feitas em latim e outras línguas para o português e omitindo metáforas longas que podem atrapalhar a narração dramática de uma versão em prosa. Não tentei decifrar os enigmas e todas as falas proféticas diretamente na narrativa. Isto foi feito somente quando, na minha opinião, a simplificação não afetava a estrutura e unidade do poema.

Apesar de ter dado nome aos personagens e lugares, é preciso conhecê-los para que seja possível entender o que fazem no *Purgatório*. Portanto, assim como fiz com o *Inferno*, acrescentei notas explicativas que aparecem nas páginas à esquerda, próximas ao texto que

necessita uma maior explicação. Como no *Inferno*, algumas notas não são explicações sobre personagens e lugares mas interpretações pessoais (minhas e de estudiosos da obra de Dante) dos símbolos e enigmas colocados por Dante no poema. É possível ler e apreciar toda a história sem se referir a essas notas.

As imagens também representam concepções pessoais dos artistas que as criaram. O texto de Dante oferece espaço para diversas interpretações diferentes, porém, algumas ilustrações do próprio Doré ou de Botticelli podem levar o leitor a imaginar um mundo que não corresponde exatamente ao imaginado e descrito por Dante.

Todo o conteúdo deste livro (inclusive o *Inferno*) pode ser encontrado na Internet, junto com o poema em italiano, busca por palavra-chave, referências cruzadas e mais imagens. O endereço é '<http://www.stelle.com.br>'.

Helder da Rocha

São Paulo, janeiro de 2000.

Introdução ao Purgatório

Entre os mundos descritos na *Divina Comédia*, o Purgatório é a criação mais original de Dante. Os outros dois livros falam de reinos cuja existência é doutrina fundamental em diversas religiões. Já o Purgatório é mais recente, tendo sua crença originado nas doutrinas patrísticas e consolidada no início da Idade Média por teólogos como Santo Agostinho e, mais tarde, Tomás de Aquino.

A concepção do Purgatório como uma montanha é, até onde sabemos, uma idéia original de Dante. O Inferno sempre foi associado com o mundo subterrâneo e o céu sempre foi visto como a morada dos deuses e dos por eles escolhidos. Na representação de Dante, o Purgatório serve como uma escada para o Céu, ligando a superfície terrestre às portas do Paraíso. Chegar lá, porém, não é tão fácil quanto chegar no Inferno, cujas portas estão sempre abertas.

O Purgatório está separado do mundo habitado por um imenso oceano, numa ilha cujo acesso é impedido por um mar agitado e tempestades que afundam qualquer embarcação que tente se aproximar, como o navio de Ulisses, narrado no canto 26 do Inferno. Uma vez na ilha, é preciso ter fôlego de alpinista para escalar os rochedos que levam à entrada do Purgatório. A porta é estreita e fechada com duas chaves. Um anjo armado com uma espada guarda a entrada.

Como o Inferno, o Purgatório é dividido em círculos (na forma de estreitos terraços na montanha) onde são purgados diferentes pecados, organizados em ordem de gravidade. A montanha tem, no total, nove áreas de purgação. Duas ficam antes da entrada guardada pelo anjo. As outras sete, que representam os sete pecados capitais, ficam entre a porta e o pico da montanha onde está o Paraíso Terrestre ou Jardim do Éden. O Paraíso Terrestre está separado do Purgatório por uma parede de fogo. Os pecados decrescem em gravidade à medida em que se escala a montanha.

Qualquer alma pecadora que tenha se arrependido em vida tem direito ao Purgatório, por mais graves que tenham sido os pecados cometidos. Aqueles que só se arrependeram quando não podiam mais pecar não podem entrar imediatamente pela porta do Purgatório. Precisam ficar esperando do lado de fora, onde a espera pode durar dezenas de vezes o tempo de sua vida na Terra.

Dentro do Purgatório, a alma passa períodos de tempo em uma ou mais terraços de acordo com os pecados capitais que tenha cometido em vida. Nesses terraços elas sofrem cumprindo penas que tem como objetivo a sua purificação. As penas são às vezes tão terríveis quanto às do Inferno, mas as almas as cumprem sem reclamar pois têm certeza que, quando o tempo de sua purgação chegar ao fim, lhes será concedida a entrada no Paraíso.

A doutrina do Purgatório, embora não seja sustentada de forma explícita pela autoridade das escrituras, é defendida em comentários sobre o evangelho realizados pelos padres alexandrinos no século II. A evidência bíblica de sua existência é baseada na interpretação da palavra de Jesus Cristo, que afirmou em Mateus 5:26 “Em verdade te digo que de maneira nenhuma sairás dali enquanto não pagares o último centavo.” A idéia foi mais tarde confirmada

nas obras de Santo Agostinho e passou a fazer parte das doutrinas oficiais da Igreja Católica.

Segundo a doutrina Católica, a finalidade do Purgatório não é punição, mas purgação, ou purificação. A alma que sofre no Purgatório está feliz porque deseja purificar-se, e sabe que jamais poderia entrar no Céu se não estivesse pura. O Purgatório não é uma área de provação, como a Terra. Nem é tampouco um lugar onde se tem uma segunda chance, pois a escolha entre o Céu e o Inferno só pode ser feita em vida. As almas que estão no Purgatório irão para o Céu mais cedo ou mais tarde.

As almas do Purgatório e as almas na Terra mantêm um vínculo entre si e podem ajudar umas às outras através de orações.

A passagem do tempo durante a viagem pelo Purgatório de Dante é rigorosamente medida a partir da posição do Sol, da Lua e das estrelas. Dante chega à ilha quando os primeiros raios de Sol iluminam o domingo de Páscoa e termina essa etapa de sua viagem três dias depois.

Em contraste com o Inferno, no Purgatório não há seres mitológicos. Em vez dos demônios, encontramos anjos protegendo a montanha. A principal atração são personalidades conhecidas de Dante, grandes estadistas, membros do clero e artistas que narram suas histórias, profetizam o futuro e pedem orações para encurtar seu tempo de penitência.

A entrada de cada círculo do Purgatório é guardada por um anjo, que purifica a alma que sobe ao próximo nível e profere uma bênção tirada do sermão da montanha. Em cada círculo ocorrem representações do pecado e de sua virtude oposta, que Dante percebe de diversas maneiras diferentes.

Assim como o Inferno, a leitura do Purgatório de Dante é uma metáfora da obra. No Inferno, o encontro de Dante com cada pecado era imediatamente seguido de sua recompensa. O resultado eram momentos de grande destaque, como o encontro com Francesca, com Ulisses ou com o conde Ugolino. Os eventos eram, porém, isolados e pouco influenciavam o restante da viagem.

Ao ler o Purgatório, somos impelidos a subir porque a recompensa só vem no final. Não há grandes momentos dramáticos isolados na obra, mas o movimento da história é impulsionado pela necessidade de se chegar ao topo da montanha. O autor não oferece uma recompensa imediata para cada encontro, mas pede que tenhamos paciência e que esperemos para ver o que ele nos oferecerá no final. E o final, de fato, surpreende, e supera qualquer “grande” momento do Inferno. Mas é preciso suportar a árdua escalada sem reclamar, sempre confiante na recompensa que nos espera no final.

H.R.

Índice do Purgatório

Na seção central deste livro, a numeração das páginas do lado direito e do lado esquerdo é a mesma. Todo o texto flui nas páginas à direita. Nas páginas à esquerda estão localizadas, para fácil consulta, notas explicativas sobre personagens, localidades e símbolos que aparecem no texto à direita.

Purgatório

Canto I	
<i>Saída do inferno — Quatro estrelas — Catão de Útica</i>	2
Canto II	
<i>O barqueiro do Purgatório — Almas dos redimidos — Casella</i>	5
Canto III	
<i>Ante-purgatório — Primeiro terraço — Excomungados — Manfredo</i>	8
Canto IV	
<i>Segundo terraço — Quem se arrependeu tarde por preguiça — Belacqua</i>	11
Canto V	
<i>Arrependidos na hora da morte — Cassero, Buonconte e Pia</i>	14
Canto VI	
<i>Sordello — Discurso de Dante sobre a decadência da Itália</i>	17
Canto VII	
<i>Os que se arreponderam tarde por causa de preocupações mundanas</i>	20
Canto VIII	
<i>O vale dos príncipes (preocupados) — A serpente — Os anjos</i>	25
Canto IX	
<i>Primeiro sonho — Porta de São Pedro — Entrada no Purgatório</i>	28

Canto X	
<i>Primeira cornija — Os orgulhosos</i>	31
Canto XI	
<i>Espíritos de Omberto, Oderisi e Salvani</i>	34
Canto XII	
<i>O anjo da Humildade — Remoção do P do orgulho</i>	37
Canto XIII	
<i>Segunda cornija: os invejosos — Sapia de Siena</i>	41
Canto XIV	
<i>Guido del Duca — Rinier de Calboli — O curso do Arno</i>	44
Canto XV	
<i>Anjo da Misericórdia — A fumaça negra</i>	47
Canto XVI	
<i>Terceira cornija: os iracundos — Espírito de Marco Lombardo</i>	50
Canto XVII	
<i>Visões da Ira — Anjo da Mansidão — Justiça do Purgatório</i>	53
Canto XVIII	
<i>Quarta cornija: os preguiçosos — Discurso sobre o livre arbítrio</i>	56
Canto XIX	
<i>Sonho da sereia — Quinta cornija: os avaros — papa Adriano V</i>	59
Canto XX	
<i>Espírito de Hugo Capeto — O monte treme</i>	62
Canto XXI	
<i>Espírito de Estácio</i>	65
Canto XXII	
<i>Sexta cornija: os gulosos — A árvore e a água</i>	68
Canto XXIII	
<i>Espírito de Forese Donati</i>	71
Canto XXIV	
<i>Bongiunta de Lucca — Exemplos de gula — Anjo da Temperança</i>	74

Canto XXV	
<i>Discurso de Estácio sobre a alma — Sétima cornija: os luxuriosos</i>	77
Canto XXVI	
<i>O fogo — Os sodomitas — Guido Gunicelli — Arnaldo Daniel.....</i>	80
Canto XXVII	
<i>Travessia do fogo — Anjo da Castidade — Últimas palavras de Virgílio ..</i>	83
Canto XXVIII	
<i>O Paraíso Terrestre — O rio Letes — A jovem colhendo flores</i>	86
Canto XXIX	
<i>A procissão e a carruagem triunfal.....</i>	89
Canto XXX	
<i>Beatriç.....</i>	92
Canto XXXI	
<i>Arrependimento de Dante — O batismo no Letes.....</i>	95
Canto XXXII	
<i>A árvore do conhecimento do bem e do mal — As sete revelações.....</i>	98
Canto XXXIII	
<i>A fonte do Letes e Eunoé — Dante se purifica no Eunoé</i>	101

Estrutura do Purgatório

A organização dos *cantos* a seguir obedece à estrutura do *Purgatório*. Os pecados estão grifados. Os terraços (ou cornijas) onde cada pecado é punido estão indicados entre parênteses. A diferença entre a punição destes pecados e seus similares no *Inferno* é que sua duração é temporária, já que para chegar ao *Purgatório*, houve arrependimento por parte do pecador.

O *Purgatório* consiste de dez divisões das quais as duas primeiras situam-se fora dos portões da montanha sagrada, no *Ante-Purgatório*. As sete seguintes correspondem às áreas de purgação dos sete pecados capitais, que são apresentados, por Dante, como formas corrompidas do Amor. São, portanto, nove círculos de purgação e penitência. A última divisão da montanha do *Purgatório* é o Paraíso Terrestre onde as almas são purificadas.

<i>Ante-Purgatório</i>	<i>Purgatório</i>
<i>Excomunhão</i> : Canto III (1º terraço)	8
<i>Arrependimento tardio</i> : Canto IV (2º terraço)	11
• Demoraram por <i>negligência ou preguiça</i> : Canto IV	11
• Deixaram para a <i>hora da morte</i> : Canto V	14
• Por causa de suas ocupações, <i>não tiveram tempo</i> : Canto VI	17
 <i>Baixo Purgatório (amor pervertido)</i>	
(1) <i>Orgulho</i> : Canto X	31
(2) <i>Inveja</i> : Canto XIII	41
(3) <i>Ira e rancor</i> : Canto XVI	50

Médio Purgatório (amor falho)

(4) <i>Preguiça</i> : Canto XVIII.....	56
--	----

Alto Purgatório (amor excessivo)

(5) <i>Avareza e prodigalidade</i> : Canto XIX.....	59
(6) <i>Gula</i> : Canto XXII.....	68
(7) <i>Luxúria</i> : Canto XXV.....	77

Portas

Porta do Purgatório: Canto IX.....	28
Porta do Paraíso Terrestre (parede de fogo): Canto XXVII.....	83

Características das cornijas (terraços) do Purgatório

Em cada uma das sete cornijas de purgação, as almas que chegam são recepcionadas com imagens da virtude oposta (chamadas de *látego*). Uma *oração* diferente é cantada, em cada cornija, pelos penitentes. Na saída, surgem imagens do pecado (chamadas de *freio*). No final, um *anjo* abençoa a alma que deixa a cornija com um verso do sermão da montanha.

Látego e freio são dois controles usados para movimentar um carro puxado por cavalos. O látego indica algo que deve ser buscado (faz o cavalo correr). O freio indica o que deve ser evitado (faz o cavalo parar).

Índice de ilustrações

1. <i>Sonho da águia</i> (Canto IX) por Doré	12
2. <i>O relógio astronômico de Dante</i>	Notas 5
3. <i>Catão de Útica</i> (Canto I) por Gustave Doré	Notas 4
4. <i>O barqueiro do Purgatório</i> (Canto II) por Doré	Notas 7
5. <i>Vale dos Excomungados</i> (Canto V) por Doré	Purgatório 23
6. <i>Vale dos Príncipes</i> (Canto VII) por Doré	Purgatório 24
7. <i>A porta de São Pedro</i> (Canto IX) por Doré	Notas 29
8. <i>Orgulhosos</i> (Canto XII) por Doré	Purgatório 40
9. <i>Invejosos</i> (Canto XIII) por Doré	Notas 42
10. <i>Iracundos e Marco Lombardo</i> (Canto XVI) por Doré	Notas 51
11. <i>Preguiçosos</i> (Canto XVIII) por Doré	Notas 55
12. <i>Avarentos</i> (Canto XIX) por Doré	Notas 61
13. <i>Gulosos</i> (Canto XXIV) por Doré	Notas 73
14. <i>Luxuriosos</i> (Canto XXV) por Doré	Notas 83
15. <i>Paraíso Terrestre</i> (Canto XXVIII) por Doré	Notas 88
16. <i>A procissão triunfal</i> (Canto XXIX) por Doré	Notas 94
17. <i>Beatriç</i> (Canto XXX).....	Notas 95
18. <i>A prostituta e o gigante</i> (Canto XXXII) por Doré	Notas 96
19. <i>O Rio Eunoi</i> (Canto XXXIII) por Doré	Notas 104
20. <i>Mapa do Purgatório de Dante</i>	Notas 105



O sonho da águia. Ilustração de Gustave Doré (século XIX).

Purgatório

Personagens e símbolos do Canto I

- 1.1 **As estrelas** representam as quatro virtudes cardeais: prudência, temperança, justiça e fortaleza. Dante afirma que nenhum ser humano vivo havia visto as estrelas exceto Adão e Eva (o primeiro casal – a *prima gente*, no original), pois eles viviam no Paraíso terrestre (no cume da montanha do Purgatório). Todos os humanos vivos, acreditava Dante e a maior parte das pessoas da sua época, viviam no hemisfério norte pois o resto da Terra era mar. Dante aparenta ter se esquecido de Ulisses, que ele mesmo afirmara ter viajado até o Purgatório (*Inferno XXVI*). Alguns comentaristas identificam as quatro estrelas com as estrelas do Cruzeiro do Sul, cuja existência poderia ter sido revelada a Dante através de relatos de viajantes como Marco Polo [Longfellow 67]. Na minha opinião, se Dante soubesse da existência do Cruzeiro do Sul, ele estaria sendo incoerente ao defender que tais estrelas jamais foram vistas por homens vivos. É até possível que ele tenha tido acesso a relatos de viajantes ou mesmo textos antigos que falassem do Cruzeiro do Sul (que já foi visível no Egito e sul da Europa 2500 anos antes de Cristo), mas não creio que Dante os teria considerado “verdade científica.” Além disso, o Cruzeiro do Sul não é formado por quatro estrelas de igual intensidade. Uma delas é bem mais fraca que as outras três e todas brilham menos que as estrelas Alfa e Beta da constelação vizinha do Centauro.
- 1.2 **O cego riacho é o rio Letes**, cujo som (e não visão) guiou Dante e Virgílio do centro da Terra à superfície (*Inferno XXXIV*).

Canto I

Para navegar por águas melhores, minha poesia agora deixa para trás aquele mar cruel e segue para o segundo reino, onde a alma humana se purifica, e se torna digna de elevar-se ao céu.

Quatro estrelas iluminavam o céu do Pólo Sul. Quatro estrelas nunca vistas por homem algum em vida (a não ser pelo primeiro casal), pois nunca são vistas no céu do hemisfério norte. Voltei a minha atenção ao outro pólo, e vi um vulto se aproximar. Era um velho solitário. Tinha barba longa e cabelos brancos. Seu semblante era iluminado pela luz das quatro estrelas, que davam-lhe um aspecto divino, como se a luz do Sol brilhasse em seu rosto.

— Quem sois vós? — perguntou ele, movendo suas plumas. — Quem sois vós que, vencendo a correnteza do cego riacho, conseguistes fugir da prisão eterna? Quem foi que vos guiou? Quem foi a lanterna que vos indicou o caminho pelas trevas infernais? Será que todas as leis do abismo foram destruídas? Ou foram novas decisões tomadas no céu, permitindo que vós, condenados, chegásseis até o pé da minha montanha?

Com sinais e gestos, meu mestre pediu que eu ficasse de joelhos e baixasse a cabeça em sinal de respeito. Depois, dirigindo-se ao velho, falou:

— Eu não estou aqui por vontade própria. Uma dama que desceu do céu me pediu que eu acompanhasse este aqui. Ele ainda não viu a morte, mas por sua imprudência ela esteve tão perto que

- 1.3 **O velho solitário é Catão de Útica**, legista romano aliado a Pompeu que, sabendo que César venceria e fundaria o império, se suicidou em nome da liberdade republicana. Márcia é a esposa de Catão que permanece no Limbo, de onde Catão foi tirado por vontade divina. A luz das quatro estrelas (prudência, temperança, justiça e fortaleza) iluminam Catão, que ainda representa a liberdade, pela qual morreu. Apesar de ter se suicidado e de ser um oponente de César e do Império (como Bruto e Cássio), Catão não está no Inferno. Para Dorothy Sayers “por causa de sua devoção à liberdade política ele aqui é o guardião do caminho à liberdade espiritual.” Quando ao suicídio, ela explica “O seu suicídio não o qualifica ao Inferno pois os pagãos são julgados de acordo com seu próprio código, que não condenava o suicídio. Dante não coloca cristãos suicidas no Purgatório ou Paraíso, nem pagãos na parte do Inferno onde são punidos os suicidas.” [Sayers 55]
- 1.4 **Minós** é o juiz dos mortos no inferno. Minós não tem poder sobre os habitantes do primeiro círculo do inferno, onde reside Virgílio. Veja *Inferno, Canto V e nota 5.2*.
- 1.5 O **rio Aqueronte** (*mal fiume*, no original, verso 88) separa o Limbo da entrada do inferno. Veja *Inferno, Canto III e nota 3.4*.

pouco tempo havia para salvá-lo. Como eu disse, fui enviado para ajudá-lo e não havia outro caminho a não ser este, que eu escolhi. A ele mostrei todos os condenados do Inferno e pretendo ainda mostrar as almas que se purgam no teu domínio. Que te agrade aceitar a sua vinda: ele busca a liberdade, tão cara, como deve saber alguém que deu a vida por ela, como tu fizeste em Útica. Não quebramos as leis divinas. Este homem ainda vive e Minós não me impede. Eu vim daquele círculo onde está a tua Márcia. Por seu amor, então, deixa que possamos conhecer teus sete reinos.

— Márcia era um prazer aos meus olhos, enquanto eu era vivo — respondeu o velho—. Ela agora vive além do rio Aqueronte e não mais me move, pela lei que vigora desde o dia em que eu fui trazido para cá. Mas se uma dama celeste te ordena, não é preciso adulação, basta pedir em seu nome. Vai, então, com esse homem e coloca em volta da sua cintura um junco liso. Não esqueças de lavar o seu rosto para que fique livre das névoas infernais. Em volta desta ilha, lá onde as ondas quebram na praia, encontrarás juncos nascendo na areia onde nenhuma outra planta poderia sobreviver. Para continuar, deves guiar-te pelo Sol, que em breve estará nascendo. Ele indicará o caminho onde encontrarás a subida mais suave.

O velho calou-se. Pouco depois, desapareceu. Eu me levantei e olhei para Virgílio, que falou:

— Vem! Me acompanha!

Eu obedeci. Seguimos para a praia por um caminho deserto e plano, com a imensidão do mar preenchendo nosso horizonte. Paramos assim que chegamos a um lugar onde o orvalho se formava nas folhas das plantas. O mestre abaixou-se e molhou suas mãos na grama úmida. Logo compreendi o que ele pretendia fazer e ofereci-



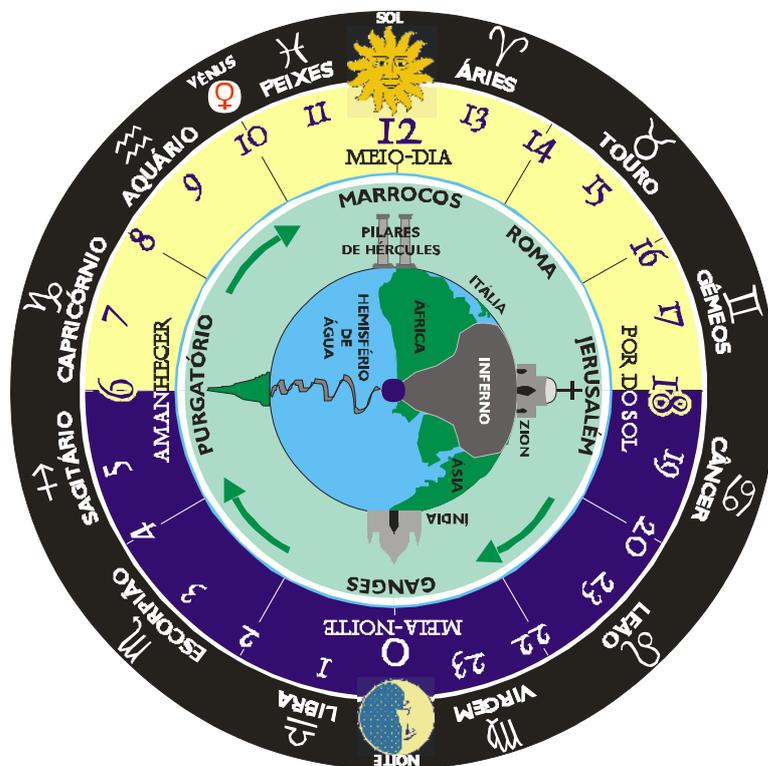
Dante e Virgílio diante de Catão de Útica. Ilustração de Gustave Doré (século XIX). *Observação:* Doré errou ao representar uma sombra atrás de Virgílio. No relato de Dante, Virgílio e as outras almas jamais projetam sombra.

lhe meu rosto manchado de lágrimas, que ele limpou, restaurando sua cor verdadeira que o Inferno havia ocultado.

Continuamos a caminhar até a praia. Como o velho havia dito, juncos cresciam nas areias onde planta alguma seria capaz de sobreviver. Virgílio procurou um junco liso para amarrar na minha cintura. Assim que ele arrancou a planta do chão, ocorreu um milagre: um novo junco, igual ao que ele arrancara, imediatamente nasceu no mesmo lugar.

Personagens e símbolos do Canto II

- 2.1 **Cronologia:** O dia que nasce é o domingo de Páscoa. No canto original, Dante descreve o dia e a hora através de um jogo de palavras que referem-se a observações astronômicas. Ele diz que “neste momento o Sol se põe em Jerusalém (e conseqüentemente nasce no Purgatório, que está do lado oposto) quando a noite nasce no rio Ganges, (Índia), junto com a balança que cai de suas mãos quando ela supera o dia”. O rio Ganges era considerado o extremo oriente do mundo habitado (em oposição às colunas de Hércules, que ficam no extremo ocidente). A balança é a constelação de Libra, oposta ao Sol, que está em Áries (*Inferno, Canto I*). Quando a noite perde a balança (quando “cai de suas mãos”) o Sol entra em Áries e começa o outono, quando as noites são mais longas que os dias. Dante usa esse método para informar a hora durante toda a viagem pelo Purgatório. Nesta versão em prosa eu traduzi suas indicações de dia e hora para uma linguagem mais objetiva, na maior parte das vezes. O relógio abaixo, que gira no sentido horário, mostra a hora no Purgatório e nas outras partes do mundo mencionados por Dante [Sayers 55]:



Canto II

O Sol já nascia colorindo o céu com os tons avermelhados da aurora. Estávamos parados à beira-mar, pensando sobre a estrada que nos esperava, como quem viaja no pensamento sem sair do canto. De repente, a nossa atenção foi desviada por um brilho vermelho que surgia no poente. A luz, que ainda espero tornar a ver um dia, atravessava o mar numa velocidade inacreditável. Eu olhei para meu guia e quando voltei a mira-la, ela já estava maior e mais luzente ainda. Foi quando eu notei duas formas brancas, surgindo de cada lado. O meu guia permanecera o tempo todo em silêncio, mas quando percebeu que as formas brancas eram asas, reconheceu o barqueiro e gritou:

— Ajoelha! Se abaixa perante o anjo de Deus!

Imediatamente eu me ajoelhei como ele pedira. Depois, ele comentou:

— Tu verás ainda muitos desses ministros. Presta atenção como ele desdenha as propostas humanas. Não precisa de remos nem de velas. Somente suas asas bastam para navegar entre tão distantes costas.

E quanto mais se aproximava, maior era o brilho irradiado, até que chegou uma hora em que não consegui mais suportar a claridade e tive que baixar o rosto.

Ele navegou direto para a costa. O barco era veloz e tão leve que sequer agitava as águas, não deixando sinal algum de que havia passado por ali. Mais de cem almas estavam sob a guarda do piloto

- 2.2 **O barqueiro** é o anjo que busca as almas na foz do rio Tibre na Itália, atravessa a Terra, e as desembarca no Purgatório. Esse é o barco a que Caronte se refere quando, no *Canto III* do *Inferno*, diz a Dante que ele deve pegar outro barco em outro porto.
- 2.3 **Quando Israel saiu do Egito** (*In exitu Israël de Aegypto*) é como começa o salmo 113 (ou 114, na Bíblia protestante). O salmo é um canto de ação de graças a Deus por libertar Israel da escravidão no Egito. Mark Musa explica que “para os cristãos, o êxodo ou liberação dos judeus representa a ressurreição de Cristo pois sua morte e ressurreição serviram para libertar cada alma cristã da escravidão do pecado.” A ligação entre o êxodo e a ressurreição é, portanto, reforçada quando as almas cantam esse salmo no domingo de Páscoa, que é o dia da ressurreição de Cristo [Musa 95].
- 2.4 Segundo todos os comentaristas, **Casella** era um músico de Florença ou Pistóia e grande amigo de Dante que teria escrito melodias para poemas de Dante. O verso que ele canta (*Amor che nella mente mi ragiona...*) é a primeira linha da segunda *canzone* do *Convivio* (obra do próprio Dante).
- 2.5 **A foz do rio Tibre**, em Óstia, é o ponto de partida da embarcação. É onde são embarcadas as almas que se destinam ao Purgatório. Depois de desembarcar as almas, o anjo volta ao ponto de partida para buscar mais almas destinadas à salvação.

celestial. Elas cantavam, a uma só voz, o salmo *Quando Israel saiu do Egito*. Com o sinal da cruz, o anjo fez com que todas elas, de uma só vez, aparecessem na praia. Quando o barco estava vazio, ele sumiu, tão veloz como antes havia chegado.

A multidão que ficou estava confusa. Olhavam para todos os lados, como se estivessem tentando compreender alguma coisa pela primeira vez. Logo nos viram e se aproximaram pedindo:

— Se vós souberdes, mostrai-nos o caminho para o monte!

— Vós credes que somos familiares a este lugar — respondeu Virgílio —, mas somos apenas peregrinos como vós. Acabamos de chegar por outro caminho tão áspero e tão duro que escalar este monte será para nós uma brincadeira.

As almas, notando que eu respirava e que estava vivo, tornaram-se pálidas de espanto. Em pouco tempo me cercaram por todos os lados, esquecendo por um instante sua jornada. Uma delas se aproximou com os braços abertos, como se fosse me abraçar, mas, quando tentei retribuir o abraço, meus braços abraçaram o nada! Três vezes eu tentei e três vezes minhas mãos voltaram para o meu peito, atravessando aquela forma vazia com aparência enganadora. A alma então se afastou e finalmente pude reconhecê-la. Pedi que ela falasse, e ela disse:

— Assim como te amei no meu mortal corpo, ainda assim te amo sem ele. Mas o que fazes aqui, nesta hora?

— Meu amigo Casella — respondi —, aqui estou porque espero um dia aqui retornar. Mas por que demoraste tanto?

— Não posso reclamar que ele, que leva no seu barco quem deseja e quando deseja, me tenha negado várias vezes a travessia, pois a justa vontade sempre o guia — respondeu Casella —. Mas



O barqueiro trazendo almas para o Purgatório.
Ilustração de Gustave Doré (século XIX).

nos últimos três meses ele tem levado todos nós que desejamos atravessar. Quando eu voltei à foz do rio Tibre, lá estava aquele ser benigno que me recolheu a bordo. E foi para lá que ele agora partiu, pois é lá que ele sempre recolhe os que não caem nas margens do Aqueronte.

— Se teu novo estado não te impede a memória ou o uso do teu canto amoroso, que tanto me trouxe paz no mundo, então canta — pedi —, e consola minha alma, fatigada depois de uma viagem tão cansativa.

— *“Amor que na minha mente conversa...”* — começou ele a cantar docemente.

A melodia nos hipnotizou. Virgílio, eu, e todas aquelas almas estávamos tão contentes que nada mais nos veio à mente. Atentos à música de Casella sequer vimos o velho Catão se aproximar, mas ao chegar ele gritou:

— Que é que é isso, espíritos preguiçosos? Quanta negligência estardes aqui folgados, perdendo o vosso precioso tempo! Correi logo ao monte para livrar-vos da sujeira do mundo que vos oculta a vista de Deus!

Logo que o velho se calou, vi aquele bando sair correndo na direção da ladeira, como quem vai sem saber aonde. E a nossa partida não foi menos ligeira.

Personagens e símbolos do Canto III

- 3.1 O corpo com o qual Virgílio poderia fazer **sombra** encontra-se enterrado em Nápoles, para onde foi transferido, por ordem de Augusto, após sua morte em 19 a.C. Se já entardece em Nápoles, amanhece no purgatório (veja relógio na nota 2.1).

Canto III

Na sua súbita fuga as almas se dispersaram, correndo na direção do monte ao qual a razão nos impele, mas eu me aproximei mais do mestre, pois, sem sua ajuda, como poderia eu escalar aquela montanha? Ele ainda me parecia tomado pelo remorso por causa da repreensão de Catão.

O Sol, brilhando nas nossas costas, projetava minha sombra sobre o chão à minha frente. Mas só havia uma sombra! Fiquei aterrorizado e pensei, por um instante, que o mestre havia me abandonado. Mas, logo olhei para o lado e respirei aliviado ao confirmar que seu espírito estava lá. Sentindo meu espanto, Virgílio me indagou:

— Por que estás desconfiado? Não acreditas que eu estou aqui ao teu lado, te guiando? O corpo, com o qual eu fazia sombra, está sepultado lá em Nápoles, onde agora já entardece. Não te assustes, mas aceita os mistérios de Deus.

Já nos aproximávamos do pé do monte, cuja inclinação era tão grande que deduzimos que a subida por ali seria impossível.

— E agora? Quem saberá para que lado diminui a inclinação desta encosta? — comentou o mestre, enquanto estudava uma possível solução para que pudéssemos prosseguir.

Enquanto ele falava eu fiquei a admirar a impressionante altura daquela montanha. Quando baixei a vista, uma multidão de almas já se aproximava à minha esquerda. Elas vinham lentamente. Chamei a atenção de Virgílio:

- 3.2 **Manfredo** (1232-1266), filho do imperador Frederico II e neto de Henrique VI e sua esposa **Constância**, assumiu o reino da Apulia e da Sicília após a morte do seu pai em 1250. Foi afastado do poder por seu meio-irmão Conrado IV, mas na morte deste, retomou o poder e foi coroado em Palermo, em 1258. Manfredo tinha grande popularidade entre seus súditos mas a Igreja, não o reconhecia seu direito ao trono. Considerado um guibellino e um herege, foi excomungado pelo papa Clemente IV que indicou para ocupar o seu lugar **Carlos de Anjou**. Carlos invadiu a Itália em 1265 com o exército do papa e em 1266 depôs e matou Manfredo na **batalha de Benevento** [Longfellow 67]. Depois de uma busca de três dias, o corpo de Manfredo foi encontrado e Carlos autorizou que ele fosse enterrado com honras, nos pés da ponte em Benevento, sob uma pilha de pedras depositadas pelos soldados. Mas posteriormente, o **bispo de Cosenza** (nota 3.5) mandou desenterrar o corpo, sob as ordens do papa, e jogá-lo às margens do rio Verde, fora dos territórios da Igreja. [Sayers 55]
- 3.3 **A imperatriz Constância** (1154-1198) era a esposa de Henrique VI e mãe de Frederico II da Sicília.

— Mestre, olha lá! Talvez possam nos ajudar.

Ele olhou, com alívio, e disse:

— Vamos lá encontrá-los pois eles vêm muito devagar. E tu, meu filho, confirma a tua fé.

Depois de caminhar uns mil passos, embora ainda distantes, as almas nos viram e pararam, temerosas. Virgílio aproveitou:

— Ó venturosos espíritos eleitos — gritou — por aquela paz que todos vós aguardais, mostrai-nos o melhor caminho para que iniciemos nossa subida!

Como ovelhas assustadas que saem do seu curral, as almas começaram a se movimentar lentamente, até que finalmente, voltaram caminhar em nossa direção. Mas, quando perceberam a sombra que se formava à minha direita, se estendendo até a encosta, pararam assustadas, e recuaram, tomadas pelo terror.

— Antes que pergunteis — continuou Virgílio —, eu vou logo vos dizendo que este que está comigo é humano e está vivo. Por isso ele interrompe a luz do Sol. Não tendes certeza que, sem o poder proveniente do céu, jamais ele tentaria vencer esta parede.

Assim falou o mestre e então aquelas almas fizeram sinais e gestos para que nós as encontrássemos.

— Vinde conosco — disseram —. Caminhei na nossa frente!

Mais próximo, um deles me falou:

— Quem quer que sejas, olha para mim enquanto caminhas e pergunta a ti mesmo se já me viste antes.

Eu me virei e olhei para seu rosto. Era louro e belo e de aspecto gentil, mas havia um corte no seu cílio. Quando eu lhe disse que não lembrava tê-lo visto antes, ele pediu:

- 3.4 Quando os excomungados eram levados em procissão ao seus túmulos, as **velas funerárias** eram primeiro apagadas e depois levadas, junto ao morto, viradas de cabeça para baixo. [Musa 95]
- 3.5 **O pastor de Cosenza** é provavelmente Bartolomeo Pignatelli ou seu sucessor Tommaso d'Agni [Musa 95].
- 3.6 Clemente é o **papa Clemente IV**, que teria mandado o bispo de Cosenza (*nota 3.5*) desenterrar o corpo de Manfredo e transferi-lo para fora das terras da Igreja.
- 3.7 **Constância** (também) é o nome da filha de Manfredo, que se casou com Pedro III de Aragão em 1262, e recuperou a soberania sobre a Sicília. Um dos filhos de Constância se tornou rei de Aragão. O outro assumiu o trono da Sicília.[Musa 95]
- 3.8 Os **excomungados** são condenados a vagar pela encosta do monte por 30 vezes o tempo em que negaram a Santa Igreja. Chegaram ao purgatório porque se arrependeram no último instante (se não fosse assim, estariam no inferno).
- 3.9 Manfredo, os outros excomungados e as almas que serão encontradas por Dante e Virgílio nos cantos seguintes não estão no purgatório propriamente dito mas esperam ter a permissão de lá entrar depois de passar por um período de espera. Essas almas habitam o **Ante-purgatório**, e pedem que os vivos lembrem deles em suas **orações**, pois isto diminui o tempo de espera.

— Olha! — e me mostrou uma ferida no seu peito. — Eu sou Manfredo, neto da imperatriz Constância. Para a tua volta eu te peço um favor, que conte a verdade à minha bela filha, rainha da Sicília e de Aragão. Quando o meu corpo finalmente sucumbiu, após duas feridas mortais, eu me rendi chorando a quem de bom grado sempre perdoa. Terríveis foram os meus pecados, mas a bondade infinita com seus grandes braços sempre acolhe aquele que se arrepende. Se o pastor de Cosenza, enviado por Clemente para me perseguir, tivesse entendido melhor a palavra de Deus, cada osso do meu corpo ainda estaria ao pé da ponte em Benvenuto, sob a guarda de uma pilha de pedras. Mas agora eles são levados pela chuva e pelo vento, para longe do reino, pelo rio Verde, aonde ele os trasladou com velas apagadas. Não há maldição que não possa ser anulada pelo eterno amor, enquanto ainda restar um fio de esperança. Mas quem morre tendo negado a Santa Igreja e só no fim se arrepende, tem que aguardar nesta encosta trinta vezes o tempo que passou na sua presunção, a não ser que tal decreto seja encurtado por boas preces. É assim que podes me fazer feliz revelando à minha filha Constância que me viste aqui, pois pelas orações dos que estão lá no mundo, muito tempo se ganha aqui.

Personagens e símbolos do Canto IV

- 4.1 Quem afirma que **mais de uma alma habita no corpo** é **Platão**. Na sua doutrina uma alma vegetativa habita no fígado, uma alma sensitiva no coração e uma alma intelectual do cérebro. Platão diverge de Aristóteles (que influenciou Tomás de Aquino e Dante) que afirma que a alma é uma só e tem três potências: viver, sentir e raciocinar. Dante apresenta toda essa doutrina em um discurso no *Canto XXV*.

Canto IV

Quando algum dos nossos sentidos se entrega à intensidade do prazer ou da dor, naquele momento, ele toma toda a atenção da alma, que ignora quaisquer outros poderes. Isto mostra o engano de quem afirma que mais de uma alma habita em nossos corpos. Portanto, quando se ouve ou se vê alguma coisa, que captura a atenção total da alma, o tempo passa sem que percebamos. Disso tive experiência verdadeira enquanto escutava aquele espírito, pois sem que eu percebesse, o Sol subira bem cinqüenta graus de seu caminho até que o grupo finalmente parou, e gritou a uma só voz:

— É aqui o lugar por onde podereis subir.

O caminho era uma fenda estreita e íngreme. Entre as paredes da passagem o mestre foi na frente e eu o segui atrás. A subida era quase vertical de forma que era preciso usar os pés e as mãos para escalar o precipício. Quando finalmente chegamos ao topo, deixando a fenda, encontramos uma ladeira aberta.

— Mestre — perguntei —, e agora? O que faremos?

— Não mude teu passo — respondeu —, mas segue-me. Vamos continuar a subir a montanha até que encontremos um guia disposto a nos indicar o caminho.

O pico estava tão alto que a minha vista não o alcançava. A encosta continuava íngreme. Me parecia ter mais de quarenta e cinco graus de inclinação. Isto só aumentava o meu cansaço, e pedi:

— Ó doce pai, volta-te e olha para mim, pois se tu continuares nesse passo, eu certamente ficarei para trás.

4.2 Devido à inclinação do eixo da terra em relação ao eixo de sua órbita em torno do Sol, a trajetória aparente do astro, para um observador situado de frente para o oriente, poderá ocorrer à sua esquerda, à sua direita ou diretamente sobre a sua cabeça. Para os observadores ao norte do trópico de Câncer, o Sol sempre passará à direita. Estando ao sul do trópico de Capricórnio, o observador que assiste o nascer do Sol verá o mesmo passar à sua esquerda. Na região tropical, a posição do Sol dependerá da estação do ano. Como praticamente toda a civilização ocidental conhecida na época de Dante vivia no norte da Ásia, África e Europa, Dante estranha **o Sol do lado esquerdo**. Veja diagrama abaixo mostrando o fenômeno descrito por Virgílio.

— Meu filho — disse Virgílio — é preciso que faças mais um pequeno esforço. Precisamos subir só mais um pouco até ali. — e apontou para um patamar não muito longe, rodeando o monte.

Suas palavras me incentivaram e eu me esforcei, rastejando e subindo, até finalmente por os pés naquele terraço. Lá sentamos, voltados para o oriente, e olhamos para baixo para ver o caminho que ficou para trás. Procurei o Sol, e me espantei ao vê-lo à nossa esquerda. O poeta, percebendo minha admiração, decidiu falar:

— Se fosse verão (no hemisfério norte), tu verias o Sol mais próximo ainda do norte. Se ainda não compreendes como o Sol pode estar daquele lado, imagina este monte, sobre a Terra, em oposição a Jerusalém, de forma que ambos tenham o mesmo horizonte, porém hemisférios distintos. Se o Sol percorre um mesmo caminho circular, quando passa por Jerusalém de um lado terá que, necessariamente, quando passar por aqui estar do lado oposto.

— Certo, mestre meu — disse-lhe —, agora eu finalmente entendi esta questão dos círculos móveis do céu. O Equador celeste, que os hebreus vêem ao sul, está para nós ao norte, na mesma distância. Mas deixa por favor que eu te pergunte, quanto mais teremos que escalar até chegar ao pico que eu sequer consigo ver?

— Esta montanha é tal — respondeu — que o início de sua escalada é muito difícil. Mas, à medida em que formos subindo, o esforço exigido será cada vez menor, até que chegaremos a um ponto onde nenhum esforço será necessário para subir mais. Quando estivermos lá, teremos chegado ao seu pico.

Ele mal havia acabado de falar quando, junto a nós, soou outra voz, que disse, ironicamente:

— Talvez antes disso terás que te sentar.

- 4.3 **Belacqua** era um fabricante de instrumentos musicais. Segundo Benvenuto de Imola “ele era um florentino que construía violões e outros instrumentos musicais e às vezes também tocava-os. Dante, que gostava de música, conhecia-o muito bem.” [Longfellow 67]
- 4.4 **Cronologia:** é quase meio-dia, pois são 6 horas de diferença em relação a Marrocos (veja diagrama na nota 2.1).
- 4.5 Belacqua representa as **almas que se arrependeram tarde por preguiça e falta de interesse**, deixando para fazê-lo na última hora, quando não havia mais tempo para pecar. Essas almas, como os excomungados, são obrigadas a esperar no Ante-Purgatório, o mesmo tempo que viveram na Terra. Ocupam, porém, uma posição mais alta, no segundo terraço. Durante o período de suas penas as almas nada fazem a não ser esperar, vivendo, mais ou menos, da mesma forma como viviam na Terra.

Ambos viramos o olhar na direção da voz, que vinha de uma grande pedra. Abaixo dela estavam várias pessoas espreguiçadas sob sua sombra. Uma delas, parecendo a mais cansada, abraçava os joelhos deixando a cabeça cair entre as pernas.

— Mestre olha só aquele ali — aponteí —. Parece até o irmão da própria preguiça.

Ouvindo o que eu falei, movendo apenas a cabeça bem devagar e levantando o olhar pela coxa, ele disse:

— Ora, então sobe tu, já que és tão valente!

Depois disso eu já sabia quem era. Embora cansado, consegui me arrastar até ele que, ao me ver, levantou o rosto de leve, dizendo:

— E então, conseguiste entender porque o Sol caminha pelo lado esquerdo?

Seu jeito preguiçoso e seu sarcasmo me fizeram sorrir, e não tive dúvidas que era ele.

— Belacqua — eu disse —, que bom te ver aqui. Não preciso mais me preocupar com teu destino. Mas o que fazes aqui sentado? Estás esperando um guia ou ainda estás tomado pelo vício antigo?

— Ó irmão — murmurou ele —, que adianta subir? Não posso cumprir minha pena pois o anjo que guarda a porta me nega passagem. Antes que eu possa iniciar minha purgação, os céus devem girar tantas vezes quanto giraram enquanto eu vivia, pois deixei para me arrepender no último instante. Permaneço, portanto, aqui, a menos que meu tempo seja reduzido por orações de um coração que vive em estado de graça.

Enquanto eu falava o poeta já começava a subir novamente.

— Vamos — chamou —, pois o Sol já chegou ao meio do céu. A esta hora, a noite já avança sobre Marrocos.

Personagens e símbolos do Canto V

- 5.1 O **Miserere** é o *Salmo 51*, que começa *Miserere mei, Domine...* (“Tem misericórdia de mim, ó Senhor...”) É a oração das almas que se arrependeram na hora da morte, sem ter tido tempo para confessar seus pecados e receber a extrema unção. Neste terraço, essas almas ocupam uma posição superior aos preguiçosos, e tem uma oração (negada àqueles), pois as circunstâncias foram parcialmente responsáveis pela sua morte (enquanto os preguiçosos deixaram para a última hora por motivos menos significantes).

Canto V

Eu já me afastava daquelas sombras, acompanhando os passos do meu guia, quando uma delas, me apontando o dedo, gritou:

— Vejam! Ele faz sombra! Ele interrompe a luz do Sol como se fosse vivo!

Ouvindo essas palavras, olhei para trás e vi as almas, espantadas com a minha forma humana e minha sombra.

— Por que tua mente se dispersa tanto? — reclamou o mestre. — Te interessa o que essas almas murmuram? Me acompanha e deixa que elas falem sozinhas! Aquele que deixa que seus pensamentos sejam interrompidos por qualquer coisa, perderá a vista de sua verdadeira meta, e terá sua mente enfraquecida.

— Eu já vou! — respondi. Que outra resposta poderia eu ter dado? Meu rosto, enrubescido pela vergonha já dizia tudo.

Enquanto isso, pela encosta adiante, um outro grupo de almas passava cantando o *Miserere* verso a verso. Quando viram que a luz não atravessava a minha forma como deveria, o grupo mudou seu canto para um “Ohhh” longo e rouco.

Depois vieram duas almas, correndo, e perguntaram:

— Quem sois vós? — e a Virgílio — Por que a luz não o atravessa?

— Podeis retornar e dizer aos vossos que o corpo deste aqui é de carne verdadeira — respondeu o mestre —. Se a visão de sua

- 5.2 **Jacopo del Cassero** (o primeiro espírito que se dirige a Dante) era guelfo de Fano (região entre a Romanha e o reino de Nápoles, que na época estava sob o governo de Carlos de Anjou) e podestà de Bolonha. Ele fazia oposição ao tirano **Azzo III de Este**. Em 1298, enquanto viajava de Bolonha para Milão, Cassero foi surpreendido e brutalmente assassinado pelos homens de Azzo em **Oriago**, um vilarejo situado às margens de um pântano (hoje conhecido como a laguna morta) entre Veneza e Pádua (terra de **Antenor**). [Sayers 57][Musa 95]
- 5.3 **Buonconte** era filho de Guido de Montefeltro (veja *Inferno, Canto XXVII*). Ele liderou as forças guibelinas contra os guelfos de Florença na batalha de Campaldino (*nota 5.4*), ocorrida em junho de 1289. Entre os guelfos, na primeira fila da cavalaria, estava Dante Alighieri. O exército guelfo venceu e Buonconte foi morto mas seu corpo nunca foi encontrado.

sombra, presumo, os confundiu, agora o sabem, e lhes será conveniente honrá-lo.

Logo que o mestre terminou de falar, as duas almas correram de volta ao seu grupo.

— Essa gente toda agora virá te fazer perguntas. — comentou Virgílio — Presta atenção no que elas te disserem, mas não pares; continues a caminhar enquanto escutas.

— Ó alma que segues para a tua alegria — gritou um deles —, pára, por um momento, e olha se conheces algum de nós. Ah! Por que vais? Por que não paras? Olha-nos! Cada um de nós encontrou a morte violenta e foi pecador até o último instante, quando a luz do céu nos iluminou com seu perdão.

— Eu vos vejo mas não reconheço ninguém — respondi —. Se houver alguma coisa que eu possa fazer para agradar-vos, dizei, que eu farei.

— Se algum dia viajares entre a Romanha e o reino de Charles de Anjou, — falou o primeiro — pede aos povos de Fano que façam orações por mim, para que eu possa logo começar a purgar minha culpa. Eu fui daquelas terras, mas morri nas de Antenor, por ordem de Azzo de Este, que me odiava mais que o seu direito admitiria. Eles me surpreenderam em Oriaco, atolei nos juncos e vi surgir no brejo, um lago de sangue das minhas veias.

Depois que ele se calou, outra alma se aproximou, e falou:

— Que o teu desejo, que o traz ao alto monte, seja cumprido, mas, tende piedade e me ajuda também. Eu fui de Montefeltro, eu sou Buonconte. Ninguém mais quer saber de mim, nem mesmo a minha Giovanna, e por isso ando cabisbaixo entre os outros daqui.

- 5.4 **Batalha de Campaldino:** Em 1267, o exército de Carlos de Anjou expulsou os guibelinos de Florença que haviam tentado um golpe para retomar o poder na cidade. Vinte anos depois, a maior parte deles residia em Arezzo, que logo caiu sob o poder dos guibelinos. Os guelfos aretinos se revoltaram e obtiveram algum sucesso, mas enfraquecidos, não suportariam um outro golpe. Em junho de 1289, um exército formado por 1600 cavaleiros e 10 mil soldados, oriundos de Florença, Luca, Prato, Pistóia, Siena, Bolonha e outras cidades guelfas marchou em direção a Arezzo e encontrou o exército guibellino no distrito de Certamondo, nos campos de Campaldino. A batalha foi vencida pelos guelfos que mataram mais de 1700 guibelinos e prenderam outros dois mil. (*Villanni, citado em* [Sayers 49 e 57])
- 5.5 O distrito do **Casentino** é cercado pelas montanhas do Pratomanho e dos Apeninos. O rio **Arquiano**, nasce nos Apeninos e flui para o Arno. É nesse ponto onde **o rio muda de nome** (deixa de se chamar Arquiano e passa a se chamar Arno).
- 5.6 **Pia dei Tolomei** era filha de uma família de Siena. Casou-se com um líder guelfo chamado Nello ou Paganello que era senhor do Castelo della Pietra (entre outros castelos) em **Maremma**. Por causa de ciúmes ou porque desejava casar-se com uma herdeira mais rica, Nello levou Pia para o Castelo de Pietra e lá ele a matou. Uma das versões do assassinato relata que ela teve uma morte súbita, tendo sido, pelo marido, atirada de um precipício ou da janela do castelo [Sayers 57].

— Buonconte, o que aconteceu contigo em Campaldino? — perguntei — Onde foi parar o teu corpo que nunca foi encontrado?

— Oh, tu saberás! — respondeu ele — Ao pé do Casentino corre um rio chamado Arquiano, que nasce nos Apeninos. Lá onde ele muda de nome eu cambaleava a pé, com a garganta perfurada, cobrindo o chão de sangue. Lá eu perdi a visão e a fala acabou quando pronunciei o nome de Maria. Lá eu caí, e só restou minha carne vazia. Digo a verdade e tu a anuncia: o anjo de Deus me levou, mas o do Inferno reclamou, insatisfeito: “Ó tu, do céu, por que me roubas? Tu levas este para o céu por causa uma lagrimazinha à toa? Ah, mas deixa que eu sei o que fazer com o corpo!” Então o demônio uniu o mal ao intelecto, movendo o fumo e o vento, pelo dom que a natureza lhe concede. Cobriu o vale de névoa tão escura que logo a chuva caiu numa tempestade. A água seguiu pelos fossos na direção do grande rio e formou uma enxurrada tão violenta que, ao chegar ao Arquiano, arrastou o meu corpo gelado, lançando-o para dentro do Arno; desfez a cruz que meus braços faziam sobre o peito, e jogou-me no fundo do seu leito.

— Por favor — pediu outra alma, quando Buonconte terminou — quando voltares ao mundo, lembra-te de mim! Eu sou Pia. Nasci em Siena, morri em Maremma, como bem sabe aquele que me cativou e desposou.

Personagens e símbolos do Canto VI

- 6.1 O juiz aretino **Benincasa di Laterina** foi assessor do Podestà de Siena e na época, proferiu uma sentença de morte contra um parente do nobre e poderoso **Ghin de Tacco**. Ao tomar conhecimento do poder que Ghin exercia em Siena, Benincasa apressou-se em deixar a cidade e obter transferência para Roma. Mas Ghin o perseguiu e, disfarçado como um peregrino, conseguiu ter acesso ao escritório do juiz. [Sayers 55] Um dos relatos afirma que, após matar sua vítima, Ghin escapou sem ser incomodado, levando consigo a cabeça do juiz [Musa 95].
- 6.2 **Guccio dei Tarlati** de Pietramala foi um aretino que morreu afogado ao tentar atravessar o rio Arno fugindo de seus inimigos, após uma batalha de guelfos contra guibelinos em Bibbiena. [Longfellow 67].
- 6.3 **Frederico Novello** era filho do Conde Guido Novello e neto do conde Ugolino della Gherardesca (*veja Inferno Canto XXXIII*). Foi morto em 1291 pelos guelfos da família Bostoli durante batalha ocorrida no Casentino [Musa 95].
- 6.4 **Farinata de Pisa** é filho de **Marzucco** degli Scornigiani. Marzucco foi um jurista que, ao se aposentar, entrou para a ordem franciscana. Quando seu filho, Farinata, foi assassinado (por Beccio da Caprioni ou pelo Conde Ugolino della Gherardesca), Marzucco não buscou vingança mas perdoou os assassinos.
- 6.5 O **Conde Orso** degli Alberti, filho de Napoleone degli Alberti (e neto do Conde Alberto di Mangona) foi morto pelo primo Alberto, filho de Alessandro degli Alberti (irmão de Napoleone). Dante encontrou os irmãos Napoleone e Alessandro na Caína (*Inferno, canto XXXII*).
- 6.6 **Pier de la Broccia** (Pierre de la Brosse) era conselheiro e cirurgião de Filipe III, da França (*nota 7.11*). Foi enforcado em 1276 por causa de uma falsa acusação de traição inventada pela rainha, a segunda esposa de Filipe, **Marie de Brabant**. Marie o acusara de ter tentado seduzi-la. [Longfellow 67]

Canto VI

Todas as almas me cercavam, implorando por atenção. Eu me virava de um lado para outro, atendendo aos seus pedidos e com promessas eu ia, aos poucos, escapando.

Lá estava Benincasa, o juiz aretino que foi morto por Ghin di Tacco; lá estava Guccio, que, durante a batalha, se afogou no Arno ao perseguir seus inimigos. Com as mãos estendidas, Frederico Novello implorava por minha atenção, junto com Farinata de Pisa. Vi ainda o conde Orso e, pouco depois, Pierre de la Brosse, vítima do ódio e inveja da rainha de Brabant, esta que, ainda estando viva, deve cuidar para não acabar no Inferno.

Depois que finalmente consegui me livrar da multidão de almas, que apenas pediam que os vivos orassem por eles, indaguei ao mestre:

— Me parece que tu negas, mestre, em algum texto teu, que a oração teria poderes para mudar os decretos divinos. Porém estas pessoas imploram exatamente por orações! Que significa isto? Será que todas as suas esperanças são vãs? Ou será que eu não te compreendi bem?

— O que eu escrevi é bastante claro, e significa exatamente o que parece — respondeu Virgílio —, mas se prestares bem atenção, verás que suas esperanças têm fundamento. A justiça suprema não é abalada quando um amor sincero e ardente cumpre, de imediato, a pena imposta a estas almas. E lá onde eu escrevi sobre este assunto,

6.7 A identidade de **Sordello** é incerta. Alguns comentaristas afirmam que se trata de Sordello de Goito, aventureiro e trovador nascido nos arredores de Mântua, aproximadamente em 1200. Todos os registros sobre sua vida após 1269 se perderam, mas há uma tradição que afirma que ele teve uma morte violenta. Sordello escreveu vários poemas em provençal, dos quais, uns 40 foram preservados. Um desses poemas faz duras críticas a todos os mais influentes príncipes da Europa. Ele abandonou sua língua natal e seu país, chegando a lutar contra a Itália sob bandeira francesa. Talvez por isso, diz Dorothy Sayers, “o encontramos tão solitário e pensativo. A emoção nele despertada pela simples menção de sua cidade natal é por essa razão mais chocante, e isto provoca em Dante a indignação que o faz proferir seu discurso irônico contra a Itália.” [Sayers 55] Na mesma época, porém, havia **outro Sordello**, também de Mântua, que não renegou seu país nem sua língua natal e chegou a ser podestà de Verona. Alguns comentaristas afirmam tratar-se da mesma pessoa, mas Henry Wadsworth Longfellow observa que Dante, no seu tratado *De Vulgari Eloquentia*, “fala de Sordello de Mântua como um homem tão cuidadoso com seu idioma que, não somente nos seus poemas, mas mesmo quando falava, abandonava o sotaque de sua província. Mas aqui não se discute o provençal usado por Sordello, o trovador, mas apenas os dialetos italianos em comparação com o italiano universal, que Dante afirma pertencer a todas as cidades italianas. No mesmo tratado, Dante menciona um certo Gotto de Mântua como o autor de várias canções muito boas. Este Gotto deveria ser Sordello, uma vez que Sordello nasceu em Goito na província de Mântua. Mas será que Dante se referiria à mesma pessoa no mesmo tratado sob dois nomes diferentes?” Longfellow prossegue, defendendo a identidade de Sordello como sendo “não o trovador, mas o velho Podestà de Mantua, um guibelino tão assumido quanto o próprio Dante, e Dante profere diante dele sentimentos que ele bem sabe que os zelosos guibelinos irão compartilhar. E o que confirma nossa suposição ainda mais é que Sordello abraça os joelhos de Virgílio, dizendo, ‘Ó, glória dos latinos’ (no *Canto VII*). Nessa admiração e amor à língua latina vemos o podestà, escritor de latim; não vemos o trovador.” [Longfellow 67]

eu me referia à prece daqueles que não têm acesso a Deus. Mas não tentes resolver agora esta questão. É questão de fé e eu não entendo. Espera encontrares Beatriz pois ela será para ti a luz entre a verdade e o intelecto.

— Senhor — falei — vamos então apressar o nosso passo, pois eu prometo não me cansar mais. E veja! A montanha agora já faz sombra!

— Nós continuaremos enquanto durar a luz do dia — respondeu ele — mas as coisas não são da forma como parecem. Por mais que nos apressemos, não chegaremos ao pico antes que o Sol, que agora se esconde atrás da montanha, ressurja. Mas vê aquela alma solitária que nos olha. Ela nos mostrará o melhor caminho.

Nós caminhamos na direção do espírito, que, calado, não falou uma palavra sequer. Virgílio então se dirigiu a ele e perguntou sobre o melhor caminho para subir. A sombra ignorou a pergunta, perguntando sobre nossa origem. Quando o mestre começou falando “Mântua...”, a sombra, antes contida, se levantou dizendo:

— Ó mantuano, eu sou Sordello da tua terra! — E depois, os dois se abraçaram.

Ah serva Itália, lar do pesar, nau sem piloto em grande tempestade, não és nenhuma rainha de províncias, mas um bordel! Como foi presta, aquela alma gentil, só pelo doce nome de sua terra a fazer festa ao encontrar seu concidadão. Mas agora, não vives sem guerra, e mesmo aqueles que moram dentro das mesmas muralhas, vivem devorando uns aos outros. Busca, miserável, no teu interior e nas tuas costas, se há algum lugar que esteja em paz segura. Os padres deveriam ser devotos e cuidar das coisas de Deus, deixando a César o que é de César. Ó Alberto, imperador, tu abandonas a Itá-

- 6.8 **Alberto I** da Áustria (1248-1308) herdou de seu pai, Rodolfo de Habsburgo (*nota 7.7*), o trono do Sagrado Império Romano, após derrotar seu concorrente, Adolfo de Nassau, vencido e morto por ele em batalha. Sua eleição desagradou ao papa Bonifácio VIII, mas teve sua legitimidade reconhecida, porém nunca foi à Itália para ser coroado pelo papa. Alberto foi sucedido pelo imperador Henrique de Luxemburgo, depois de ser morto violentamente em 1308 pelo seu sobrinho.[Longfellow 67][Pinheiro 60]
- 6.9 **Montecchi** e **Cappelletti** eram duas famílias rivais de Verona, cujas brigas foram tema da peça *Romeu e Julieta* de William Shakespeare.
- 6.10 **Monardi** e **Filipeschi** eram duas famílias rivais de Orvieto.
- 6.11 Dante aproveita a ocasião para fazer um **discurso** onde expõe seus pontos de vista em relação à decadência da Itália. Ao clamar pelo poder do império (“Ó César meu...”) que abandonara as cidades italianas, deixando que elas se corrompessem e fossem dominadas por tiranos, Dante demonstra concordar com ideais defendidos pelos guibelinos.

lia, deixando que, sem governo, ela se rebelde como uma fera indomável e selvagem. Como teu pai, ávido por dominar outras terras, tens permitido que o jardim do império seja esquecido. Vem ver os Montecchi e Cappelletti, os Monaldo e Filippeschi, arruinados e temerosos do seu destino. Vem, ó cruel, vem ver o sofrimento de teus nobres. Vem para a tua Roma que chora, viúva e só, e que dia e noite chama: “Ó César meu, por que me abandonaste?” Mas vem ver como a gente se ama! E, se não tens piedade de nós, vem para te envergonhares de tua fama.

É lícito pensar, ó sumo Jove, que foste na Terra por nós crucificado, que teus justos olhos não mais nos olham? Ou é parte de um grande plano que preparas para o nosso bem e que somos incapazes de compreender? Todas as cidades da Itália estão dominadas por tiranos. Mas tu, Florença minha, deves ficar contente com esta digressão que não te toca. Muitos têm a justiça no coração; pensam antes de julgar, mas a tua gente abre a boca sem pensar. Muitos recusam altos cargos, discretamente, mas o teu povo solícito responde, sem ser chamado: “Eu me submeto!”. Mas alegra-te! Tu que és rica, sábia e que vives em paz! Tua ordem e justiça são incomparáveis. No meio de novembro as leis criadas em outubro já eram. Quantas vezes mudaste lei, moeda, ofícios, costumes e governo, Ó Florença? Se recordas bem e buscas a luz, te verás semelhante àquela enferma que não consegue descansar no seu leito macio, mas sobre si rola para fugir da dor que sente.

Personagens e símbolos do Canto VII

- 7.1 **Otaviano** era o imperador Augusto (63 a.C. a 14 d.C).
- 7.2 As **três santas virtudes** são a *fé*, a *esperança* e a *caridade*. As **outras virtudes** são as virtudes cardeais: *prudência*, *justiça*, *fortaleza* e *temperança*.
- 7.3 **A lei da montanha** impede que uma alma penitente progrida durante as horas em que o Sol não ilumina a montanha. Seu significado é alegórico. A graça divina (a luz do Sol), deve estar sempre presente durante a penitência, caso contrário a alma só pode esperar, ou até regredir (descer), pois não terá luz que possa guiá-la. Como os penitentes desejam o Paraíso, não têm vontade de subir guiados pelas trevas pois podem estar rumando para o abismo. Comentaristas observam que a lei reflete as palavras de Cristo em *João 12:35*: “Então Jesus lhes disse: A luz ainda está convosco por um pouco. Andai enquanto tendes luz, para que as trevas não vos apanhem. Quem anda nas trevas não sabe para onde vai.” [Longfellow 67]
- 7.4 **O vale dos príncipes** é o jardim onde ficam os líderes que foram atentos às suas obrigações políticas, mas negligentes com suas obrigações espirituais.
- 7.5 **Salve Rainha**: hino da igreja criado no século XI, que começa (em latim): *Salve Regina, mater misericordiae, Vita, dulcedo et spes nostra, salve*. [Longfellow 67]
- 7.6 **Os preocupados** formam o terceiro grupo dos que se arrependeram tarde. Os *primeiros* mudaram de idéia na hora da morte violenta. Os *seguintes*, deixaram para a última hora por preguiça. Estes também deixaram para se arrepender de seus pecados na última hora, porém não por causa de preguiça mas de suas preocupações com os problemas mundanos. Como sua preocupação era, antes de tudo, voltada às outras pessoas, essas almas ocupam o lugar mais alto e mais bonito do Ante-purgatório. Mesmo aqui, continuam a discutir os assuntos que lhes tomavam o tempo na Terra, enquanto esperam pela oportunidade de atravessar a porta de São Pedro.
- 7.7 **Imperador Rodolfo** (1218-1291): primeiro imperador da Alemanha e que deu início à dinastia de Hapsburgo. Em 1273 foi nomeado rei do Sagrado Império Romano e imperador da Alemanha. Entrou em conflito com

Canto VII

Depois de ter abraçado Virgílio umas três ou quatro vezes, Sordello se afastou e perguntou-lhe:

— E então, quem és tu?

— Antes que este monte fosse usado para a purgação das almas dignas de subir a Deus — respondeu Virgílio —, Otaviano já sepultara os meus ossos. Eu sou Virgílio. Eu não perdi o céu por causa de erros meus mas apenas por falta de fé.

Como alguém que é surpreendido por algo que não espera, que crê e duvida, e diz “É... não pode...”, assim ficou Sordello. Depois ele se ajoelhou e abraçou os joelhos de Virgílio, como um servo a um mestre.

— Ó glória dos latinos — disse —, por quem foi mostrado o valor da nossa língua. Ó gênio imortal da minha terra, que mérito ou graça permite que eu possa conhecer-te? Dize-me, se eu sou digno de tuas palavras, se vens do Inferno, e de qual parte?

— Passei por todos os círculos do reino das trevas — respondeu — antes de chegar aqui. A virtude celeste me mostrou o caminho, e com ela eu venho. Não o que eu fiz, mas o que não fiz, me fez perder a vista do alto Sol que tu procuras. Vim do limbo onde não há sofrimento, apenas escuridão. Lá eu permaneço com aqueles que não conheceram as três santas virtudes, mas puderam conhecer as outras e cumpri-las. Mas, se souberes, mostra-nos um caminho que leve ao início do Purgatório.

Ottokar II, o rei da Boêmia, que se negava a aceitar a autoridade de César assumida por Rodolfo. À força, Rodolfo tomou de Ottokar a Áustria, a Stíria, a Coríntia e outras possessões. Ottokar tornou-se seu maior inimigo, e passou a vida lhe enfrentando. [Pinheiro 60]

- 7.8 **Ottokar II**, rei da Boêmia (1253 a 1278). Era também soberano de vários principados da Alemanha como a Áustria, Coríntia, Camíola, Stíria e grande parte da Prússia. Por sua grande influência e poder, foi indicado para assumir o império da Alemanha, mas, por não concordar com o Império, rejeitou o convite. Rodolfo (*nota 7.7*), que acabou sendo escolhido imperador, quis que Ottokar se sujeitasse aos costumes do Império, incluindo a cerimônia de homenagem ao novo Imperador. Mas Ottokar não reconhecia a autoridade de Rodolfo. Este, então declarou guerra a Ottokar e tomou-lhe a maior parte dos estados. Ottokar foi morto na batalha de Laa em 1278. [Pinheiro 60]
- 7.9 O bom rei **Wenceslau IV** (1270-1305): filho de Ottokar II (*nota 7.8*). Por ser de menor quando seu pai faleceu, não pode assumir o trono, que foi ocupado pelo marquês de Brandenburgo. Cinco anos depois, em 1283, tornou-se soberano da Boêmia. Em 1300 foi eleito rei da Polônia e alguns anos depois foi-lhe oferecida a Hungria, que não aceitou, deixando-a para seu filho Wenceslau V. Wenceslau tinha fama de ser uma pessoa de índole pacata e mansa, e seu curto reinado foi marcado pela paz. [Pinheiro 60]
- 7.10 **O gordo é Henrique de Navarre**, irmão de Tebaldo (o bom) e pai de Joana, a esposa de Felipe IV, o belo (*veja nota 7.12*). Henrique foi rei de Navarre de 1270 a 1274. A causa de sua morte em 1274 teria sido “sufocamento pela própria gordura.” [Musa 95]
- 7.11 O espírito de **nariz achatado é Felipe III, o ousado** (1245-1285), rei da França (1270-1285): filho de Luís IX e Margarida de Provença, pai de Felipe IV (*veja nota 7.12*). Casou-se com Isabel de Aragão (1262) e depois com Marie de Brabant (1274) (*nota 6.6*). Esta última esposa levou-o a condenar ao enforcamento seu cirurgião Pierre de la Brosse (*nota 6.6*) [Larousse 95]. Foi derrotado em batalha na tentativa de reconquistar a Sicília para seu tio, Carlos de Anjou (*nota 7.15*), e morreu pouco depois.
- 7.12 **O Mal da França é Felipe IV** (o belo) (1268-1314), filho de Felipe III (*nota 7.11*) com Isabel de Aragão, e genro de Henrique de Navarre (*nota 7.10*). Foi

— Nós não somos obrigados a ficar em um único lugar — respondeu Sordello —, portanto, posso ser vosso guia e subir até onde me for permitido. Mas o dia já chega ao fim e não podemos subir à noite, portanto é bom pensar em uma boa pousada. Há um grupo de almas aqui à direita e, se me consentires, te levarei até elas. Tu sentirás prazer em conhecê-las.

— Como é isso? — perguntou o meu guia — Seria uma alma impedida de subir à noite ou seria ela incapacitada?

Com o dedo, Sordello desenhou uma linha no chão e disse:

— Vês? Depois que o Sol estiver posto, tu não poderás passar desta linha. Não é porque alguém irá impedi-lo mas porque não terás vontade alguma de subir. Entretanto, poderás descer ou passear pela encosta à vontade.

— Então leva-nos — respondeu o meu senhor — ao lugar onde propões que fiquemos.

Nós partimos, guiados por Sordello, até chegar diante de uma vasta área plana que cortava a inclinação da montanha como um vale corta a terra.

— Agora — anunciou a sombra — iremos para onde esta encosta se dobra em um colo. Lá aguardaremos o novo dia.

O caminho tortuoso nos levou até a beira do valado. Paramos numa posição que ficava mais ou menos na metade da altura da borda e de lá pudemos observar todo o vale, coberto por um jardim florido de cores mais brilhantes que quaisquer metais ou pedras preciosas já vistos na Terra, e pudemos sentir seus mil odores mesclados em um novo cheiro, nunca antes sentido. “Salve Rainha”, cantavam as almas entre as flores, sentadas sobre o verde.

pai de três reis da França que o sucederam. Político extremamente hábil e de governo agressivo tendendo à tirania. O reino de Felipe foi marcado por diversos desentendimentos com a Igreja Católica, que tiveram início em 1296 quando o papa Bonifácio VIII (*nota*) publicou um documento no qual declarava que as propriedades da Igreja seriam isentas de quaisquer obrigações seculares. Felipe contestou, argumentando que, se a Igreja não fosse pagar tributos à França, então a França também não iria pagar tributos à Igreja. Imediatamente, ele proibiu a remessa de dinheiro ou produtos franceses à Igreja. Solicitou também a criação de um conselho para analisar as denúncias de heresia e corrupção por parte de Bonifácio e chegou a prender o bispo de Palmiers, Bernard Saisset, sob a acusação de traição. Por causa disso, Bonifácio decidiu excomungar o rei. Um dia antes da publicação do documento de excomunhão na Catedral de Alagna, onde Bonifácio residia, os emissários de Felipe invadiram o palácio e mantiveram o papa em cárcere privado, saqueando sua residência e o agredindo fisicamente. Bonifácio foi salvo três dias depois pelos habitantes de Alagna, mas não resistiu e morreu em Roma um mês depois aos 86 anos [Sayers 55]. A eleição de Clemente V, que transferiu a sede do papado para Avignon, anulou a excomunhão decretada por Bonifácio e selou a vitória de Felipe. O rei também se destacou por sua perseguição aos judeus, lombardos (banqueiros italianos) e cavaleiros da Ordem do Templo, motivada pelo interesse nas suas riquezas [Encarta 97]. Em 1307, Felipe mandou interrogar sob tortura 138 templários. O papa Clemente V inicialmente protestou mas acabou não resistindo à pressão e suprimiu a ordem em 1312, entregando os templários ao rei, que foram condenados à fogueira. A perseguição só terminou com a execução do grande-mestre Jacques de Molay, queimado vivo em 18 de março de 1314, marcando o fim da Ordem do Templo. Felipe se apropriou de grande parte das riquezas dos templários da França mas acabou falecendo em outubro de 1314. Parte do espólio dos templários chegou a ser transferido para a Ordem de Cristo, fundada em Portugal em 1318 por Dom Dinis, que não acatou a decisão do papa. A Ordem de Cristo teve papel fundamental no financiamento dos descobrimentos marítimos empreendidos pela Coroa de Portugal. [Larousse 95]

- 7.13 **O forte é Pedro III de Aragão** (1236-1285), filho do espanhol Jaime I de Aragão e esposo de Constança (*nota 3.7*), filha de Manfredo (*nota 3.2*). Pedro

— Não me peças — disse o mantuano — que eu desça convosco antes do por do Sol. Desta beirada tereis uma visão melhor de todos os rostos. Aquele que está sentado lá no alto é o imperador Rodolfo, que poderia ter curado as feridas que foram mortais para a Itália. O outro que parece confortá-lo é Ottokar, rei da Boêmia, pai de Wenceslau, que hoje vive no ócio e na luxúria. Aquele de nariz achatado, ao lado do gorducho, é Felipe, que foi rei. Ele morreu em batalha na fuga que trouxe desonra à Flor de Lis. Ele é o pai e o outro é cunhado do Mal da França. Veja aquele forte que canta junto com o narigudo. É Pier de Aragão. Se aquele jovem atrás deles tivesse reinado um pouco mais, o bem teria se perpetuado nas duas Sicílias. Mas Giácomo e Frederico ficaram com o trono, e a Sicília com a pior herança. Lá está Henrique da Inglaterra, o rei da simples vida, sentado sozinho. Aquele outro sentado no chão, abaixo de todos eles é Guilherme Marquês, cuja guerra com Alexandria fez chorar Monferrato e o Canavês.

se tornou rei da Sicília em 1282, sucedendo a Carlos de Anjou que foi derrotado após o massacre das Vésperas Sicilianas (*nota 7.14*). Ele foi morto perto de Barcelona, em 1285, devido a ferimentos recebidos em batalha contra os franceses. [Musa 95]

- 7.14 **Vésperas Sicilianas** (1282): insurreição contra o palácio de Anjou planejada pela resistência siciliana, liderada por Pedro III de Aragão e pelo imperador bizantino Miguel VIII Paleólogo com provável financiamento pelo papa Nicolau III [Sayers 55]. A revolta começou na segunda-feira de Páscoa, na hora em que soavam as vésperas. Iniciou-se um sangrento massacre que fez milhares de vítimas entre os de franceses residentes na Sicília. A revolta só terminou quando Carlos de Anjou foi expulso do palácio, cedendo o trono a Pedro III de Aragão. [Larousse 95]
- 7.15 **O narigudo é Carlos I de Anjou** (1220-1285). Filho de Luís VIII da França, foi rei de Nápoles e da Sicília, conde de Anjou e de Provença. Simpatizante dos ideais guelfos, Carlos foi convidado a assumir o trono de Nápoles pelo papa Urbano IV. Incentivado pelo papa Clemente IV a tomar posse do reino, entrou em guerra com Manfredo (*nota 3.2*) em Benevento (1266), ganhou e se tornou rei da Sicília e da Apúlia. Os sicilianos ficaram revoltados com o governo francês e tentaram derrubá-lo sem sucesso em 1268 [Sayers 55]. Enquanto isso, Carlos tentava transformar a Sicília em um grande império mediterrâneo. Na Itália, conseguiu a soberania sobre a Toscana e os estados pontifícios. Depois tentou se apoderar do império bizantino, tomando Corfu, Durazzo e a costa de Épiro. Tornou-se rei de Jerusalém em 1277. Mas a resistência interna foi crescendo e, em 1282, um movimento que agia na clandestinidade conseguiu levar adiante uma insurreição levando às Vésperas Sicilianas (*veja nota 7.14*) que resultou em sua derrota e o fim do seu império marítimo [Larousse 95]. Carlos morreu ao tentar retomar o governo da Sicília dois anos depois.
- 7.16 **O jovem** provavelmente é **Alfonso III**, o filho mais velho de Pedro III de Aragão, e que reinou entre 1285-1291.[Musa 95]
- 7.17 **Henrique III da Inglaterra** (1216 – 1272): rei da Inglaterra e duque da Aquitânia. Foi um príncipe fraco, de pouca iniciativa que deixou-se influenciar por sua comitiva francesa e era submisso aos abusos de Roma.



Vale dos excomungados. Ilustração de Gustave Doré (século XIX).

Derrotado por Luís IX em duas batalhas, perdeu a soberania sobre várias terras. A derrota revoltou os barões que iniciaram uma guerra civil, sob a liderança do barão Simão de Montfort, que capturou e prendeu o rei. Após a morte do barão, Henrique foi libertado pelo filho Eduardo conduzido de volta ao trono, que manteve até a sua morte. [Larousse 95] Nas obras de Sordello (*nota 6.7*), Henrique é freqüentemente repreendido por sua preguiça e covardia [Musa 95].

- 7.18 **Batalha de Benevento** (1266): Com Florença tomada pelos guibelinos e o crescimento da influência do guibelino Manfredo em ascensão na Toscana, o papa Urbano IV pediu ajuda a Carlos de Anjou (*nota 7.15*), irmão do então rei da França, Luís IX, para que ele liderasse os guelfos, oferecendo-lhe o governo de Nápoles e incentivando-lhe a conquistar o resto da península. A batalha decisiva ocorreu em Benevento em 26 de fevereiro de 1266. A cavalaria dos Anjou, ajudada por traidores sicilianos, conseguiu derrotar o exército de Manfredo e tomar o poder poucos dias depois. Dois anos depois, Conradino tentou retomar o poder para os sicilianos mas não teve sucesso e foi decapitado em Nápoles, a nova capital da Itália austral. [HistoryNet]
- 7.19 **Guilherme, o Marquês** de Montferrat e da região de Canavês (1254-1292) era líder da resistência contra Carlos I de Anjou. Em 1290, foi traído pelos habitantes de Alexandria, uma das cidades que liderava, que o capturaram e o mantiveram em exposição numa jaula de ferro até a sua morte, depois de um ano e meio. [Sayers 55].



O Vale dos Príncipes (arrepentidos tardiamente por causa de preocupações mundanas). Ilustração de Gustave Doré (século XIX).

Personagens e símbolos do Canto VIII

- 8.1 **Antes que o dia termine** (*Te lucis ante terminum* no original) são as primeiras palavras do hino de São Ambrósio, para a proteção contra os pesadelos e espíritos da noite. Ele começa (em latim) *Te lucis ante terminum / Rerum creator poscimus / Ut pro tua clementia / Sis proesul et custodium...* [Pinheiro 60]
- 8.2 **A serpente e os anjos:** A serpente representa o pecado, que tenta se infiltrar entre as almas que esperam sua chance no Purgatório. Os anjos com espadas flamejantes (como o que guarda a entrada do Éden em *Gênesis 3:24*) são a esperança divina da salvação (por isso vestem verde, cor da esperança) que descem com a incumbência de afastar a serpente [Sayers 55].

Canto VIII

Era a hora em que o navegante sente a saudade invadir-lhe o coração, e o faz reviver o dia em que deu adeus aos amigos queridos. Era a hora em que o novo pregrino sente o amor perfurá-lo, ao ouvir o sino distante, que parece chorar pelo dia que morre. Naquela hora, eu não mais ouvia o que Sardello dizia, mas olhava para uma alma que, levantada, com as mãos erguidas, pedia nossa atenção. “Antes que o dia termine...”, cantava, devotadamente e com tão doces notas que me fez perder a noção do meu próprio eu. Os outros acompanhavam cantando todo o hino em seguida, mantendo os olhares fixos nas esferas celestes.

Aguça aqui, leitor, o olhar à verdade, que agora se cobre por um véu tão sutil que atravessá-lo não será difícil.

Eu vi aquele exército gentil olhar fixamente para o céu, como se esperasse que alguém de lá descesse. Pouco depois, desceram dois anjos com espadas flamejantes, truncadas e sem ponta. Suas vestes eram tão verdes quanto folhas recém nascidas, e balançavam com o vento de suas asas verdejantes. Um deles ficou na parte mais alta da beira do nosso lado, e o outro, parou na beira oposta, ficando todas as almas entre os dois. Meus olhos conseguiam discernir seus cabelos dourados, mas não conseguia ver seus rostos, pois a luz que irradiavam era excessiva.

— Ambos descem do colo de Maria — disse Sordello — para guardar o vale da serpente que virá em breve.

- 8.3 O Juiz **Nino Ugolino Visconti de Gallura** era neto materno do conde Ugolino della Gherardesca (veja *Inferno XXXIII*) e seu rival na liderança da cidade de Pisa. Depois de ser expulso de Pisa, Nino se tornou passou a liderar os guelfos da Toscana contra Pisa para onde conseguiu retornar em 1293. Aparentemente, Nino era conhecido de Dante, que fica feliz em vê-lo entre as almas que foram salvas. [Sayers 55]
- 8.4 **Giovanna** era filha de Nino com **Beatrice d'Este**. Quatro anos após a morte de Nino (em 1300), Beatrice casou-se pela segunda vez, desta vez com **Galeazzo Visconti de Milão**. Dante simpatiza com a mágoa de Nino, que censura sua viúva por decidir contrair núpcias com outro. Essa visão era comum na Idade Média, onde a igreja não via com bons olhos o segundo casamento de viúvas. [Sayers 55]
- 8.5 **Víbora de Milão** e o **Galo de Gallura**: Beatrice iria casar-se com um Visconti de Milão. O brasão da família milanesa ostenta uma serpente. O da família de Nino, Visconti de Gallura, ostenta um galo. Nino argumenta que teria sido melhor para Beatrice se ela tivesse morrido sua esposa que esposa de Galeazzo.

Sem saber de onde ou como viria a tal serpente, eu, arrepiado só em imaginá-la, me encostei nos ombros daquele em que me dava confiança. E continuou Sordello:

— Ora, vamos descer para conversar com essas grandes sombras. Elas ficarão felizes em nos ver.

Só precisei dar três passos, acredito, até chegar lá embaixo e encontrar um espírito que me olhava como se quisesse me reconhecer. Já escurecia, mas não tanto que impedisse o reconhecimento. Ele veio até mim e eu fui até ele: Nino, juiz gentil, como eu fiquei feliz de saber que ele não estava entre os condenados. Nos saudamos, e depois ele me perguntou:

— Quando chegaste ao pé do monte, do teu mar distante?

— Oh, — disse eu — eu deixei o Inferno hoje de manhã. Ainda estou vivo mas um dia espero voltar aqui por esse caminho.

Quando Nino e Sordello ouviram minhas palavras, os dois se afastaram, assustados e confusos. Um voltou-se para Virgílio e o outro dirigiu-se a uma outra alma, e gritou:

— Vem cá, Conrado! Vem ver o que quis a graça de Deus!

Depois, voltou a atenção para mim e falou:

— Amigo, eu te peço, em nome da graça divina, que quando voltares à nossa Itália, dize a minha Giovanna que ore por mim, pois as orações dos inocentes são respondidas. Não creio que a sua mãe me ame mais, pois ela já se casou com outro. É uma pena, pois a víbora que Milão ostenta no seu brasão não fará tão bela sepultura quanto o meu galo de Gallura.

Enquanto Nino falava, meus olhos foram atraídos para o céu. Virgílio, que me observava, perguntou:

— Filho, o que estás a observar?

- 8.6 **As três estrelas**, no comentário de Xavier Pinheiro [Pinheiro 60], seriam Canopus (*Alpha Carinae*), Achernar (*Alpha Eridanus*) e *Alpha Dorado*. Achernar está no hemisfério oposto (180 graus) ao Cruzeiro do Sul (as supostas quatro estrelas) e Canopus encontra-se a 75 graus de Achernar. A constelação do Peixe Dourado (*Dorado*) fica entre as duas estrelas. É difícil imaginar como se chegou à conclusão que essas três estrelas dispersas são as três estrelas a que se refere Dante no seu poema, pois é preciso bastante imaginação para considerar as três um *grupo* facilmente identificável como o Cruzeiro do Sul, a constelação de Vela (a falsa cruz) ou o triângulo austral, por exemplo. Dante não conhecia a geografia do céu no hemisfério Sul. Se ele sabia de um conjunto de quatro estrelas (Cruzeiro do Sul) e outro de três estrelas a partir de relatos de viajantes, será que ele também tinha informações precisas sobre a localização dessas estrelas? Por que não seriam essas três estrelas uma outra constelação, como o Triângulo Austral, por exemplo? Na constelação de *Dorado* encontra-se a Grande Nuvem de Magalhães, uma nebulosa que jamais deixaria de ser percebida por um navegador dos mares do Sul. Por que ela não é mencionada na viagem de Dante, que utiliza extensivamente a geografia dos céus para marcar o tempo? Pelos motivos já apresentados na *nota 1.1*, não creio que as três estrelas representem estrelas que Dante realmente sabia existirem no céu. Na alegoria, representam as três virtudes teológicas (ou graças): a *fé*, a *esperança* e a *caridade*.
- 8.7 **Conrado Malaspina** de Lunigiana (cidade no Vale do rio Magra – **Valdimagra**) era pai de Morello Malaspina, em cuja casa Dante foi hóspede no outono de 1306. Conrado prevê que Dante conhecerá a hospitalidade de sua terra menos de sete anos após esse encontro no Purgatório (que se passa em 1300).

— Aquelas três estrelas que iluminam a região polar — respondi.

— As quatro estrelas que vimos esta manhã agora estão do outro lado, e estas tomaram o seu lugar — explicou Virgílio.

E foi aí que Sordello o puxou pelo braço e disse:

— Aí vem o nosso adversário — apontando, com o dedo esticado, para o lugar onde deveríamos olhar.

E surgia, naquela parte onde começa o penhasco, uma víbora, talvez a mesma que oferecera a Eva a fruta amarga. Ela rastejava entre a grama e as flores quando os dois falcões celestiais desceram na sua direção. Ao percebê-los, a cobra fugiu rapidamente de nossa visão e os anjos retornaram a seus postos.

Aquele espírito que o juiz Nino havia chamado já estava ao meu lado durante todo o tempo. Agora, que a calma voltara, ele se dirigiu a mim:

— Eu sou Conrado Malaspina, não o antigo, mas o dele descendente. Se tiveres notícia de Val di Magra ou de suas vizinhanças, dize-me, pois lá eu era grande.

— Eu nunca estive no vosso país — respondi —, mas toda a Europa conhece a tua boa fama.

— Mas saibas — profetizou o espírito — que o Sol não repousará mais que sete vezes no leito do Carneiro antes que essa tua cortês opinião esteja pregada no meio de tua cabeça, com pregos mais verdadeiros que quaisquer opiniões de outras pessoas. Isto acontecerá, a menos que o curso do juízo seja alterado.

Personagens e símbolos do Canto IX

- 9.1 **O sonho de Dante:** Este é o primeiro dos três sonhos que Dante terá nas três noites que passará no purgatório. Ele sonha que está sendo levado para o alto da montanha por uma águia, que atravessa o fogo. **A águia** é na verdade **Santa Luzia** – uma das três mulheres que, no início da Comédia, se interessou pela salvação de Dante da selva escura. Na interpretação de Dorothy Sayers, a intervenção de Luzia é necessária porque, “depois que a alma decide seguir o caminho da penitência e purgação, ela passa a depender da graça divina. É um salto muito grande para ser realizado com seus poderes naturais, então, Luzia é enviada do céu para ajudar Dante” [Sayers 55].
- 9.2 **Ganimede** era filho de Tros (fundador da cidade de Tróia), segundo a mitologia grega. O jovem príncipe, considerado o mais belo dos mortais, caçava no monte Ida quando foi raptado por Zeus, disfarçado de águia. Zeus o levou ao pico do monte Olimpo, onde recebeu a imortalidade e substituiu Hebe, a deusa da juventude, como copeiro dos deuses [Encarta 97].

Canto IX

A Lua nascia, junto com o escorpião, e iluminava a noite que já estava perto de completar sua terceira hora. Eu, tomado pelo cansaço, me deitei na grama onde nós cinco estávamos sentados, e adormeci.

Pouco antes do amanhecer, quando nossa mente já está mais distante da carne, os sonhos são visões quase divinas. Naquela hora, sonhando, eu vi uma águia de penas de ouro sobrevoar o vale onde estávamos. Senti-me como se estivesse na montanha onde Ganimede foi raptado para servir aos deuses. Eu observava a águia circulando o vale quando, de repente, ela mergulhou como um raio. Ela chegou, me agarrou com suas garras e subiu me levando para muito alto. Subimos e atravessamos a esfera do fogo, onde ardemos, ela e eu. Tão real me pareceu o calor daquele incêndio imaginário, que eu acordei.

Quando olhei em volta, estava confuso. Não sabia mais onde eu estava nem de onde tinha saído. Eu estava aterrorizado. Não ouvi nem via ninguém. Pensei estar só. Mas logo encontrei ao meu lado, sozinho e em silêncio, o meu conforto. Já era dia há pelo menos duas horas e na minha frente só se via o mar e mais nada.

— Não temas — disse o meu senhor — que nós estamos no caminho certo. Chegamos enfim ao Purgatório. Esta vendo esta beirada que percorre todo o monte? Ali, no final, está o portão por onde deveremos entrar. Antes do amanhecer, enquanto dormias, veio até nós uma mulher que disse: “Eu sou Luzia. Deixe-me levar

- 9.3 **Os três degraus** simbolizam as três partes da penitência. O primeiro degrau, que é branco e no qual se vê o próprio reflexo, representa a *confissão*, o ato de reconhecer em si o pecado cometido. O segundo, escuro, áspero e rachado simboliza o arrependimento pelo ato pecaminoso ou *contrição*. O terceiro degrau, vermelho flamejante da cor do sangue de Cristo, representa a *purificação* através da absolvição da dívida do pecador.
- 9.4 **O anjo guardião do purgatório** é visto como representante da Igreja Católica. Seria o sacerdote (ou confessor) ideal, de acordo com D. Sayers. “Ele porta a espada do Espírito, que é a Palavra de Deus, e possui as chaves para o Reino de Deus, que foram dados a Pedro como a autoridade da Igreja para libertar ou não das amarras do pecado.” [Sayers 55]



A entrada do Purgatório. Um anjo guarda a Porta de São Pedro. Ilustração de Gustave Doré (século XIX).

este que dorme, para ajudá-lo em sua via”. Sordello e os outros ficaram. Ela te pegou nos braços e o trouxe até aqui, e eu segui logo atrás. Antes de ir, ela me mostrou a entrada, e quando ela partiu, levou embora o teu sono.

Como alguém que em dúvida se tranqüiliza quando a verdade lhe é revelada, assim ocorreu comigo. Quando o mestre me viu sereno, ele se levantou e saiu caminhando pela beira. Eu me levantei também, e o segui.

Chegamos até o local que eu antes pensara ser uma rachadura na pedra. Lá, depois de de três degraus de cores diversas, havia uma porta. No mais alto degrau estava um porteiro, calado. Eu não consegui mirá-lo, pois o clarão que emanava do seu rosto me ofuscava. Brilhava tanto quanto o Sol, que refletia na espada nua firme na sua mão.

— Dizei, daí mesmo de onde estais, o que quereis? — ordenou o anjo — Onde está vossa escolta? Cuidai para que não vos arrependeis de ter vindo aqui.

— Uma mulher do céu — respondeu o mestre — há pouco tempo atrás, nos disse “Lá está a porta. Ide até ela.”.

— Que ela então continue a vos guiar — continuou o porteiro —. Vinde, então, e subi nossos degraus.

Nós obedecemos. O primeiro degrau era branco e de um mármore tão claro que nele me vi refletido. O segundo era mais escuro que pez e era feito de pedra áspera, com várias rachaduras na sua superfície. O terceiro e último me pareceu ser de pórfiro flamejante, tão rubro quanto sangue vivo que jorra de uma veia. E era neste degrau que o anjo de Deus pousava seus pés e se sentava numa soleira que parecia uma pedra de diamante.

- 9.5 **As sete feridas em forma de P** (de *peccato*) representam o reconhecimento de ter cometido os sete pecados capitais. As feridas devem ser saradas quando os pecados forem purgados em cada uma das sete cornijas do purgatório.
- 9.6 **As chaves** que abrem as portas do Reino de Deus representam as duas partes da absolvição, poder que pertence à Igreja Católica. A *chave dourada* representa a autoridade divina dada à Igreja para a remissão dos pecados. “É a mais cara porque foi comprada ao preço da paixão e morte de Deus” [Sayers 55]. É com ela que o sacerdote absolve os pecadores. A *chave de prata* representa o conhecimento necessário ao sacerdote para guiar o pecador no processo que o libertará das amarras do pecado. Ambas as chaves devem funcionar para que a porta seja aberta.
- 9.7 **A ordem de não olhar para trás** é provavelmente inspirada em Lucas 9:62 “Jesus lhe disse: Ninguém que lança mão do arado e olha para trás é apto para o reino de Deus.” (*trad. João Ferreira de Almeida*)
- 9.8 **A vós louvamos ó Senhor** (*Te Deum Laudamus*) é o início de um hino escrito por Santo Ambrósio na ocasião da conversão de Santo Agostinho e que a igreja canta por ação de graças [Pinheiro 60]. Segundo Dorothy Sayers, alguns comentaristas sugerem que o hino é cantado pelos espíritos no Purgatório, felizes por mais uma alma que se arrependeu dos seus pecados. Também cita Lucas 15:10, onde Jesus diz: “Assim vos digo que há alegria diante dos anjos de Deus por um pecador que se arrepende.” [Sayers 55]

O mestre me guiou pelos três degraus, e disse:

— Pede-lhe, humildemente, para girar a chave para ti.

Devotadamente, me ajoelhei diante do anjo, bati no peito três vezes e pedi misericórdia para que a porta ele abrisse para mim.

Sem que eu sentisse nada, ele tomou a espada e desenhou sobre a minha testa sete feridas em forma de “P”, e disse:

— Entrando aqui, não deixes de lavar estas feridas.

Depois buscou, dentro de sua roupa cor de terra, duas chaves. Uma era de prata e a outra, de ouro. Primeiro ele girou a chave branca e depois, a amarela, e então, a trava da porta foi aberta.

— Quando qualquer uma dessas duas chaves falha, a estrada para o Purgatório permanece fechada. Uma é mais preciosa mas a outra requer arte e engenho para que destrave. Eu guardo estas chaves que pertencem a Pedro. Ele me ensinou que, para aqueles que se postarem diante dos meus pés, é melhor errar em abri-la do que mantê-la fechada.

Depois, abrindo finalmente a porta sagrada, ordenou:

— Entrai, mas lembrai-vos que para cá retorna aquele que olhar para trás.

E ouvi ranger os pinos das dobradiças daquele portão. O doce som do metal se misturou a um coro, que ocupou meus ouvidos logo que entrei: “A vós louvamos, Ó Senhor”, pareciam cantar, acompanhados pela suave melodia dos metais.

Personagens e símbolos do Canto X

- 10.1 **Eis a serva de Deus.** Esta escultura é a primeira das três imagens que demonstram exemplos de humildade (a virtude oposta à soberba, que se purga neste primeiro círculo do Purgatório). A imagem reflete a humildade de Maria ao aceitar ser a mãe de Cristo. A inscrição, que no original aparece em latim: *Ecce ancilla Dei*, tem origem na *Bíblia (Lucas 1:38)* onde Maria aceita sua missão divina: “Disse, então, Maria: Eu sou a serva do Senhor. Cumprase em mim segundo a tua palavra. E o anjo ausentou-se dela.” (*trad. João Ferreira de Almeida*)
- 10.2 **As esculturas, o ‘látigo’ e o ‘freio’:** Na entrada de cada um dos círculos do Purgatório haverá uma seqüência de imagens, sons, vozes ou visões que representam a virtude oposta ao pecado que lá é purgado. É o **látigo** (ou chicote) que assola as almas permanentemente, e as impele na direção certa. Os exemplos, indicam o caminho que deve ser seguido. Na saída, uma representação do mesmo tipo (imagens, sons, vozes, visões, etc.) mostrará exemplos do pecado que foi purgado naquela cornija. É o **freio** da cornija, que representa exemplos que devem ser abandonados. Os termos “látigo” e “freio” (que fazem referência aos comandos de controle de um carro puxado por cavalos) são usados por Virgílio no canto XIII.
- 10.3 **O látigo do orgulho,** neste canto aparece na forma de esculturas nas paredes da cornija (os exemplos são Maria, Trajano e Davi). Neste círculo, o freio também será representado como esculturas (*canto XII*), desenhadas no chão.

Canto X

Quando finalmente ouvimos a porta se fechar atrás de nós, eu pensei no que aconteceria se eu olhasse para trás. Como é que eu pediria perdão por uma falta dessas?

Subíamos por uma fissura na pedra, que formava um caminho em zigue-zague, quando o meu guia falou:

— Aqui convém ter cuidado. Procura te encostar na parte externa da curva.

O esforço que fazíamos para subir era tanto que a Lua já havia se posto quando finalmente escapamos daquela gruta. Paramos, enfim, sobre um terraço plano e desabitado. A beirada lisa aparentava rodear toda a montanha, até onde eu podia ver, e tinha a mesma largura formando um patamar em volta do monte. Da beira do precipício até o pé da subida íngreme, cabiam três homens deitados.

E então eu percebi que o penhasco interno, que não oferecia meio algum de subida, era de mármore branco adornado com vários entalhes em relevo. As formas eram tão perfeitas que fariam inveja não só aos melhores escultores como à própria natureza.

A imagem do anjo que desceu à Terra para anunciar a paz tão esperada pelos homens só faltava falar, de tão perfeita que era sua escultura. Poderia-se jurar que ele dizia “Ave!”, pois aquela que nos trouxe ao mundo o Amor Supremo também estava lá representada. Em volta de sua imagem estavam as palavras: *Eis a Serva de Deus*.

— Esta não é a única escultura — disse o mestre. — Por que não olhamos as outras?

10.4 **A segunda escultura** representa a humildade do **rei Davi** diante do povo, durante o transporte da Arca do Senhor a Jerusalém. Quando a Arca chegou à cidade, **Mical**, esposa de Davi, observou o rei dançando alegremente no meio do povo, e sentiu desprezo por ele. Disse-lhe “Quão honrado foi o Rei de Israel, descobrindo-se hoje aos olhos das servas de seus servos, como um vadio qualquer que se tira a roupa sem pudor.” (2 Sam 6:20) Davi respondeu “Ainda mais do que isto me envilecerei, e me humilharei aos meus olhos. Quanto às servas de quem falaste, delas serei honrado.” E Mical não teve filhos até o dia de sua morte. (trad. João Ferreira de Almeida)

10.5 **A terceira escultura** representa o imperador **Trajano**, que era pagão mas que teve garantido um lugar no Paraíso por causa das orações do papa São Gregório. Segundo a lenda, narrada por Brunetto Latini na sua obra *Fiore di Filosofia*, Trajano estava já montado em seu cavalo, prestes a partir para a guerra com seu exército, quando foi abordado por uma humilde viúva. A mulher, chorando, pediu que ele fizesse justiça contra os que, sem motivo, mataram seu filho. Trajano a respondeu, dizendo: “Logo que eu retornar, eu farei o que pedes.” Ela então questionou: “E se o senhor não retornar?”. Se eu não retornar”, respondeu Trajano, “o meu o meu sucessor o fará.” Mas ela insistiu: “Como saberei que ele irá me atender? E se ele o fizer, de que serve ao senhor o bem feito por outro? O senhor é quem me fez uma promessa e, de acordo com as vossas ações, sereis julgado; se é fraude um homem não pagar o que deve, a justiça feita por outro não irá vos libertar, e será útil ao vosso sucessor que ele se liberte.” Convencido por tais palavras, o imperador desceu do cavalo e foi atender ao pedido da viúva. Depois, montou seu cavalo, e foi à guerra. Muitos anos depois, Gregório, ao tomar conhecimento dessa história, ordenou que desenterrassem o imperador. Ao abrir o túmulo, percebeu que tudo havia se transformado em cinzas, exceto seus ossos e sua língua, que era como a de um homem vivo. E assim São Gregório tomou conhecimento da justiça do imperador, pois a sua língua sempre a havia pronunciado. Ele então implorou a Deus que tirasse a alma de Trajano do Inferno. Deus, por suas orações, colocou Trajano no Paraíso. Um anjo, depois, procurou Gregório e o advertiu, dizendo que nunca mais fizesse uma oração assim. Deu-lhe uma penitência, que poderia escolher: dois dias no Purgatório ou o resto da vida com febre e dor no lado. Ele escolheu a dor menor e viveu o resto da vida doente. [Longfellow 67]

E então eu segui o mestre e contemplei, além da imagem de Maria, outra história inscrita na rocha. No mármore se via o carro e os bois puxando a santa Arca. Na sua frente havia sete coros tão realistas que meus sentidos ficavam em dúvida. Uns sentidos diziam “não”, e outros “sim, eles estão cantando!”. Semelhantemente, os fumos esculpidos do incenso eram tão perfeitos que meus olhos e nariz não sabiam decidir entre o sim e o não.

Adiante, bem à frente da Arca, o modesto salmista Davi dançava, se mostrando tanto mais e menos que um rei. Na janela estava sua mulher Micol, observando com desdém.

Me afastei um pouco para observar mais uma outra história, contada no relevo do mármore. Lá estava o nobre imperador Trajano, cercado por cavaleiros, águias e todo o seu exército. Do seu lado estava a pobre viúva, que lhe pedia ajuda. Podia-se ouvir o diálogo entre os dois e, ao fim, o momento em que o imperador deixa as suas preocupações para atender ao humilde pedido da velhinha.

Enquanto eu me deleitava admirando aqueles exemplos de humildade, o mestre me sussurrou:

— Olha lá! Lá vêm eles! Vê como se aproximam lentamente! Eles nos mostrarão o caminho até os degraus.

— Mestre — respondi — o que é isto que eu vejo se aproximar? Não parecem pessoas não! Eu não sei o que são! Minha vista está confusa.

— A grave condição de seu tormento — disse ele — tanto os esmaga contra a terra que eu mesmo não tinha certeza do que estava vendo. Mas presta bem atenção e verás o que se move debaixo daquelas pedras e entenderás a pena que os golpeia.

10.6 **Os orgulhosos** habitam o primeiro dos sete círculos do purgatório principal. Na explicação que será dada por Virgílio, mais adiante, o orgulho é o primeiro dos três pecados capitais que são resultantes do amor pervertido, direcionado contra o próximo. Sendo o orgulho a raiz de todo pecado, este círculo é o que mais se distancia de Deus, pois o orgulhoso deseja ter todo o mundo voltado para si, tentando, assim, ocupar o lugar de Deus. [Sayers 55]

Ó orgulhosos cristãos, miseráveis e cansados. Não vedes que somos meras larvas, nascidas para formar a angélica borboleta que à Justiça voa sem defesa? Por que vossas pretensões são tão altas se não sois mais que insetos defeituosos?

As almas pareciam aquelas estátuas que, como pilares, sustentam uma cornija nas costas, e dobram o peito até o joelho. Algumas estavam mais abaixadas que as outras, conforme a carga que levavam nas costas, mas mesmo a mais paciente de todas parecia dizer, em pranto: “Mais que isto, não posso!”

Personagens e símbolos do Canto XI

- 11.1 **A oração:** cada grupo de penitentes (com exceção dos habitantes da quarta cornija) tem uma oração que de alguma forma se relaciona com o seu pecado. O *Pai Nasso*, na cornija dos orgulhosos, é parte da penitência que visa purificar as almas através do exercício da humildade.
- 11.2 **A penitência** dos orgulhosos consiste na humildade forçada pelo peso do pecado que carregam nas costas, impedindo que levantem a cabeça. Dorothy Sayers identifica três tipos de orgulhosos: Omberto, o aristocrata – orgulho pela sua nobre linhagem; Oderisi, o artista – orgulho pelas suas realizações; Provenzano, o déspota – orgulho pelo poder de dominar. [Sayers 55]

Canto XI

— Pai nosso, que estás nos céus, não circunscrito, mas pelo maior amor que dás às tuas criações primeiras, louvado seja o teu nome e teu valor, por toda criatura, assim como damos graças ao teu doce vapor. Que venha a nós, a paz do teu reino. Dá-nos hoje, o maná de cada dia, sem a qual, neste áspero deserto, retrocede quem mais avançar deseja. E assim como perdoamos aqueles que nos causaram mal, nos perdoa tu também, benigno, sem olhar o nosso mérito. Não deixes que nossa virtude fraca caia na tentação do antigo adversário, mas liberta-nos de suas garras. Este último pedido, senhor, não fazemos para nós, que não carecemos, mas para os que ainda em baixo permanecem.

Assim, orando para o bem deles e para o nosso, pela primeira cornija as almas passavam, lentamente, atrasadas pelo peso que as oprimia de forma desigual. Se eles sempre oram por nosso bem, o que podem fazer por eles, os vivos cujas orações estão plantadas no bem? Devemos, verdadeiramente, ajudá-los para que lavem as máculas que trouxeram da Terra, para que limpos e leves possam subir pela esfera estrelada.

— Para que a justiça e piedade vos liberte logo de vossa carga — falou Virgílio —, mostrai-nos o menor caminho até a escada ou, se houver mais de uma, para aquela que oferece menor dificuldade para subir. Este que está comigo ainda tem a carne de Adão, e isto, contra sua vontade, atrasa-lhe a viagem.

- 11.3 **Omberto Aldobrandesco** era conde de Santafigliore, cuja família vivia em eterna guerra com os habitantes de Siena. O ódio era tanto que Guglielmo chegou a abandonar a causa guibelina e aliar-se aos guelfos de Florença, para combater os sienenses [Musa 95]. Numa dessas guerras, Omberto foi morto na vila de Campagnatico. [Longfellow 67] Ele começa sua apresentação, ainda no hábito do orgulho, dizendo-se um latino de família nobre, citando o nome de seu pai, Guglielmo. Em seguida, já revelando sua humildade adquirida, especula que talvez Dante não conheça sua família, e confessa sua culpa. [Sayers 55]
- 11.4 **Oderisi** de Agobbio (1240-1299?) foi um famoso pintor de miniaturas e ilustrador de manuscritos (arte chamada de *alluminare* na França). Teria sido convidado pelo papa (Bonifácio VIII) para ilustrar vários livros da biblioteca do palácio. [Longfellow 67]
- 11.5 **Franco de Bologna** era discípulo de Oderisi (*nota 11.4*) que superou o seu mestre e o substituiu na ilustração dos livros do palácio do papa.
- 11.6 Giovanni **Cimabue** (1240?-1308?), era o apelido de **Bencivieni di Pepo**. Nascido em Florença, foi um dos mais importantes pintores do seu tempo. Foi iniciado na arte por mestres gregos, mas rompeu com a tradição formal bizantina – que representava a natureza e as divindades como ícones bidimensionais – ao introduzir um estilo próprio, com sombras, luz e perspectiva, refletindo de forma mais realista o mundo natural. Teve forte influência no desenvolvimento da pintura renascentista. Acredita-se que Cimabue tenha sido tutor de Giotto (*veja nota 11.7*). Ele é autor do mosaico de São João na catedral de Pisa e de cenas do apocalipse nas igrejas de São Francisco em Assis. [Encarta 97]
- 11.7 **Giotto di Bondone** (1266-1337) é considerado o “pai da pintura moderna”, Giotto. Ao romper de vez com a tradição iconoclasta bizantina, representando figuras humanas com realismo e profundidade, Giotto fundou a escola realista na pintura renascentista de Florença. Nascido em Vespignano, provavelmente estudou em Florença como discípulo de Cimabue (*nota 11.6*) [Encarta 97]. A seguinte história é relatada nas notas de H. Longfellow: “Dizem que Giotto, quando ainda era uma criança e aluno de Cimabue, havia pintado uma mosca no nariz de uma figura na qual o

— À direita, rente à costa — falou um deles — encontrarás uma estrada que pode ser escalada por uma pessoa viva. Se eu não estivesse impedido por esta pedra, que me força a olhar somente para o chão, eu iria querer saber se conheço esse homem vivo, e fazer com que ele tenha piedade da minha pena. Fui um latino de família nobre. Meu pai foi Guglielmo Aldobrandesco. Não sei se já ouviste falar dele. O antigo sangue e as grandes obras de meus avós me tornaram uma pessoa arrogante e, esquecendo o amor da mãe comum, eu desprezava tanto os outros que isto me levou à morte, como toda Siena sabe, em Compagnatico. Eu sou Umberto. O pecado do orgulho não arruinou só a mim, mas toda a minha família. Por isso devo carregar este peso, que recusei em vida, até o dia em que Deus estiver satisfeito.

Eu o escutava abaixado quando um outro me viu, me reconheceu e me chamou. Ele se esforçava para manter o olhar fixo em mim enquanto andava.

— Oh! — disse eu — Não és tu Oderisi, grande artista e honra daquela arte que em Paris chamam de iluminura?

— Irmão — disse ele — as páginas pintadas pelo Franco bolonhês são muito mais alegres. É dele, agora, a honra toda. Pouco cortês teria eu sido a ele, devo admitir, se eu estivesse vivo, pois meu único desejo então era a excelência. Por tal soberba aqui se paga o preço. Eu nem estaria aqui se, quando ainda podia pecar, não tivesse voltado para Deus. Ó glória vã de toda a posse humana! Antes Cimabue era o maior pintor. Agora Giotto ofusca seu brilho. Vem um Guido e tira do outro toda a sua glória poética, e talvez já tenha chegado aquele que os dois afastará do ninho da fama. A fama do mundo não é mais que uma rajada de vento que muda de

próprio Cimabue estava trabalhando. A mosca era tão fiel que, quando o mestre retornou para continuar o seu trabalho, ele pensou tratar-se de uma mosca de verdade e levantou sua mão várias vezes para afastá-la.” [Longfellow 67] Giotto era amigo próximo de Dante e provável do único retrato do poeta feito durante sua vida, atualmente em exposição no museu do Bargello em Firenze [Musa 95]. Vários afrescos e peças religiosas em Pádua, Arezzo, Florença, Roma, Nápoles, Rímini e Assis são atribuídos a Giotto.

11.8 **Os dois Guidos** são provavelmente os poetas **Guido Guinicelli** de Bologna (1230 a 1276), que Dante tem como “pai” que influenciou sua poesia, e **Guido Cavalcanti** de Florença (1256 a 1300), amigo de Dante e, até então, o poeta mais importante da Itália (veja *Inferno, canto X*).

11.9 **Provenzano Salvani** foi um dos nobres e orgulhosos guibelinos de Siena que propuseram a destruição de Florença após a batalha de Montaperti (veja *Inferno, canto X*). O seu amigo estava preso, condenado à morte, por ordem de Carlos de Anjou, inimigo de Provenzano, e a fiança estava fixada em dez mil florins. Sem recursos para pagar a fiança, Provenzano acampou na praça de Siena e pediu dinheiro aos passantes [Norton 52].

nome quando muda de lado. O que será da tua fama daqui a mil anos? O que são dez séculos para a eternidade? Menos que um piscar de olhos comparado com o giro da mais lenta das esferas. Esse, que aí na frente vai tão devagar, tinha toda a fama na Toscana e hoje mal se ouve seu nome em Siena, onde ele um dia foi senhor e conseguiu destruir a fúria de Florença. A fama terrena é como o verde da erva, que vem e vai. O Sol que a faz viver é o mesmo Sol que depois a descolora.

— Tuas palavras verdadeiras honram a justa humildade e condenam a soberbia — respondi —, mas quem é aquele do qual falaste agora?

— É Provenzan Salvani — disse — e ele está aqui porque teve a pretensão de ter toda Siena em suas mãos.

— Mas — perguntei — se toda alma que só se arrepende no último momento fica esperando lá embaixo a menos que receba boas preces, como é que ele conseguiu esta graça?

— Quando ele estava no seu apogeu — disse Oderisi — ele se humilhou por um amigo, que cumpria pena na cadeia de Carlos. Colocando de lado toda a vergonha para resgatar o amigo da prisão, ele pediu esmolas aos que passavam na praça de Siena. Foi esse ato que o libertou da espera.

Personagens e símbolos do Canto XII

- 12.1 **Dante e o orgulho:** o poeta sente o peso desse pecado em sua própria alma, tanto que não consegue levantar os olhos e olhar para a frente. Na cornija seguinte, Dante admite, ao conversar com um espírito sobre o dia em que voltará à montanha, que já sente “a carga do peso sobre suas costas”.
- 12.2 **O freio do orgulho (imagens no chão):** Essas imagens, esculpidas no chão são vistas pelas almas (e por Dante) que andam com a cabeça abaixada. No poema original, o poeta descreve as imagens em 13 terças (39 versos), onde as primeiras palavras das 12 primeiras terças são repetidas quatro vezes (anáfora). Veja abaixo os primeiros versos da nona à vigésima terças:

25 **Vedea** colui che fu nobil creato (...)
28 **Vedea** Briareo, fitto dal telo (...)
31 **Vedea** Timbreo, vedea Pallade e Marte, (...)
34 **Vedea** Nembròt a piè del gran lavoro
37 **O** Niobè, con che occhi dolenti (...)
40 **O** Saùl, come in su la propria spada (...)
43 **O** folle Aragne, sì vedea io te (...)
46 **O** Roboàm, già non par che minacci (...)
49 **Mostrava** ancor lo duro pavimento (...)
52 **Mostrava** come i figli si gittaro (...)
55 **Mostrava** la ruina e 'l crudo scempio (...)
58 **Mostrava** come in rotta si fuggiro (...)

Dorothy Sayers observa que as iniciais da seqüência *Vedea – O – Mostrava* destacam a palavra *VOM* (ou *UOM*, já que o V e o U são a mesma letra na escrita medieval) que é “homem” em italiano [Sayers 55].

- 12.3 **“Vi ...”:** Esse parágrafo (quatro terças no original, começando com *Vedea*) mostra três exemplos de orgulho absoluto. Os pecadores consideravam-se superiores, em todos os aspectos, aos seus criadores. Os exemplos são Lúcifer, Briareu e Nemrod.
- 12.4 **Lúcifer** é o anjo da luz, cujo orgulho fez com que desejasse ser maior que Deus. Veja notas em *Inferno, canto XXXIV*. A descrição da queda de Lúcifer feita por Dante é semelhante à narrada por Jesus em *Lucas 10:18*: “Vi Satanás, como um raio, cair do céu” (*trad. J. Ferreira de Almeida*).
- 12.5 **Briareu** e os outros **Gigantes** quiseram tomar o poder no Olimpo, achando que seriam capazes de vencer Jupiter. Apolo (**Timbreu**), Palas e Marte

Canto XII

Lado a lado com aquela alma carregada eu seguia, lentamente, enquanto o mestre pôde tolerar. Até que ele falou:
— Agora deixa ele e levanta-te, pois cada um aqui deve guiar seu barco com seus próprios remos e com suas próprias velas.

Eu prontamente fiquei de pé e levantei a cabeça, mas, apesar disso, não consegui fazer o mesmo com meus pensamentos que permaneciam abaixados e encolhidos. Eu seguia as pegadas do mestre quando ele me chamou a atenção.

— Agora olha para baixo — disse ele —. O que está em baixo de teus pés tornará nossa viagem mais agradável.

Olhei e vi, no chão diante de nossos pés, gravações na pedra forrando o caminho que rodeia a montanha.

Vi Lúcifer, aquele que foi criado como a mais nobre das criaturas, caindo do céu e despencando como um raio. Vi Briareu, atravessado pelo raio celestial e congelado no gelo mortal. Vi Tímbréu, vi Palas e Marte ainda armados, olhando para os gigantes dilacerados. Vi Nemrod junto a sua torre, quase confuso, olhando para seus homens, em Senaar.

Ó Niobe, com os olhos dolentes, te vi gravada na estrada com os teus sete e sete filhos mortos. Ó Saulo, morto pela própria espada, tão real parece tua imagem em Gelboé. Ó louca Aracne, eu assim te via, já meia aranha, triste sobre os restos de tua teia. Ó Ro-

lutaram e triunfaram na defesa dos deuses, matando todos os gigantes. Veja notas em *Inferno, canto XXXI*.

- 12.6 **Nemrod** achou que poderia subir ao Céu ao construir a torre de Babel na planície de Senaar (*Gênesis 10:9-10*). Veja notas em *Inferno, canto XXXI*.
- 12.7 “**Ó ...**” (exemplos de arrogância): Esse parágrafo (quatro terças no original, começando com *O*) mostra quatro exemplos de orgulho quanto a habilidades e discernimento intelectual. Os pecadores acreditavam possuir dons inigualáveis e insuperáveis e ignoravam conselhos. Os exemplos são Niobe, Saulo, Aracne e Roboão.
- 12.8 **Niobe** era a esposa do rei Anfión, de Tebas. No relato de Ovídio, ela desdenhou o povo que adorava a deusa Latona. Por ser mãe de sete filhos e sete filhas, ela se considerava superior à deusa, que com Júpiter só teve Apolo e Diana. Em vingança, Latona convocou os gêmeos Phebe e Phebo que mataram a flechadas seus 14 filhos. Ao saber das mortes dos sete filhos, Anfión cravou um punhal em seu coração). Niobe assistiu à morte das sete filhas e sua tristeza endureceu-a, transformando-a em uma estátua de pedra, condenada a chorar para sempre. (Ovídio, *Metamorfoses, livro VI*)
- 12.9 **Saulo**, primeiro rei de Israel, repetidas vezes preferiu seguir a sua própria consciência em vez das ordens do Senhor e por isso, perdeu a soberania sobre o povo judeu e caiu em desgraça (*I Samuel 13-31*). Cercado pelos filisteus em Gelboé, que já haviam matado a sua família, caiu sobre a própria espada para não ser morto por eles (*I Samuel 31:4*).
- 12.10 Conta Ovídio que **Aracne** da Lydia era a melhor tecelã que havia na Terra. Orgulhosa, negava que sua arte havia sido um presente de Atena e desafiou: “que ela então mostre que é melhor!”. Disfarçada de uma anciã, Atena ainda aconselhou Aracne a pedir perdão à ofensa feita à deusa, mas Aracne respondeu irritada “Eu não preciso do conselho de ninguém. Eu sei o que é melhor para mim. Por que Atena não aceita meu desafio?” Nesse momento, Atena abandonou o seu disfarce, e as duas começaram a tecer. Atena teceu imagens dos deuses e do mundo com perfeição, mas Aracne não ficou atrás. No final, Atena não conseguiu encontrar nada que desqualificasse o trabalho de Aracne, e se enfureceu. Acertou Aracne várias vezes na cabeça e depois, transformou-a em uma aranha (Ovídio, *Metamorfoses, Livro VI*).

boão, a tua imagem aqui não mais ameaça, fugindo na carruagem, apavorado.

Mostrava ainda o duro pavimento, como Almeón fez com que a triste jóia fosse tão cara à sua mãe. Mostrava como os filhos mataram o pai Senaquerib dentro do templo, abandonado. Mostrava a ruína e a cruel carnificina que Tamíris fez quando disse a Ciro: “Sangue ansiaste, e eu de sangue te sacio”. Mostrava a rota dos assírios, que fugiam com a morte de Holeferne.

Vi Tróia em cinzas e destruída. Ó Ílium, tão baixo e tão vil, mostrava a imagem em pedra esculpida.

Qual mestre, com seu lápis ou estilete, poderia reproduzir tão bem tais linhas? Os mortos, mortos pareciam, e os vivos, vivos. Melhor não viu quem os verdadeiros viu. Seiais soberbos e olhai para o alto, filhos de Eva, e não baixeis a cabeça, para não verdes vossa má estrada!

Já tínhamos andado uma grande distância no monte quando o mestre novamente me acordou:

— Levanta a cabeça! Não é mais hora de andar distraído. Já é meio-dia. Vê o anjo que se aproxima!

A nós vinha uma bela criatura, vestida de branco e com um semblante iluminado. Ela abriu os braços e disse:

— Vinde, que os degraus não estão distantes, e vossa ascensão não será difícil.

Ele nos levou até onde havia um sulco na rocha e depois tocou sua asa na minha testa. Para vencer o caminho íngreme havia uma escadaria, cercada pela rocha dos dois lados. Enquanto subíamos, ouvi vozes que cantavam: “Bem-aventurados são os pobres de

- 12.11 **Roboão**, rei de Israel, auto-suficiente, ignorou o conselho dos anciãos que recomendavam que reduzisse os impostos sobre a população e preferiu seguir os conselhos de seus amigos mais próximos, aumentando os impostos e o rigor das punições. O povo se revoltou, matando um emissário do rei e forçando Roboão a fugir para Jerusalém (*I Reis 12:4-18*)
- 12.12 **“Mostrava...”** (exemplos de vaidade ou vanglória): Esse parágrafo (quatro terças no original, começando com O) mostra quatro exemplos de orgulho quanto à imagem que se tem diante dos homens. Os pecadores consideravam-se superiores aos olhos dos outros mortais e os desprezavam. Os exemplos são a mãe de Alcmeon, Senaqueribe, Ciro e Holeferne.
- 12.13 **Alcmeon**, filho de Anfiarau (*veja Inferno, canto XX*), matou a sua mãe **Erífile** que traiu o seu pai em troca de jóias. A história é contada na *Tebaida* de Estácio (*veja nota 21.1*). Anfiarau, sendo um vidente, previu que iria morrer em batalha caso fosse à guerra de Tebas. Para evitar a convocação, ele se escondeu. Indagada por seu irmão, o rei Adrasto, Erífile revelou o esconderijo do marido aceitando um colar de ouro e diamantes como suborno. Anfiarau, ao partir, pediu que seu filho Alcmeon matasse a mãe logo que soubesse de sua morte [Longfellow 67].
- 12.14 **Senaqueribe**, era o rei da Assíria. Tendo tomado todas as cidades fortificadas da Judéia, Senaqueribe assediou Jerusalém. Certo que seria vitorioso, desafiou Ezequiel, rei da Judéia, a mostrar o poder de seu Deus. Durante a noite, um anjo matou os 185 mil soldados assírios. Sem exército, o rei deixou o acampamento e voltou a Nínive. Enquanto orava no templo foi morto por seus dois filhos, inconformados com a derrota (*2 Reis 19:35-37*)
- 12.15 Após tomar a Babilônia, **Ciro**, rei da Pérsia (560 a 529 a.C) decidiu anexar à Pérsia o país dos Masságetas, situado além do rio Araxo. Seguindo conselho de Cresos, seu conselheiro desde que anexara a Lídia, Ciro preparou, no acampamento, um banquete com muita carne e vinho, e lá deixou as suas piores tropas, retirando-se com o resto do seu exército para a beira do rio, situado a um dia de viagem. Os Masságetas então atacaram, com um terço do seu exército, e derrotaram, após alguma resistência, os persas que ficaram no acampamento. Depois comeram e beberam até não poderem mais, e caíram no sono. Os persas, surgindo pouco depois, mataram e aprisionaram sem

espírito.” Como diferem essas passagens daquelas do Inferno! Aqui se entra com cantos e lá com lamentos ferozes.

Enquanto subíamos por aqueles degraus sagrados, eu já me sentia mais leve, até mais do que quando eu estava no chão plano.

— Mestre — perguntei — dize-me, que peso me foi levado? Me sinto tão leve que nem fadiga impediria minha subida.

— Quando os “P” que restam em sua testa forem apagados como o primeiro — respondeu —, teus pés se moverão sem esforço algum. Não sentirão mais o peso do cansaço, mas terão vontade de subir mais.

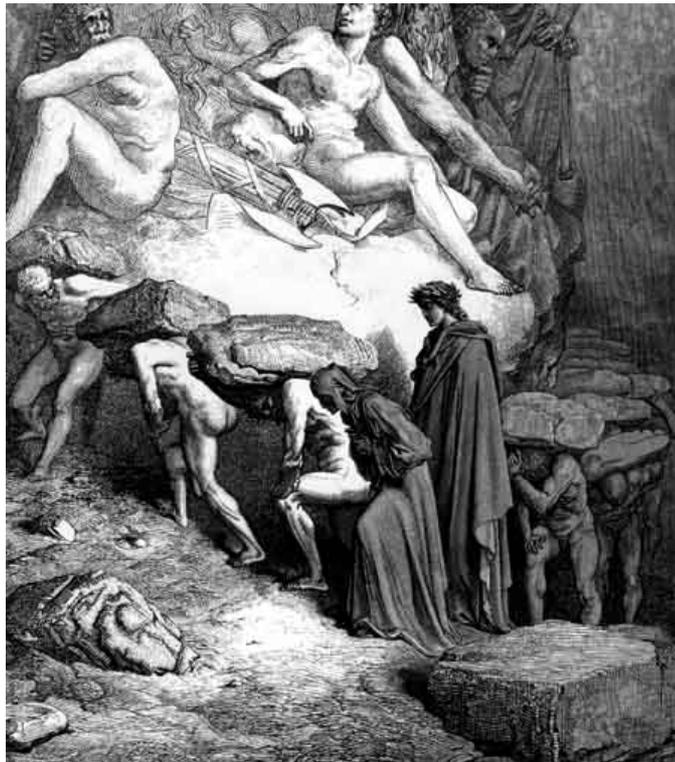
E então eu fiz algo que qualquer um faria. Levei minha mão até a testa e com os dedos senti apenas as seis letras que restavam. Me observando, o mestre sorriu.

dificuldades todos os Masságetas, inclusive o general e filho da rainha **Tamiris**. A rainha, sabendo que seu filho era prisioneiro, implorou que Ciro o devolvesse vivo, e prometeu não atacar a Pérsia. Mas Ciro não deu ouvidos à rainha e seu filho se matou, logo que acordou da embriaguez. Tamiris então atacou com todo o seu exército. Derrotado, Ciro morreu em batalha (após um reinado de 29 anos). Tamiris buscou o seu corpo entre os mortos e o profanou, mergulhando sua cabeça num balde de sangue e dizendo “eu te saciarei de sangue, como te prometi.” (Heródoto, *Histórias, Livro I:204-214*)

12.16 **Holeferne**, capitão do exército de Nabucodonosor, rei dos assírios, foi aconselhado pelo mercenário Aquior a não atacar a cidade dos judeus, por causa do poder de seu Deus. Holeferne desprezou o conselho: “Eles [o exército de Israel] não resistirão ao poder de nossa cavalaria. Nós os surpreenderemos; suas montanhas serão embebidas com seu sangue. Nem suas pegadas irão sobreviver ao nosso ataque; eles serão completamente dizimados (*Judith, 6:3-4*). Os judeus estavam em desvantagem, sem água e sem comida. A bela viúva **Judith**, fingindo estar fugindo da cidade, entregou-se aos assírios. Seduzido por sua beleza, Holeferne trouxe-a para a sua tenda. No quarto dia de sua visita, houve um grande banquete, após o qual Holeferne deu instruções aos seus guardas para que o deixassem a sós com Judith, pois tinha a intenção de seduzi-la. Todos beberam bastante vinho e no final da noite, Holeferne, bêbado e cansado, caiu no sono. Judith, atenta, localizou a espada do capitão e degolou-o, arrancou a sua cabeça e levou-a de volta à cidade. Lá chegando, a cabeça foi posta em exposição e o exército foi incitado a entrar em batalha. Os assírios, percebendo o ataque iminente, correram para avisar ao seu chefe, e o acharam sem cabeça. Desolados, dispersaram-se e foram facilmente derrotados (livro de *Judith*) [NRSV].

12.17 A última imagem representa a destruição da **cidade de Tróia (Ilium)**, exemplo clássico da queda do orgulho.

12.18 **O Anjo da Humildade**: Na saída de cada cornija há um anjo, que apaga um dos “P” da testa de Dante, e pronuncia uma bênção tirada do Sermão da Montanha (*Matheus 5*). Ao sair da cornija do orgulho, Dante ouve “Bem-aventurados são os pobres em espírito” (*Beati pauperes spiritu*, em latim, no original) (*Matheus 5:3*), que com a asa, sara a ferida na sua testa e o encaminha ao círculo seguinte.



Os orgulhosos. Ilustração de Gustave Doré (século XIX).

Personagens e símbolos do Canto XIII

- 13.1 **Os invejosos:** Segundo Santo Agostinho, “a inveja é o ódio à felicidade do outro”. O invejoso teme os que lhe são superiores, por não serem iguais a ele; teme os que são inferiores, porque podem tornarem-se iguais a ele; teme seus pares, porque são iguais a ele. [Longfellow 67] A inveja difere do orgulho pois é caracterizada pelo medo. O orgulhoso não teme seus rivais pois acredita ser insuperável. O invejoso teme perder ao admitir a superioridade dos outros. No Purgatório, os olhos que não suportavam assistir à felicidade dos outros são fechados e não podem ver a luz. São reduzidos a mendigos – que ninguém inveja – e são obrigados a implorar o perdão dos santos. [Sayers 55]
- 13.2 **O látigo da inveja** apresenta exemplos de generosidade – virtude oposta à inveja – através de *vozes*. Não poderia ser através de imagens porque as almas penitentes têm os olhos lacrados e não podem ver. O **freio** (veja nota), diz Virgílio, deve ter o tom oposto, isto é, *vozes* devem gritar exemplos de inveja. **Primeira voz:** “Eles não tem vinho” (*Vinum non habent* no original) (João 2:3) diz a mãe de Jesus ao filho que em seguida realiza o milagre da transformação da água em vinho. O exemplo mostra preocupação pela felicidade dos outros. **Segunda voz:** “Eu sou Orestes!” Quando **Orestes**, filho de Agamemnon foi condenado à morte, seu amigo **Pilades** se apresentou insistindo que Orestes era ele. [Pinheiro 60] **Terceira voz:** “Amai aquele de quem o mal recebestes” (*Matheus 5:44*) é o mandamento da generosidade absoluta, praticada até com os inimigos.

Canto XIII

Nós já estávamos no último degrau da escada, observando uma segunda cornija que recortava o monte da mesma forma que a anterior. Esta fazia uma curva mais fechada, pois estava mais alta. Não vimos nenhuma alma. Suas paredes não estavam esculpidas mas toda a face da encosta estava nua, e, como o caminho, tinha a cor de pedra lívida.

— Se ficarmos aqui esperando que alguém venha nos guiar — disse o poeta — temo que nos atrasaremos demais.

Então, olhando para o Sol, ele orou:

— Ó doce lume em quem confio para me guiar pelo novo caminho através do qual me conduzes. Mostra-me nesta via, para que lado devo seguir.

Já havíamos andado pela beirada mais ou menos uma milha quando ouvimos, mas não vimos, espíritos lançando no ar convites generosos. A primeira voz que passou voando, disse alto: “Não temos vinho!”, e depois calou-se. Mas antes que os ecos da primeira voz cessassem, uma outra, passou gritando: “Eu sou Orestes!”, e se foi também.

— Oh, meu pai — perguntei — que avisos são estes?

Mas enquanto eu perguntava, uma terceira voz, suave, passou dizendo: “Amai aquele de quem o mal recebestes”. E então falou o meu bom mestre:

— Este círculo flagela o pecado da inveja. É por isso que o chicote usado aqui é ornado com os acordes do amor. O freio, mais



Os invejosos. Ilustração de Gustave Doré (século XIX).

adiante, deve ter o som oposto. Tu também terás a oportunidade de ouvi-lo, acredito, antes que cheguemos ao posto do perdão. Mas olha para a frente agora, e conseguirás perceber pessoas sentadas, bem à nossa frente, encostadas nas paredes.

Eu olhei, forçando a vista, e vi que realmente havia um grupo de espíritos, não muito distantes, enrolados em mantos da cor do rochedo. À medida em que nos aproximávamos daquele grupo, comecei a ouvir o coro: “Maria, ora por nós”, e ainda “Miguel e Pedro e todos os santos”. Ao chegar mais perto para ver a natureza de suas penas, meus olhos se inundaram com uma cena dolorosa. Eles pareciam cobertos por túnicas ásperas. Escorados na parede do precipício, cada um sofria no ombro do outro. Me faziam lembrar os mendigos nas portas das igrejas, implorando por um pedaço de pão. E assim como o cego não pode ter a luz do Sol, também as sombras de que falo, não podiam ver luz alguma, pois suas pálpebras estavam costuradas e fechadas com fios de arame. Achei que seria ultrajante falar com elas sem que elas pudessem me ver, então, voltei-me ao meu guia, que já sabia o que eu iria perguntar:

— Fala — disse ele — mas sê breve e objetivo.

Virgílio andava pela beira do penhasco, de onde se pode cair, e as almas estavam do outro lado, encostadas na parede, lacrimejando pelas suas costuras terríveis. Voltei-me a elas e comecei:

— Ó gente segura de que um dia verão o céu, digei-me se há entre vós um espírito latino.

— Ó irmão, todos nós somos cidadãos de uma única cidade verdadeira. Tu perguntas, então, se algum de nós um dia foi um peregrino na Itália.

- 13.3 **Sapia**, da família Bigozzi de Siena, era casada Ghinibaldo dei Saracini, senhor de Castiglioncello. Ela era a tia paterna de Provenzano Salvani (veja nota 11.9), capitão dos sienenses. Ela odiava os sienenses e invejava o poder de seu sobrinho. Durante a batalha contra os guelfos de Florença, ela torceu contra o seu povo e vangloriou-se ao saber que eles haviam sido derrotados. [Longfellow 67] Neste canto, ela é a imagem do prazer cruel da inveja na desgraça dos outros. [Sayers 55]
- 13.4 **Maria, ora por nós...** é a **oração** da cornija. As almas recitam a ladainha a Maria e todos os Santos, implorando que orem por eles.
- 13.5 **Pier Pettinaio**: Pedro, vendedor de pentes conhecido em Siena como um homem santo que tinha visões e realizava milagres na cidade. Foi canonizado pela igreja em 1802 [Longfellow 67].

Foi o que eu ouvi alguém falar, bem à frente de onde eu estava. Um dos cegos levantava o queixo como se quisesse me ver. Eu me aproximei, então, e perguntei:

— Espírito! Se foste tu quem me falou, dize-me teu nome e de onde vieste.

— Eu fui de Siena — respondeu ela — e aqui depuro, com lágrimas, minha vida impura. Sábia não fui, ainda que Sápia tenha sido meu nome. Saber das desgraças dos outros me dava mais prazer que o meu próprio sucesso. Eu só busquei a minha paz com Deus no último momento, e mesmo então, minha dívida não teria sido reduzida se não fosse por Pier Pettinaio, que se lembrou de mim em todas as suas orações. Mas quem és tu que indagas sobre nossa condição, com os olhos soltos, presumo, e respirando como vivo?

— Meus olhos um dia serão costurados — respondi — quando eu aqui voltar, mas não será por muito tempo, pois poucos ofendi com olhos invejosos. Maior medo, que faz tremer a minha alma, tenho do tormento dos outros na cornija abaixo. Eu já sinto o peso daquela carga sobre mim.

— Então quem te trouxe aqui — perguntou ela — já que esperas retornar?

— Foi este homem que aqui está em silêncio — respondi —. Eu estou vivo; e se quiseres, alma eleita, eu posso mover, lá na Terra, meus pés mortais por ti.

— Oh, que coisa rara de se ouvir! — disse ela — Que grande sinal que Deus te ama. Lembra de mim, vez ou outra, nas tuas preces. Rogo-te mais pelo teu maior desejo que, se pisares nas terras da Toscana, fala de mim à minha gente.

Personagens e símbolos do Canto XIV

- 14.1 **As duas almas** que abrem este canto são Guido del Duca (que se identificará mais adiante – veja *nota 14.9*) e Rinieri da Calboli (*nota 14.10*)
- 14.2 O rio **Arno** que nasce no monte **Falterona**, na fronteira com a Romanha, e de lá flui através dos vales do **Casentino**. Passa por Arezzo, por Florença e Pisa, antes de desaguar no Mediterrâneo.

Canto XIV

— Quem é esse que está a percorrer nosso monte antes de ter sido libertado pela morte, abrindo e fechando seus olhos ao bel prazer?

— Quem é eu não sei, mas sozinho ele não está. Para que ele nos diga quem é, por que tu não perguntas já que estás mais perto?

Eram dois espíritos à minha direita que falavam de mim. Um estava encostado no outro. O mais próximo, levantando o rosto, falou:

— Ó alma que presa ainda estás no teu corpo, caminhando para o céu, dizei a nós, por favor, quem tu és e de onde vens.

— Pelo meio da Toscana — respondi — passa um rio que nasce em Falterona e que se estende por mais de cem milhas. De suas margens eu trago este corpo. Não adianta que eu vos diga o meu nome, pois meu nome ainda não ganhou fama.

— Se eu entendi tua charada, o rio de que falas é o Arno — respondeu a sombra.

— Mas por que ele ocultaria o nome do rio? — disse a outra sombra ao que falara — Será que é tão terrível que não se pode pronunciar?

— Não sei — respondeu o outro — mas para mim só queria que o nome daquele rio estivesse morto. De sua fonte nos Apeninos, até a sua foz, a virtude é rejeitada. Os homens fogem dela como se fosse uma cobra. Os habitantes daquele vale miserável deixaram que sua natureza fosse transformada, e hoje vivem como se fossem porcos. O rio depois encontra, já no plano, cães que rosnam

- 14.3 **Os porcos** são os habitantes do vale do Casentino (o vale miserável).
- 14.4 **Os cães** são os habitantes de Arezzo, que é a próxima cidade que o rio encontra, já na planície.
- 14.5 **Os lobos** são os habitantes de Florença.
- 14.6 **As raposas** são os habitantes de Pisa, última cidade por onde passa o rio, antes de desaguar no mediterrâneo.
- 14.7 O espírito (Guido) fala do **neto do seu interlocutor** (Rinieri), que é **Fulcieri da Calboli**, podestà de Florença em 1302. Líder do partido *Neri*, Fulcieri cometeu várias atrocidades contra os guibelinos e *Bianchi* que permaneceram na cidade [Sayers 55]
- 14.8 **A triste selva** é a cidade de Florença, onde Fulcieri (*nota anterior*) governava.
- 14.9 **Guido del Duca** foi provavelmente o filho de Giovanni del Duca, da família Onesti de Ravenna que radicou-se em Brettinoro [Musa 95]. Os Duca eram guibelinos e seguidores de **Pier Traversaro**, líder guibellino que expulsou os guelfos de Ravenna em 1218, com a ajuda dos **Mainardi**. Guido simboliza o invejoso que sofre com a alegria dos outros [Sayers 55].
- 14.10 **Rinieri da Calboli** era um guelfo de Forlì. Foi podestà de Faenza (1247), Parma (1252) e Ravenna (1265). Foi derrotado por Guido da Montefeltro (*veja Inferno XXVII*).
- 14.11 **Do Pó às montanhas, do Reno ao mar**: essa descrição define os limites do mapa da Romanha.
- 14.12 **Os nobres da toscana**, a maioria guibelinos, são louvados por Guido no poema original (e omitidos nesta adaptação), que lamenta o fim de sua descendência. Eles são **Arrigo Mainardi** – contemporâneo de Guido (*veja nota 14.9*), o bom **Lizio da Valbona** – contemporâneo de Rinieri, **Pier Traversaro** – amigo do imperador Frederico II (*veja também nota 14.9*), **Guido de Carpigna** – podestà de Ravenna em 1251, **Fabbro de Lambertazzi** – líder guibellino de Bologna, **Bernardo di Fosco** – nobre de Faenza, **Ugolino d’Azzo** di Ubaldini – nobre da Romanha, **Guido da Prata** – nobre de Ravenna, **Frederico di Tihoso** – nobre de Rímimi, A família

mais que mordem, e segue, sempre descendo, até que os cães dão lugar aos lobos, que vivem na orla dessa maldita fossa. No fim, chega até a mais funda cova, onde o rio encontra raposas tão astutas que não temem nem as mais engenhosas armadilhas. O teu neto, eu vejo, caçando e aterrorizando esses lobos que vivem nas margens do rio. Ele vende sua carne ainda viva e depois os abate como gado velho. Ele deixa a triste selva de tal forma, banhada por sangue, que nem em mil anos voltará ao seu estado primeiro.

Ao ouvir notícias tão terríveis, a outra alma que escutava revelou sua tristeza, quando compreendeu o sentido das palavras. E pelas palavras de um e pelo aspecto do outro, fiquei curioso para saber quem eram esses dois. Então pedi, rogando, que me revelassem seus nomes.

— E tu queres que eu faça por ti o que negasse fazer por mim? — respondeu o espírito — Mas, como a graça de Deus reluz em ti, eu não me esquivarei. Eu fui Guido del Duca. A inveja pulsava em meu sangue. Eu não podia ver ninguém feliz da vida pois a inveja logo me transformava. Ó raça humana! Por que só pondes vossos corações onde a partilha é excluída? Este é Rinieri, a glória e a honra dos Calboli, que não deixou nenhum herdeiro de valor. Do Pó às montanhas, do Reno ao mar, a casa dos Rinieri não é a única que perdeu tudo o que há de bom na vida, pois todas essas terras estão tomadas por ervas daninhas que dificilmente serão arrancadas. Onde está o bom Lizio e Arrigo Mainardi e todos os outros nobres da Romanha? — e ele falou da desgraça de várias outras famílias. No fim, concluiu — Mas agora vai, toscano, pois eu prefiro chorar do que falar, pois este discurso oprimiu a minha mente.

Anastagi – guibelinos de Ravenna. [Musa 95] Veja poema original, versos 97 a 111.

14.13 Guido também ataca várias famílias e habitantes de cidades italianas (omitidas nesta adaptação), e lamenta que não tenham desaparecido: **Bretinoro** (vila entre Forlì e Cesena) – “por que não desapareces do mapa?”, **Bagnacavallo** “seria bom que não tivesses herdeiros”, o castelo de **Catrocaro** e os condes de **Conio**, a “demoníaca” família **Pagani** “quando estiverem mortos, estarão bem” e **Ugolino de Fantolini** – guelfo, podestà de Faenza. [Musa 95] Veja poema original, versos 112 a 123.

14.14 **O freio da inveja** são vozes que gritam exemplos de inveja: Caim e Aglauro.

14.15 A **primeira voz** é o grito de **Caim**, filho de Adão, que, por inveja, matou o seu irmão: “serei fugitivo e errante pela terra, e qualquer que comigo se encontrar me matará.” (*Gênesis* 4:14)

14.16 A **segunda voz** é de **Aglauro**, uma das três filhas de Cecrops, rei de Atenas. Mercúrio, apaixonado por sua irmã Herse, pediu a Aglauro para que ela permitisse o encontro. Ela assentiu, mas Mercúrio teria que compensá-la financeiramente. Quando Mercúrio voltou, disposto a pagar o suborno que Aglauro pedisse, ela, com inveja da irmã que despertara a paixão de um deus, sentou-se na soleira da porta do quarto da irmã para impedir-lhe a entrada e disse: “Eu nunca me moverei até que sejas afastado!” “Negócio fechado!” respondeu Mercúrio, aceitando a oferta, e abriu a porta com sua vara mágica. Aglauro tentou se levantar, mas descobriu que não podia mover-se, tentou respirar, e não conseguiu. Havia se tornado uma estátua de pedra (Ovídio, *Metamorfoses, livro II*).

E então partimos em silêncio. Quando já estávamos sozinhos e adiantados, uma voz, que gritava, surgiu do nada como um raio: “Eu serei morto por qualquer um que me encontrar” veio, e partiu como trovão distante. Mal havíamos nos recuperado do estrondo quando ouvimos o retumbar de uma outra voz, que gritou: “Eu sou Aglauro, que me tornei pedra!”.

Com esse último trovão, eu, assustado, fui para mais perto do mestre. O ar já estava calmo e silencioso quando ele explicou:

— Aquele foi o duro freio criado para manter o homem atento à sua meta. Mas vós bicais a isca e o inimigo vos agarra com o anzol, de nada servindo o freio ou o castigo. Todo o céu em torno de ti gira, mostrando-vos sua beleza eterna, mas o vosso olhar só à terra mira, onde ele, que tudo discerne, vos castiga.

Personagens e símbolos do Canto XV

- 15.1 **O anjo da Misericórdia** (ou Generosidade) pronuncia a bênção “bem-aventurados são os misericordiosos” (*Beati misericordes* no original) do sermão da montanha (*Matheus 5:7*), e remove o segundo “P” da testa de Dante, curando-o da ferida causada pelo pecado da inveja.
- 15.2 **“Alegra-te, vencedor!”**: Não há referência bíblica para esta passagem. “Talvez tenha origem em *Matheus, 5:12*: ‘Regozijai-vos e alegrai-vos, porque grande é o vosso galardão nos céus’ ou uma alusão a *Apocalipse 2:7*: ‘Ao que vencer, dar-lhe-ei a comer da árvore da vida, que está no paraíso de Deus’ [Sayers 55].
- 15.3 **Aquele espírito da Romanha** é Guido del Duca (*veja nota 14.9*).

Canto XV

Faltavam apenas três horas para o dia chegar ao fim. Os raios do Sol já nos atingiam de frente na altura no nariz. Já havíamos dado um quarto de volta no monte e rumávamos para o oeste, quando senti surgir na minha frente um clarão, bem mais intenso que o primeiro. Levantei minhas duas mãos, com as quais fiz uma viseira. Pouco adiantou, pois a luz se aproximava cada vez mais. Virei meu rosto para os lados e perguntei ao mestre:

— O que é isso, querido pai, que brilha tanto que de nada adianta cobrir os olhos?

— Não te surpreendas se ainda te ofuscas com os membros da família celeste — disse ele —. Ele veio convidar-nos a subir. Em breve, tais visões não te serão desagradáveis mas muito prazerosas.

Quando chegamos diante do anjo ele disse amistosamente:

— Entrai aqui, para subirdes por uma escada bem menos íngreme que as outras.

Enquanto o deixávamos, ouvimos “Bem-aventurados são os misericordiosos” e também “Alegra-te, vencedor!” Enquanto o mestre e eu subíamos sozinhos, eu lhe perguntei:

— O que quis dizer aquele espírito da Romanha quando falou da partilha ser excluída?

— Por já conhecer o dano causado pela sua culpa — respondeu —, ele naturalmente adverte para que os outros não lamentem. Quando vosso desejo está em ter só para si, o bem comum diminui, abrindo caminho para a inveja que é suspirar por ter aquilo que o

- 15.4 **O látigo da ira é o transe**, onde são representados exemplos da virtude oposta ao pecado purgado. A mensagem é transmitida através de visões. Assim como nas cornijas anteriores, haverá um *freio*, na saída do círculo, onde Dante terá visões de exemplos de ira. Os exemplos de mansidão do látigo são Maria, Pisítrato e Estêvão.
- 15.5 A **primeira visão** mostra um exemplo de mansidão diante de Deus. Aos doze anos, Jesus foi levado a Jerusalém por seus pais durante a Páscoa. Ao regressarem, viram, depois de ter viajado um dia inteiro, que ele não estava em sua companhia e passaram a procurá-lo. Três dias depois, acharam-no no templo conversando com os rabinos. Sua mãe não se irritou. Apenas perguntou: “Filho, por que fizeste assim para conosco? Teu pai e eu ansiosamente te procurávamos.” (*Lucas 2:41-50*).
- 15.6 A **segunda visão** mostra um exemplo de mansidão diante de amigos. **Pisítrato**, tirano de Atenas (560-527 a.C), ignora os pedidos de sua esposa para mandar executar o jovem que, apaixonado por sua filha, havia abraçado-a em público. [Sayers 55]

outro tem. Mas se o amor da esfera suprema elevasse o desejo de vossos corações, não terias no peito tal temor, pois quanto mais existissem pessoas que pudessem falar “nosso” ao invés de “meu”, mais cada um iria possuir de bem.

— Eu agora estou com mais dúvidas ainda — disse eu — que quando te fiz aquela pergunta. Como é que um bem, distribuído entre vários donos, pode torná-los mais ricos que se esse bem fosse possuído apenas por poucos?

— Por maneres tua mente presa às coisas mundanas — respondeu — da verdadeira luz as trevas te afastam. Aquele imenso e inefável bem que lá está, corre ao amor como os raios de luz correm das superfícies que os refletem. Quanto mais ardor encontra, mais dá de si; quanto mais gente lá em cima se entende, mais há para bem amar, e mais se ama, como espelhos que espelham um ao outro. Se meu raciocínio não te convenceu, em breve encontrarás Beatriz, que poderá te remover esta e outras dúvidas tuas.

Eu já ia dizer “eu estou satisfeito”, mas vendo que chegávamos ao outro giro, meus olhos curiosos calaram minha língua. E de repente fui dominado por uma visão que tomou o controle dos meus sentidos. Eu me vi no meio de muita gente, dentro de um templo. Uma mulher, na sua entrada, dizia, com um jeito doce e materno:

— Filho meu, por que te comportasse assim conosco? Eu e teu pai, preocupados, estávamos à tua procura.

A voz foi cessando, e a imagem desvaneceu, mas depois surgiu outra. Uma outra mulher, tomada pela ira, dizia ao seu marido:

— Se tu és senhor desta cidade onde a luz da ciência irradia, cujo nome foi disputado pelos deuses, vinga-te ó Pisístrato, daqueles braços ímpios que ousaram abraçar a tua filha!”

15.7 A **terceira visão** mostra um exemplo de mansidão diante de inimigos. Ofendida com sua pregação, uma multidão enfurecida persegue **Estêvão** e o apedreja até a morte, que não reage e ainda pede a Deus pelos seus assassinos “Senhor, não lhes imputes este pecado.” (*Atos 7:54-60*).

E depois vi o chefe, benigno e calmo, respondendo:

— Que faremos com aqueles que nos causam mal, se quem nos ama é por nós condenado?

Depois tive a visão de uma multidão enfurecida, que com pedras, linchava um jovem até a morte. — Mata! mata! — gritavam. E eu o vi, na sua agonia, orando ao Senhor para que perdoasse aqueles que o matavam.

Quando finalmente meus sentidos se deram conta da realidade, eu reconheci os meus erros verdadeiros. Meu guia, que me viu naquele estado de quem tenta acordar de um sonho, perguntou:

— O que é que tu tens? Tu mal permaneces em pé como se estivesse bêbado ou meio adormecido.

— Ó pai — falei —, se tu me escutares eu te direi todas as coisas que me aconteceram enquanto eu mal conseguia andar.

— Não precisa — respondeu —. Se tu tivesses cem máscaras sobre o rosto, nem assim conseguirias esconder teus pensamentos de mim. O que tu viste foi mostrado para que teu coração seja inundado pela paz que flui daquela eterna fonte. Eu só te perguntei o que eu já sabia para te acordar e para dar forças às tuas pernas, pois precisamos continuar.

Nós então continuamos a caminhar enquanto o dia chegava ao fim, assistindo à beleza do por do Sol, olhando até onde a vista alcançava. E eis que, pouco a pouco, uma grande nuvem de fumaça se formou sobre nós, escura como a noite, e ficamos sem a luz e sem o ar puro.

Personagens e símbolos do Canto XVI

- 16.1 **Os iracundos** pagam seus pecados na **fumaça**. O sufocamento já foi usado por Dante para representar o sofrimento pelo pecado da ira no inferno, onde os condenados gorgolavam as lamas do rio Estige (*canto VIII*).
- 16.2 **Marco Lombardo**, segundo os comentaristas mais antigos da *Commedia*, como Ottimo e Benvenuto, era um homem generoso, cortês e de atitudes nobres, mas de temperamento explosivo. [Sayers 55] Segundo Ottimo, Marco, era um nobre de Veneza e amigo de Dante. Ele emprestava dinheiro aos que precisavam e não cobrava o pagamento. O nome Lombardo pode ser um nome de família ou simplesmente uma indicação de que ele era um italiano (era comum, na época, os franceses se referirem aos italianos como lombardos). [Longfellow 67]
- 16.3 **Agnus Dei** [*qui tollis peccata mundi, misere nobis, dona nobis pacem*] é a **oração** da terceira cornija: “Cordeiro de Deus, que tirai os pecados do Mundo, tende piedade de nós; dai nós a paz”. Faz parte da missa católica e se baseia em *João 1:29* [Sayers 55]
- 16.4 Marco não pode ver Dante, mas pode perceber que, diferentemente das almas do purgatório, **ele agita a fumaça**.
- 16.5 Neste discurso sobre **livre arbítrio**, Marco Lombardo é o porta-voz das idéias de Dante sobre o **determinismo**. Ele critica os que põem na **influência divina** ou dos astros toda a responsabilidade pelas ações humanas. Ele explica que embora o céu seja responsável por alguns dos movimentos humanos, os homens, tendo a inteligência para distinguir entre o bem e o mal, têm o poder de decidir e seguir caminhos por sua própria vontade. Se os astros ditassem todo o futuro, os homens não teriam responsabilidade alguma por seus atos, pois não poderiam evitá-los.

Canto XVI

Nem as trevas do Inferno, nem as noites mais escuras, cobriram meu rosto com um véu tão grosso, escuro e áspero, como aquela fumaça que ora nos envolvia. Não era possível suportar aqueles gases de olhos abertos, por isso o mestre veio em meu resgate oferecendo o seu ombro como guia. E assim, como cego guiado, eu atravessei o ar sórdido e amargo, ouvindo o meu senhor que dizia:

—Toma cuidado para não se perder de mim neste lugar!

Eu podia ouvir vozes que pareciam todas cantar ao cordeiro de Deus que leva nossos pecados. Com o *Agnus Dei* começavam todas as suas preces, a uma só voz, em uma atmosfera de perfeita harmonia.

— Mestre — perguntei — são de espíritos essas vozes que eu ouço?

— Tu deduziste bem — respondeu Virgílio —. Aqui eles soltam os nós de sua ira.

— E quem és tu que fendes a nossa fumaça e falas como se o vosso tempo ainda se medisse nos calendários? — ouvi alguém falar. O mestre então me disse:

— Responde e pergunta se é por este caminho que se chega às escadas.

— Ó criatura — falei — que aguardas o dia em que voltarás para quem te fez, se vieres comigo, ouvirás maravilhas e terás tuas dúvidas esclarecidas.



Marco, o Lombardo, na cornija dos iracundos.

Ilustração de Gustave Doré (século XIX).

— Irei até onde for permitido — respondeu o espírito — e mesmo que tu não possas me ver e nem eu a ti, pelo menos podemos ouvir nossas palavras.

— Eu ainda estou vivo — expliquei — e cheguei aqui depois de passar pelos lamentos do Inferno, que deixei para trás. E se Deus me acolheu na sua graça para que eu subisse à sua corte antes do tempo, dize-me, por favor, quem fostes e dize-me também, se o caminho que estamos seguindo é o que levará ao pé da escada.

— Eu fui lombardo e Marco era o meu nome — disse ele — . O caminho em que estás é sim o caminho das escadas. Peço que ores por mim quando chegares ao fim do teu trajeto.

— Por minha fé — respondi — vou me empenhar em fazer o que me pedes. Mas tenho uma dúvida, que talvez possas tu me esclarecer. O mundo anda deserto de virtudes e infestado de maldades. Alguns dizem que tudo é vontade dos céus. Outros acham que é culpa dos homens. Conheces a verdadeira causa de tudo e sua origem? Dize-me, se souberes, para que eu possa revelar a verdade aos outros.

— Irmão — começou, com um suspiro de pesar — o teu mundo é cego. Vós que viveis atribuíds tudo à influência dos astros, como se tudo fosse movido por eles e só por eles. Se assim fosse, não haveria livre arbítrio nem haveria sentido no júbilo ou no luto, pois nada seria evitável. O céu inicia vossos movimentos, mas não todos. Porém mesmo que assim fosse, ainda seríamos responsáveis, pois nos é dada a luz para distinguir o bem do mal. Natureza melhor e mais poderosa vos rege: a que é criada por vossas mentes, e que o céu não controla. Logo, se o mundo hoje perdeu o rumo, buscai a causa em vós e não nos astros, pois é em vós que ela está!

- 16.6 **Os dois sóis** são o **Império** e a **Igreja**. Refletem a concepção de Dante do que seria um estado perfeito, controlado ao mesmo tempo pela Igreja e pelo Estado laico. Dante não propõe um estado religioso nem uma igreja mundana, mas a partilha equilibrada do poder entre as duas entidades, cada uma assumindo um propósito: o Império com a finalidade de governar a Cidade dos Homens e a Igreja para guiar os homens à Cidade de Deus.
- 16.7 **Conrado Palazzo de Brescia** (Currado) foi um guelfo que assumiu vários cargos na Toscana na última década do século XIII. [Sayers 55]
- 16.8 **O bom Gherardo** é provavelmente Gherardo da Cammino (1240-1306), capitão-general em Treviso. Era conhecido por sua bondade e também pela beleza e fama de sua filha Gaia.[Musa 95]
- 16.9 **Guido da Castello** era muito conhecido pela sua bondade e virtude. Empréstava dinheiro sem cobrar juros. Ele também emprestava, a fundo perdido, cavalos e armas aos que viajavam à França ou que de lá voltavam, tendo perdido seus bens de forma honrada [Longfellow 67]
- 16.10 **Os Filhos de Levi** eram os sacerdotes judeus. Não podiam herdar qualquer propriedade. “O Senhor é a sua herança”. (*Deuteronômio 18:2*) Eles eram mantidos pelo povo. Marco, ao mostrar a Dante os males resultantes de uma Igreja mundana e rica, faz Dante compreender porque os filhos de Levi não podiam ter propriedades [Sayers 55].

Agora te explicarei a causa de toda esta falta de rumo. A jovem alma, surgida das mãos do criador, nasce pura e inocente, acreditando em tudo e em todos. Convém que haja portanto leis a serem seguidas e um rei capaz de pelo menos discernir as torres da cidade verdadeira. As leis estão aí mas quem as rege? Ninguém! O pastor encarregado de vos guiar corrompe a lei e vos arrasta para o abismo. Roma tinha dois sóis. Um mostrava a estrada de Deus, o outro mostrava a estrada do mundo. Mas um Sol apagou o outro e agora a igreja se uniu à espada, e desde então, um não teme mais o outro. Nas terras do Pó e do Adige se encontrava cortesia e virtude antes dos tempos de Frederico. Só restaram três velhos justos: Conrado da Palazzo, o bom Gherardo e Guido da Castel. A igreja de Roma que fundiu os dois poderes, agora afunda na lama, levando junto seus líderes e toda a sua carga.

— Ó Marco — disse eu — são bons teus argumentos. Agora entendo porque os filhos de Levi foram também excluídos da herança. Mas quem é esse tal de Gherardo do qual falaste agora há pouco?

— Mas como? Não conheces o bom Gherardo? — perguntou ele, surpreso — Eu não sei seu sobrenome, apenas que tem uma filha chamada Gaia. Que Deus esteja convosco, pois agora eu terei que ir. Vê os raios de luz que clareiam a fumaça. É o anjo que se aproxima e devo partir antes que ele me veja.

Ele se foi, e não quis mais me ouvir.

Personagens e símbolos do Canto XVII

- 17.1 **O freio da ira:** três visões mostram exemplos de ira contra parentes e amigos (Procne), contra os escolhidos de Deus (Haman) e provocada por adversários (Amata, mãe de Lavínia) [Sayers 55].
- 17.2 **Primeira visão:** Após cinco anos de um feliz casamento com Tereu, o rei da Trácia, **Procne** pediu ao marido que fizessem uma visita à sua irmã, **Filomena**, e a trouxessem para a Trácia para uma visita. Quando Tereu conheceu Filomena, ele se imediatamente apaixonou por ela. De volta à Trácia, na primeira oportunidade, levou a cunhada para uma cabana oculta na selva, e a violentou. Depois, cortou a sua língua para que não pudesse falar, e a manteve trancada na cabana, guardada por um de seus soldados. Quando Procne perguntou por sua irmã, Tereu, triste, ele contou a triste história de como ela havia morrido acidentalmente. Um ano se passou e, sem esperanças de escapar, Filomena bordou um tecido com toda a sua triste história contada em linha vermelho. Depois, conseguiu que uma pessoa entregasse o tecido à rainha. Quando Procne recebeu o tecido, e leu a história, foi correndo atrás da irmã. Tendo-a encontrado, deixou que a ira tomasse conta do seu coração e tramou uma vingança terrível contra o marido. Com a ajuda de sua irmã, ela degolou o próprio filho, temperou sua carne e serviu ao marido no jantar. Quando Tereu pediu para ver seu filho Itys, Procne disse: “Ele já está aí contigo!” “Onde?”, ele perguntou, e Filomena atirou a cabeça do pequeno Itys no prato do pai. Depois de superar o choque inicial, Tereu sacou sua espada e correu atrás das duas irmãs, e naquele momento, todos os três se transformaram em aves (Ovídio, *Metamorfoses*, VI).
- 17.3 **Segunda visão:** O homem enforcado e furioso é **Haman**, que recebeu do rei Assuero um cargo de honra. Todos os oficiais do rei se prostravam diante de Haman, menos o judeu **Mordecai**. Irritado, Haman mandou destruir todos os judeus e construiu uma forca para mandar enforcar Mordecai. O rei, porém, descobriu, através da rainha **Ester**, como Haman havia abusado do poder por causa de seu ódio pessoal a Mordecai, um homem que havia dado provas de sua fidelidade ao rei. Durante um banquete, preparado pela

Canto XVII

Recorda, leitor, se alguma vez estiveste em meio a uma névoa densa na hora em que as brumas começam a se dissolver, como a esfera pálida do Sol, aos poucos, se torna visível. Poderás assim formar a imagem exata do momento em que voltei a encontrar o Sol, que naquela hora estava a se por.

Mas, quando deixamos aquela nuvem de fumaça, meus sentidos outra vez se perderam numa visão. A imagem mostrava Procne, que fora transformada em andorinha, por causa de sua ira cruel. Depois surgiu, na minha imaginação, um homem crucificado e furioso. Em sua volta estava o grande Assuero, sua esposa Ester e o justo Mardocheo. Mas essa imagem também se esvaiu como uma bolha estourada, e veio outra, onde uma jovem chorava, dizendo:

— Ó rainha, por que quiseste que a ira te reduzisse a nada? Tiraste tua vida para não perder Lavínia mas agora me perdeste, pois eu sou ela que choro pela tua ruína.

Pouco depois, eu fui acordado por uma luz brilhante. Olhando em volta para saber de onde vinha, ouvi a voz:

— Aqui é a subida.

— Este é um divino espírito — disse-me Virgílio —, oculto na própria luz. Ele veio mostrar-nos o caminho. Aquele que espera que se peça quando vê que é preciso, mostra que não está mesmo disposto. Vamos, então, obedecer à sua chamada e subir antes que o dia acabe, pois se não o fizermos, só poderemos continuar quando o Sol retornar.

rainha, o rei condecorou Mordecai e mandou que Haman fosse enforcado na sua própria forca (*Livro de Ester, 3-7*).

- 17.4 **Terceira visão:** Quem fala é **Lavínia**, filha do rei Latino, que era noiva de Turnus. A rainha, **Amata**, temia que Turnus fosse derrotado e morto em combate por Enéas, e este ficasse com Lavínia como prêmio. Ela disse a Turnus: “Nunca verei Enéas como meu filho”. Quando a rainha viu, das janelas do seu palácio, que o exército inimigo se aproximava, sem reação do exército de Turnus, deduziu (incorretamente) que ele havia sido morto e se enforcou. Lavínia encontrou a mãe morta e lamentou que o seu ódio por Enéas fosse tão grande a ponto de acabar com a própria vida. (Virgílio, *Eneida, livro XII*).
- 17.5 **O anjo da Mansidão** (oposto da ira): remove o P da ira da testa de Dante e profere a bênção “Bem-aventurados são os mansos” (*Matheus 5:9*)
- 17.6 No seu **discurso sobre o amor**, que o classifica como a origem de todo o bem e também de todo o mal, Virgílio descreve a geografia do purgatório, que é baseada nas *raízes* de todos os pecados. O *amor natural* é instintivo e livre de culpa mas o *amor racional* pode errar de três maneiras: 1) por escolher o mal em vez do bem (amor pervertido), e, tendo escolhido o bem, 2) por não amar suficientemente, ou 3) por amar demais bens secundários. Ninguém quer realmente mal a si próprio (os que suicidaram estão no inferno) nem a Deus (igualmente, os que morreram querendo mal a Deus não se arrependeram e, portanto, não estão aqui). O amor pervertido, portanto, sempre é praticado contra o próximo. Os três tipos são: *orgulho*, *inveja* e *ira*, punidos nas cornijas abaixo. Nas cornijas seguintes serão encontradas almas que praticaram o amor legítimo (escolheram o bem) mas pecaram ou por falta ou por excesso. Quem não amou suficientemente (a Deus ou às suas obrigações na Terra) pecou por *preguiça*, e está purgando seus pecados na cornija atual. O amor ao bem supremo (Deus) nunca é excessivo, mas se esse amor for direcionado aos bens secundários (outras pessoas, alimentos, dinheiro) sem moderação, o pecador terá que purgar o seu erro nas próximas três cornijas (pecados da *avareza*, *gula* e *luxúria*).

Nós dois então começamos a subida das escadas. Quando eu pus o pé no primeiro degrau, senti uma asa mover-se na minha frente e dizer: “Bem-aventurados são os mansos, que não conhecem a ira maligna.”

Sobre nós, estavam os últimos raios do Sol. A noite se aproximava enquanto que as estrelas, aos poucos, iam surgindo.

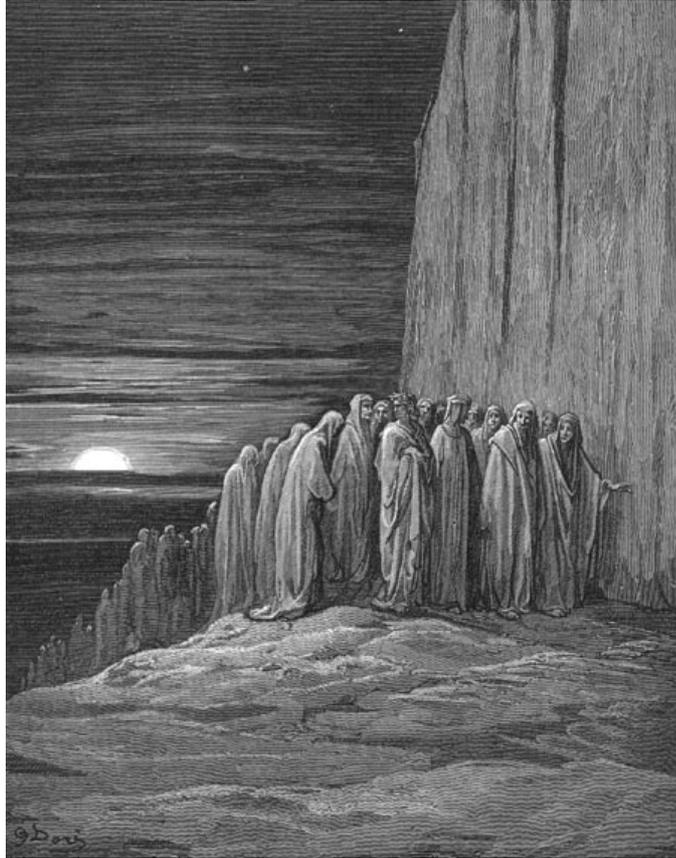
— Ó forças minhas, por que razão te esvais? — dizia eu a mim mesmo ao sentir que as forças fugiam das minhas pernas. Tínhamos acabado de chegar ao último batente. Se houvesse mais batentes, não poderíamos subir nem um degrau, pois não tínhamos mais forças. Eu esperei um pouco tentando ouvir algo neste novo terraço, mas depois voltei-me ao mestre, e perguntei:

— Ó doce pai, dize-me, qual a ofensa que é purgada dos pecadores desta cornija?

— O amor ao bem — respondeu — que eles tiveram sem a força devida, aqui se restaura. É aqui que trabalha o preguiçoso. Mas, para melhor entenderes, presta atenção ao que vou te explicar, para que tires o melhor proveito deste nosso atraso.

Ele então começou seu discurso:

— Jamais existiram criador nem criaturas sem amor natural ou sem o amor racional que o ânimo busca. O natural nunca erra. O outro poderá errar, ao escolher mal o objeto de seu amor, por excesso, ou por falta de vigor. O amor que se fixa no bem supremo, ou nos bens secundários com moderação, não pode ser causa de mal. Mas quando pende ao mal ou busca o amor com mais ou menos força do que se deve, emprega a sua criação contra o criador. E assim, poderás entender como o amor é ao mesmo tempo a semente de toda virtude e de todo ato que merece punição. Como o amor



Os preguiçosos. Ilustração de Gustave Doré (século XIX).

nunca pode querer mal a si próprio, nem pode querer mal àquele que o criou, o mal que se ama é o mal a seu próximo, e este se divide em três modos: os primeiros só admitem a própria glória, mesmo que isto signifique a ruína do próximo (orgulhosos); depois há os que preocupam-se com a possibilidade do outro crescer e acumular mais fama e poder que eles (invejosos); finalmente, existem aqueles que, por injúria sofrida, explodem em ira, e só pensam em revidar o mal causado (iracundos). Esses três tipos de amor pervertido vistes sendo purgados lá embaixo. Agora, veremos os que buscam o bem, mas de modo faltoso. Cada um imagina vagamente, algum bem que deseja, e se deixa levar pelo desejo de encontrá-lo. Se o amor que vos impele a essa meta é lento e preguiçoso, é nesta cornija que vós o expiarás. Há outro bem que não traz felicidade, pois não vem da boa essência que é fruto e raiz de todo o bem verdadeiro. O amor que perde ao tender a esse bem em excesso é purgado acima, nos próximos três terraços. Não falarei deles agora. Tu os descobrirás quando lá chegarmos.

Personagens e símbolos do Canto XVIII

- 18.1 Virgílio continua seu **discurso sobre o amor**, agora descrevendo as suas origens. Ele descreve o *amor natural*, que é instintivo, e busca o que lhe dá prazer, independente de ser uma coisa boa ou má. Dante então pergunta a Virgílio como uma alma pode ser culpada se ela é atraída, por instinto, ao mal. Virgílio então explica que para isto existe o *amor racional* que, utilizando-se de uma virtude inata que todos os homens possuem, é capaz de distinguir o bem do mal e escolher o caminho certo. Ou seja, mesmo que o amor (bom ou mau) possa surgir em cada pessoa de forma natural e instintiva, cada um tem também o poder de controlá-lo. Isto é o *livre-arbítrio*.

Canto XVIII

Depois de terminar o seu discurso, o grande mestre agora me olhava, procurando saber se eu estava satisfeito com a sua explicação. E eu já desejava fazer-lhes novas perguntas, mas então pensei: “Será que essas minhas perguntas sem fim o aborrecem?”. Não pude alimentar mais tal pensamento, pois Virgílio logo percebeu como eu me sentia e me incentivou a falar. Então eu perguntei:

— Mestre a tua explicação me foi muito clara, mas te peço que me definas o que é esse amor, que defendes como sendo a fonte de todo o correto agir e o seu oposto.

— Então presta atenção — respondeu-me — e terás esclarecido o erro dos cegos que decidem ser guias. A alma, que é criada com capacidade de amar, move-se para o que lhe dá prazer. Vossos sentidos extraem do mundo real uma imagem que é exibida internamente. É esta imagem que atrai a alma. E se ela é atraída, à imagem então se inclina, e esta inclinação é o amor, que faz parte de vossa natureza. E assim como o fogo se move para as alturas, buscando a sua própria natureza, da mesma forma vossa alma busca a coisa amada e não descansa até encontrá-la e dela usufruir. Podes agora entender como estão enganados aqueles que acham que qualquer amor é, em si, coisa louvável. Talvez assim pensem por acharem que sua essência é sempre boa, mas nem todo selo é bom, ainda que boa seja a sua cera.

- 18.2 **A pena dos preguiçosos** é correr sem parar, mantendo uma atividade incessante. O oposto do que realizaram em vida. A preguiça é caracterizada pela indiferença, que freqüentemente busca desculpas como “tolerância” ou “desilusão” para não tomar decisões, iniciativas, nem assumir compromissos. Seus opostos são o zelo, a ação, o esforço, a iniciativa e a persistência. A passagem por esta cornija é rápida pois as almas não têm tempo a perder. **A oração** da cornija aparenta ser “Depressa, depressa, que não se perca tempo por pouco amor!” mas como não tem origem bíblica ou litúrgica, a maior parte dos comentaristas considera que, diferentemente do padrão observado nas outras cornijas, não há oração nesta cornija.
- 18.3 **O látigo da preguiça** (exemplos de zelo) são os gritos dos penitentes que lideram o grupo, que lembram de exemplos de ações opostas à preguiça. Os exemplos são Maria e César. **Primeiro exemplo:** “Maria correu apressada à montanha”, gritam as almas, reproduzindo literalmente *Lucas 1:39*, que narra a visita de Maria a Isabel, depois da visita do anjo Gabriel. **Segundo exemplo:** O grito “César deixou Marselha e correu à Espanha” refere-se a um trecho da Farsália de Lucano. César, a caminho da Espanha, para enfrentar Pompeu, assediou Marselha e, deixando parte dos soldados para concluir a tomada, partiu com a outra parte para lutar contra Pompeu em Ilerda (Lerida).

— Teu discurso me esclareceu muitas dúvidas — respondi-lhe — mas ao mesmo tempo acrescentou outras. Se o amor vem de uma fonte externa, a alma não pode ter culpa em aceitá-lo e não pode ser, por essa razão, julgada culpada em segui-lo.

— Eu só posso te explicar aquilo que minha razão puder compreender — respondeu Virgílio —. Além da razão, terás que buscar o auxílio de Beatriz, pois se trata de obra da fé. Toda essência, esteja ela ligada ou não à matéria, tem a sua própria virtude, que não é percebida a não ser por seus efeitos, como o verde de uma planta revela-nos a sua essência viva. Não é, portanto, possível saber a origem das vossas inclinações ou do vosso instinto. Esses desejos inatos não são, portanto, nem condenáveis nem louváveis. Mas, para manter vossos instintos sob controle, tens uma virtude inata que, munida da razão, vos aconselha. É neste princípio que repousa o vosso poder de julgamento, que é capaz de rejeitar o mau amor e acolher o bom. Aqueles que, através do raciocínio, investigaram este assunto profundamente, perceberam essa liberdade inata e a partir dela, deixaram suas doutrinas morais e éticas no mundo. Então, posto que por necessidade surja em vós qualquer amor, em vós também está o poder de dominá-lo. Essa é a nobre virtude que Beatriz entende por *livre arbitrio*. Lembra-te disto quando tu a encontrares.

Pela posição da Lua minguante, deduzi que já era quase meia-noite. Eu, feliz por ter recebido respostas tão claras à minhas perguntas, deixei que meus pensamentos vagassem. Mas não durou muito esse estado de sono, pois logo surgiu um grupo de almas correndo, lideradas por duas que gritavam:

— Maria correu apressada à montanha! — gritou a primeira — César, para subjugar Ilerda, deixou Marselha e correu à Espanha

- 18.4 Nada se sabe sobre o **Abade de São Zeno**, nem o seu nome. Alguns comentaristas especulam que se trate de possivelmente Gherardo II, morto em 1187 [Sayers 55].
- 18.5 Frederico **Barbarossa** foi imperador entre 1152 e 1190. Em 1162, ele destruiu Milão, Brescia, Piacenza e Cremona e vivia em permanente atrito com o papa Alexandre III, que o excomungou [Musa 95]. Frederico acreditava que seu poder no Sagrado Império era absoluto e vinha diretamente de Deus. Por isso, não aceitava o papa como intermediário. Ele morreu afogado ao tentar atravessar a cavalo o rio Salef, na Armênia. [Longfellow 67]
- 18.6 O homem com o pé na cova é **Alberto della Scala**, senhor de Verona que morreu em 1301. Como o poema se passa em 1300, ele está com “um pé na cova”. O filho de Alberto é **Guiseppe**, retardado mental, aleijado e bastardo, recebeu o posto de abade de San Zeno entre 1292 e 1313, através de Alberto. [Musa 95]
- 18.7 **O freio da preguiça** é anunciado pelas almas que correm atrás do grupo e lembram exemplos de preguiça. **Primeiro exemplo:** “Antes que o Jordão...” refere-se aos israelitas, libertos da escravidão no Egito por Moisés, que, depois de terem atravessado o mar vermelho, manifestaram sua insatisfação em ter seguido Moisés. Reclamaram que preferiam ter continuado como escravos no Egito a sofrer no deserto. Por desobediência à lei de Moisés, foram condenados a nunca verem com seus olhos a terra prometida, que só foi vista pela geração seguinte (*Êxodo 14:11-12*, *Números 14:1-39* e *Deuteronômio 1:26-36*). **Segundo exemplo:** o filho de Anquise é Enéas, que deixou na Sicília seus companheiros que, acomodados, não quiseram lhe acompanhar até Latium e deixaram de participar da fundação de Roma (Virgílio, *Eneida V*).

— gritou a segunda. E os demais, correndo atrás, gritavam em seguida: — Depressa, depressa, que não se perca tempo por pouco amor!

— Ó gente que com agudo fervor agora compensais, talvez, vossa antiga negligência e preguiça, mostrai-nos o caminho para que este homem que vive possa subir quando o dia chegar.

Tais foram as palavras do meu guia. Respondeu-lhe um daqueles espíritos:

— Segue atrás de nós e encontrarás o caminho. O nosso empenho em continuar nos impede que paremos, portanto, nos perdoa se o nosso dever te parecer descortês. Eu fui abade de São Zenão em Verona, sob o império do bom Barbarossa, que Milão ainda lamenta. Lá há um homem com um pé na cova, que em breve irá lamentar o poder que teve sobre o mosteiro, pois seu filho, mal nascido, mal da mente e do corpo, lá ocupará o lugar do pastor verdadeiro.

Se ele falou mais eu não ouvi, nem teria ouvido pois a sua pressa não permitiria. O grupo passou rapidamente. Virgílio depois me chamou a atenção para os dois últimos que gritavam exemplos de preguiça:

— Antes que o Jordão visse seus herdeiros, morta já estava a gente a quem o mar se abriu. — gritou um. E o outro: — Aqueles que não tiveram coragem de acompanhar o filho de Anquise, ficaram com uma vida sem glórias.

Quando as sombras se foram, vários pensamentos surgiram na minha mente. Neles eu divaguei até que, quando meus olhos se fecharam, eles se transformaram em um sonho.

Personagens e símbolos do Canto XIX

- 19.1 Na sua segunda noite no purgatório, Dante sonha com **a sereia**, que representa os pecados da incontinência purgados nas próximas três cornijas: a avareza, a gula e a luxúria. A sereia inicialmente não aparenta ser bela, mas o constante olhar de Dante a transforma, sugerindo que o canto da sereia é uma ilusão dos sentidos. Existe uma intuição de que algo está errado. Esta intuição é representada pela mulher que chama por Virgílio, que desmascara a sereia e mostra que os prazeres por ela prometidos eram falsos. A alegoria sugere que é possível vencer essas tentações através do uso da razão (simbolizada por Virgílio).
- 19.2 **O anjo do Zelo** retira o P da preguiça da testa de Dante e pronuncia a bênção “Bem-aventurados são os que sofrem, pois eles terão consolo”, de *Matheus 5:4* (no original, o anjo fala latim: *Benedicti qui lugent, quoniam ipsi consolabuntur*).

Canto XIX

Faltavam poucas horas para o amanhecer quando entrou no meu sonho uma mulher de pele pálida e manchada, mãos deformadas e pés tortos. Vesga, ela cambaleava e gaguejava. Eu a observava e, assim como o Sol conforta os membros frios após uma longa noite, o meu olhar soltou-lhe a língua, endireitou-lhe o corpo e corou o seu rosto. Logo que sua língua estava livre ela começou a cantar, e o seu canto tomou conta de minha mente:

— Eu sou — cantava —, eu sou a doce sereia que desvio os marinheiros em alto mar, por lhes causar tanto prazer em me escutar. Eu desviei Ulisses do seu caminho com o meu canto, ao qual poucos são capazes de resistir.

Ela ainda não se calara quando apareceu uma dama santa do meu lado, deixando a outra confusa.

— Ó Virgílio, Virgílio, quem é esta? — ela chamava, indignada. Virgílio foi até a sereia, agarrou-lhe a roupa e a despiu, deixando o ventre à mostra. Eu acordei com o mau cheiro que saía de lá.

— Te chamei três vezes — disse-me o mestre, quando abri os olhos. — Ergue-te e vamos procurar a brecha pela qual poderemos subir!

Então eu me levantei. O Sol já iluminava toda a cornija. Caminhávamos com ele aquecendo nossas costas quando ouvi uma voz suave que dizia:

— Vinde, que é aqui a subida.

- 19.3 “A minha alma está presa ao pó”, dizem as almas (no original, elas falam latim: *adhaesit pavimento anima mea*). Esta é **a oração** da cornija. O trecho é parte do *Salmo 119, versículo 25*.
- 19.4 **Os avarentos:** A avareza é um pecado materialista, que não consegue ver além das recompensas do mundo material, por isto, as almas permanecerem deitadas, com os olhos permanentemente voltados à terra e incapazes de ver o céu que tanto anseiam.
- 19.5 O espírito que chora é o **papa Adriano**, da família dos condes de Lavagna. Ele, que morreu em 1276, foi papa por apenas 39 dias. Quando Dante se abaixa em respeito à autoridade do papa, ele protesta, lembrando de *Mateus 22:30* “[na ressurreição eles] nem casam nem são dados em casamento [mas são como anjos no céu]”, ou seja, o que o Adriano foi na Terra não tem mais significado após a morte; ele não é mais papa.

Ele nos indicou o caminho e depois moveu suas asas sobre nós dizendo “bem-aventurados são os que sofrem, pois eles terão consolo.”

— O que é que tens que não paras de olhar para o chão? — perguntou-me o guia, quando já estávamos afastados do anjo.

— Foi o sonho que eu tive — respondi —. Não consigo pensar em outra coisa.

— Viste — disse ele — aquela bruxa antiga por quem as almas acima choram. Viste, também, como o homem se desliga dela. Que isto te baste como explicação. Andemos e agora olha para o céu, pois já chegamos ao final da subida.

Quando saímos daquela fissura na pedra eu já estava no quinto círculo. Lá eu vi gente estendida de bruços, com o rosto coberto de lágrimas e virado para o chão. “A minha alma está presa ao pó”, oravam, soluçando.

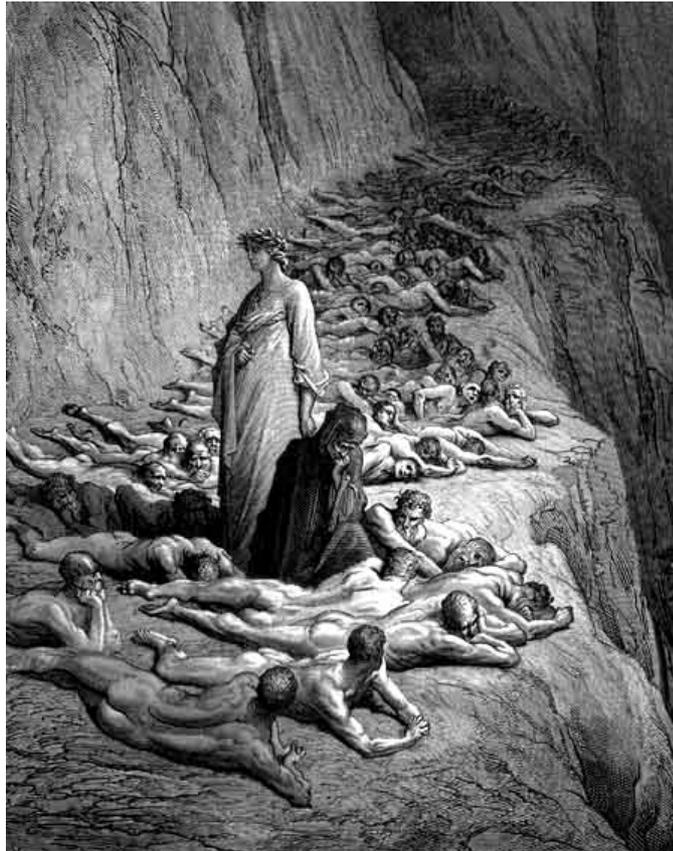
— Ó eleitos de Deus — falou Virgílio —, cujos sofrimentos, a justiça e esperança fazem menos duros, mostrai-nos o caminho para os giros superiores.

— Sigais em frente, mantendo vosso lado direito para fora, que vós encontrareis a subida. — respondeu alguém próximo a nós.

Com o consentimento do mestre, me aproximei daquela alma que havia falado e perguntei:

— Espírito, se puderes interromper teu pranto por um instante, dize quem és e por que jazes com o rosto ao chão, para que eu possa, estando vivo, falar de ti ao mundo.

— Em breve saberás porque Deus nos colocou de costas para o céu. Antes saiba que eu fui um dos sucessores de Pedro. Fui de nobre família e me converti muito tarde. Foi somente quando me



Os avarentos. Dante conversa com o papa Adriano V. Ilustração de Gustave Doré (século XIX).

tornei papa que percebi a minha vida falsa, e tive pouco mais de um mês para sentir o peso do grande manto. Até então eu era uma alma desgraçada, avara, desligada de Deus, e por isso eu sou punido aqui, como podes ver. O efeito da avareza se declara nesta purgação. Não há, no monte, punição mais dura que esta. Assim como nossos olhos, presos aos bens terrenos, nunca olhavam para o alto, a justiça daqui os mantém fixos ao chão, e nossas mãos e pés atados pelo tempo que agrade ao justo senhor.

Eu estava de joelhos e iria começar a falar quando ele percebeu meu gesto reverente e perguntou:

— Por que estás abaixado?

— Por vossa dignidade minha consciência não permitiu que eu ficasse de pé — respondi.

— Levanta-te, irmão! — ele respondeu — Não erres. Assim como tu, eu sou servo de um só poder. Se entendeste o santo evangélico quando ele disse “nem casam nem são dados em casamento” tu entenderás como eu estou certo. Mas vai, não demores mais. Na Terra eu tenho uma sobrinha: Alágia, uma pessoa boa, a não ser que ela se perca nos maus modos de nossa família. Lá, no mundo, ela é a única coisa que me resta.

Personagens e símbolos do Canto XX

- 20.1 **A loba**, neste canto, simboliza a avareza, raiz dos piores pecados punidos no inferno. Aquele que a expulsará do mundo é o **Lebreiro**. *Vêja Inferno, canto I e notas.*
- 20.2 **O látigo da avareza e prodigalidade** (exemplos de pobreza e generosidade) é pronunciado por um espírito (Hugo Capeto – *nota 20.3*). O **primeiro exemplo** lembra que Maria deu à luz a Jesus numa humilde manjedoura de Belém. O **segundo exemplo** é **Caio Fabrício**, cônsul romano, que durante sua vida recusou subornos (como era o costume) e morreu pobre. O **terceiro exemplo** narra a generosidade de **São Nicolau**, bispo da Lícia, que para salvar um vizinho falido de ter que entregar as três filhas à prostituição, secretamente jogou sacos de ouro pela janela de sua casa, durante três noites seguidas, para que o pai pudesse casar suas filhas respeitadamente. São Nicolau é representado na cultura ocidental como Santa Claus (Saint Nic'laus) ou Papai Noel.

Canto XX

Para satisfazê-lo, eu, insatisfeito, me levantei sem ter feito as perguntas que queria e me retirei, como ele havia pedido. Meu guia decidiu seguir o caminho junto à encosta, por onde havia espaço, pois as lágrimas vertidas por aquela massa inundavam todo o terraço até perto da beira.

Maldita sejas tu, ó loba antiga, cujo apetite insaciável fez mais vítimas que qualquer outra besta! Quando, ó céus, virá aquele que a expulsará do mundo?

Nós andávamos em passos lentos e escassos e eu me mantinha atento aos espíritos que continuavam a chorar, se lamentando. Assim, por acaso eu ouvi alguém chamar à nossa frente:

— Doce Maria! Foste tão pobre quanto pode-se ver pelo lugar onde tivesse o teu filho — E depois: — Ó bom Fabrício, tu preferiste a pobreza e virtude à riqueza e vício!

Essas palavras me foram tão agradáveis que eu me adiantei para indagar a identidade do espírito que as havia pronunciado. Ele continuava a falar agora do presente de Nicolau às três donzelas, que assim puderam honrar sua juventude.

— Ó alma que falas de tanto bem — disse eu — dize-me quem foste e por que somente tu revelas tais exemplos de louvor. Tua resposta não ficará sem recompensa, se eu voltar ao mundo para cumprir o curto caminho que me resta.

— Eu te direi — respondeu ele — mas não pelo conforto que eu espere do mundo de lá, mas porque tanta graça em ti reluz antes

- 20.3 **Hugo Capeto** (Hugo I) foi o fundador da dinastia dos Capetos (á árvore maligna) que reinou sobre a França por três séculos, de 987 a 1328, quando foi substituída pela dinastia de Valois [Larousse 95]. **Douai, Lille, Ghent e Bruges** são cidades que aqui representam toda a região de Flandres, dominada pelos Capetos. A vingança de Hugo Capeto ocorrerá quando os franceses forem derrotados na batalha de Courtrai, em 1302 [Musa 95].
- 20.4 **Os Luíses e Felipes** são os herdeiros de Hugo I, o Capeto. Todos os reis da França entre 1060 a 1322 se chamavam ora Luís ora Felipe: Felipe I (o amoroso) – 1060, Luís VI (o gordo) – 1108, Luís VII (o jovem) – 1137, Felipe II (augusto) – 1180, Luís VIII (o leão) – 1223, Luís IX (o santo) – 1226, Felipe III (o ousado) – 1270, Felipe IV (o belo) – 1285, Luís X – 1314 [Longfellow 67].
- 20.5 **Carlos I de Anjou**: veja nota 7.15.
- 20.6 **Conradino** tentou reconquistar o trono da Sicília perdido para Carlos de Anjou mas foi derrotado e posteriormente executado em 1268.
- 20.7 **Carlos de Valois** (1270-1325), irmão de Felipe IV, o belo e fundador da dinastia de Valois (que viria a substituir a dinastia dos Capetos) através de seu filho, Felipe VI. Foi chamado à Itália pelo papa Bonifácio VIII como um pacificador (para destruir os opositores da igreja) e ajudou a expulsar os guelfos brancos (*Bianchi*) de Florença (entre eles, Dante).[Musa 95]
- 20.8 Santo **Tomás de Aquino** provavelmente morreu de causas naturais em 1274, mas, de acordo com as lendas que circulavam na época de Dante, ele teria sido envenenado por seu médico, seguindo ordens de Carlos de Anjou.
- 20.9 O terceiro Carlos é **Carlos II de Anjou**, rei de Nápoles e filho de Carlos de Anjou. Quando foi derrotado por Pedro de Aragão, foi mantido prisioneiro em seu próprio navio [Musa 95]. Ele aceitou uma grande soma de dinheiro de Azzo d'Este como pagamento pela mão de sua filha em casamento [Sayers 55].
- 20.10 A **flor de lis** é a França, neste caso, a França governada por Felipe IV, o belo. O **vigário de Cristo** é o papa Bonifácio VIII. Veja *nota 7.12* (sobre Felipe IV) com o relato sobre o seqüestro do papa.

de morto. Eu fui raiz da maligna planta que escurece toda a terra cristã, mas se Douai, Lille, Ghent e Bruges pudessem, a vingança seria delas, e que seja, se Deus quiser. Na Terra eu me chamava Hugo Capet. Sou o patriarca de todos os Felípes e Luíses que ultimamente têm regido a França. Enquanto não haviam tomado o reino provençal, não fizeram tanto mal, mas depois levaram Pontieu, Normandia e Gasconha. Carlos veio à Itália, sacrificou Conradino e mandou Tomás para o céu. Eu vejo um tempo, num futuro não muito distante, onde um outro Carlos virá da França, e o mundo conhecerá melhor a ele e a sua laia. Ele virá sem armas mas com a lança de Judas arrebentará a pança de Florença. O terceiro Carlos, que uma vez foi preso em seu navio, vejo vender sua própria filha como fazem os corsários com suas escravas. Ó avareza, que mais podes causar ao meu sangue após tê-lo levado à desprezar até a própria carne? Vejo ainda, no futuro, a flor de lis entrar em Alagna e aprisionar o vigário de Cristo; vejo-o entre ladrões receber o vinagre e por fim ser morto. E esse novo Pilatos tão cruel, ainda insatisfeito, perseguirá e destruirá também o Templo.

Terminada a profecia, ele respondeu à minha pergunta:

—As palavras que ouviste são as orações que aqui recitamos durante o dia. Quando chega a noite, falamos de exemplos opostos. Lembramos de Pigmalião, que se tornou traidor, ladrão e parricida por causa de seu apetite incontrolável pelo ouro. Lembramos do avarento Midas, da insensatez de Achan, de Safira, Heliodoro e Poliestro. Às vezes gritamos, às vezes falamos baixo. Eu não era o único que falava. Foi por acaso que não ouviste mais a voz de nenhuma outra alma.

- 20.11 **O freio da avareza** lembra de sete exemplos que não devem ser seguidos. 1) **Pigmalião**, rei de Tiro e irmão de Dido (*veja Inferno, canto V*), matou seu cunhado Siqueu para se apossar de seu ouro (*Virgílio, Eneida, livro I*). 2) **Midas**, rei da Frígia, ao ter direito a um desejo de Baco, pediu que tudo o que tocasse se transformasse em ouro (*Ovídio, Metamorfoses, livro XI*). 3) **Acã**, da tribo de Judá, desobedeceu às ordens de Deus e ficou com os tesouros condenados de Jericó (*Josué 7:20-26*). 4) **Ananias** e sua esposa **Safira** venderam uma propriedade pertencente à comunidade dos cristãos mas entregaram aos apóstolos apenas parte do dinheiro conseguido com a venda (*Atos 4:32-37 e 5:1-10*). 5) Obedecendo às ordens do rei da Síria, **Heliodoro** tentou confiscar do templo os depósitos pertencentes à população de Jerusalém, mas foi impedido pelos coices de um cavalo misterioso (*2 Macabeus 3*) [NSRV Apocrypha]. 6) Príamo de Tróia enviou Polidoro, seu filho, junto com grande quantidade de ouro ao rei **Polinestor**, da Trácia, para que este o criasse. Mas, logo após a queda de Tróia, o rei preferiu matar o menino e ficar com o ouro. “A que não obrigas tu os corações dos mortais, ó maldita fome de ouro!” (*Virgílio, Eneida, livro 3*). 7) O cônsul romano Marcus Licinius **Crassus**, “o rico”, era conhecido por sua sede de ouro. Derrotado pelos partos em 53 a.C., foi preso pelo rei Orodes e presenteado com ouro que foi derretido e derramado na sua garganta [Mauro 98].
- 20.12 **Glória a Deus nas alturas** (no original, em latim: *gloria in excelsis Deo*) é o canto dos anjos ao anunciar o nascimento de Cristo aos pastores.

Nós já havíamos partido de junto dele quando senti a montanha tremer. E então, por todos os lados surgiu um grito, tão alto que o mestre se aproximou e me disse:

— Não temas enquanto eu for teu guia.

— *Glória a Deus nas alturas!* — cantava o coro, enquanto a montanha tremia.

Como os pastores que ouviram esse canto pela primeira vez, ficamos imóveis até que o hino terminasse, quando também cessou o tremor. Depois, continuamos pelo nosso caminho santo, olhando as almas que jaziam no chão, de volta ao seu interminável pranto. Nunca me deu tanta vontade de saber o que ocorrera quanto naquela ocasião. Eu continuei a caminhar, mas com a mente confusa e pensativo.

Canto XXI

A sede de conhecimento me atormentava. Aquela estrada coberta de almas deitadas obstruía minha pressa, mas isto não era suficiente para reduzir o meu passo. E eis que de repente uma sombra nos surpreendeu. Ela veio de trás. Como olhávamos para o chão, tomando cuidado para não pisar nas almas penitentes, só percebemos sua presença quando ouvimos:

— Irmãos, que a paz de Deus esteja convosco.

Quando ele falou, nós paramos e olhamos para trás. Virgílio então respondeu às suas palavras, dizendo:

— Que a corte sagrada que me banuiu ao eterno exílio te acolha em paz no concílio divino.

— Como? — disse ele, nos seguindo —. Se vós sois gente que Deus não recebe, quem vos guiou pelas escadas?

— Se observares — começou o mestre — as marcas que o anjo marcou nele, verás que ele deve seguir para o reino dos bons. Mas como ainda não chegou o seu dia, sua alma não poderia subir sozinha, pois ela não vê o que nossos olhos vêem. Então eu fui trazido do maior círculo do Inferno para guiá-lo até onde meus conhecimentos permitirem. Mas dize-me, se souberes, por que o monte tremeu agora há pouco; e qual o porquê daquele alegre clamor que acompanhou o abalo?

A pergunta do mestre atingiu em cheio o cerne do meu desejo, e só pelo anseio, minha sede já estava mais aliviada.

Personagens e símbolos do Canto XXI

- 21.1 **Estácio** (Publius Papinus **Stadius** - 45-96 d.C.): poeta romano, autor de duas epopéias: a *Tebaida* e a *Aquileida*, esta última, inacabada. Compôs também várias outras obras, algumas das quais estão perdidas [Larousse 95]. Seus poemas eram populares na idade média e talvez tenham despertado a atenção de Dante por trazer, pela primeira vez, a alegoria como uma forma literária. Como romano convertido ao cristianismo, Estácio age como uma ponte entre Virgílio e Beatriz. [Sayers 55].
- 21.2 Quando Virgílio diz que Dante “**não tem olhos para ver...**” ele sugere que o mundo dos mortos não existe no universo dos sentidos. É através de Virgílio que Dante percebe o que ocorre.
- 21.3 **Tito**, imperador romano (79-81 d.C.): filho de Vespasiano, liderou o exército de seu pai que sitiou Jerusalém, vingando os Judeus pela morte de Cristo.

— As leis sagradas desta montanha — respondeu a sombra — não permitem que nada ocorra, que esteja fora de sua regularidade. Livre é este lugar de qualquer alteração a não ser que venha do céu. Então não há chuva, granizo, neve ou orvalho acima dos três degraus da primeira escada. Podem ocorrer terremotos na Terra, mas aqui eles nunca chegam. Aqui, a montanha só treme quando alguma alma se sente pura o suficiente para começar a subir, e depois, ouve-se aquele coro. A vontade de subir é a prova da pureza alcançada. E eu, que por mais de quinhentos anos permaneci aqui deitado, agora tive vontade de me levantar. Foi por isso que sentistes o tremor e ouvistes todos os habitantes do monte louvar a Deus.

Assim nos disse, e assim ele saciou a minha sede. Depois o sábio mestre perguntou:

— Agora, se te agradar, gostaria de saber quem foste tu, e saber por tuas palavras, por que passaste tanto tempo aqui.

— Nos tempos do bom Tito que, ajudado pelo supremo Rei, vingou o sangue por Judas vendido, eu já tinha o nome que ainda persiste — disse a alma —. Fama eu tinha, mas ainda não tinha fé. Meu nome é Estácio, e em Roma, assim ainda me chamam. Cantei das glórias de Tebas e depois as do grande Aquiles, mas este último não terminei. A faísca que acendeu o meu ardor poético veio daquela chama sagrada que já iluminou mais de mil poetas. É da *Eneida* que eu falo. Ela foi a mãe da minha poesia. Para ter tido a oportunidade de viver em outro tempo, no tempo de Virgílio, eu aceitaria passar mais um ano de sofrimento neste monte.

Essas palavras fizeram com que Virgílio olhasse para mim com um olhar que dizia “Cala!” Mas como nem tudo o que se quer

se pode, não pude conter um breve sorriso que não passou despercebido. Estácio calou-se. Depois falou:

— Que teu esforço possa te levar ao céu, mas dize-me, por que há pouco um lampejo de riso apareceu em tua face?

A pergunta me pegou desprevenido. Um me pede para não falar. O outro pede que eu fale. E agora? Suspirei, mas o mestre logo veio em meu auxílio:

— Não tenhas medo — disse ele —. Dize a ele o que ele deseja saber.

— Se te espantasse com meu sorriso — comecei — vou agora te dar motivo para espanto ainda maior. Este, que guia meu olhar para o alto, é o poeta Virgílio de quem colheste o poder de cantar as aventuras dos homens e dos deuses.

Antes que eu terminasse de falar, Estácio já se inclinava para abraçar os pés do mestre quando este lhe disse:

— Irmão, não faças isto. Tu és sombra e eu sou sombra.

E ele, se erguendo, respondeu:

— Agora compreendes quanto amor eu tenho por ti, quando eu me esqueço da nossa condição vazia tratando sombras como se fossem coisas materiais.

Personagens e símbolos do Canto XXII

- 22.1 **O anjo da pobreza** pronuncia a bênção “Bem-aventurados são os que têm [fome e] sede de justiça” (*Beati qui [esuriunt et] sitiunt justitiam*) de *Mateus 5:6*. O anjo omite a palavra fome (*esuriunt*), reservada à cornija da gula.
- 22.2 **Juvenal** (Decius Junius Juvenalis, ca. 60 – 140 d.C.): poeta romano autor das *Sátiras*. A sua sétima sátira menciona a pobreza de Estácio, seu contemporâneo [Musa 95].
- 22.3 **A frase** “A que não obrigas tu os corações dos mortais, ó maldita fome de ouro!” foi escrita por Virgílio na *Eneida* e refere-se à crueldade de Polinestro (*veja nota 20.11*).

Canto XXII

Agora já havíamos deixado para trás o anjo que nos enca-minhou ao sexto giro. Ele apagou mais uma marca do meu rosto dizendo “Bem-aventurados são os que têm sede de justiça”. Eu, bem mais leve, subi sem dificuldades atrás daqueles espíritos velozes, quando Virgílio começou:

— Amor, aceso pela virtude, sempre outro acende, enquanto a chama do primeiro ainda é visível. Desde aquele dia em que Juvenal se juntou à nós no Limbo do Inferno e me contou de tua afeição por mim, meu bem-querer por ti foi o maior que já senti por uma pessoa não vista. Mas dize-me, e como amigo me perdoa por perguntar-te, como encontraste em teu coração lugar para a avareza, estando ele pleno de tanto saber por ti cultivado?

Com essas palavras, Estácio esboçou um leve sorriso e depois respondeu:

— Tudo o que falaste revela teu amor por mim. As aparências, é verdade, podem dar lugar a suspeitas infundadas. Na tua pergunta tu crês que fui avaro na outra vida provavelmente por ter me encontrado naquele círculo. Na verdade, eu estava bem longe da avareza; longe demais até: fui um pródigo. Foi por esse excesso que durante tantas luas fui punido. E se eu não tivesse corrigido o meu rumo eu estaria agora rolando pesos eternamente naquela vil competição infernal. Felizmente tive a oportunidade de meditar sobre aquelas linhas que escreveste: “Até onde, ó sacra fome de ouro, regerás o apetite dos mortais?” Foi então que eu entendi como as

- 22.4 **Filhos de Jocasta:** Jocasta, viuva do rei Laio de Tebas, casou-se com seu filho Édipo, do qual teve dois filhos: Eteocles e Polinice. A *Tebaida* narra a trágica luta dos dois pelo poder em Tebas.
- 22.5 **Clio** é a musa da História, que Estácio invoca no início da *Tebaida*.
- 22.6 **A frase** “Nasce uma nova era...” foi escrita por Virgílio nas *Bucólicas*.
- 22.7 **Domiciano** (Titus Flavius Domitianus Augustus), imperador romano, foi o sucessor de Tito. A *Tebaida* de Estácio é dedicada a ele.
- 22.8 **Terêncio, Plauto, Vário, Cecílio e Pérsio** são poetas romanos.

mãos poderiam abrir demais as asas nos gastos, e desse erro me arrependi, e de outros males também. Saibam, portanto, que os que cometem pecados desejando através deles anular pecados contrários são sempre punidos no mesmo círculo desta montanha. Então, se eu fui posto ao lado daquela gente que chora pela sua avareza, é porque meu pecado foi o seu extremo oposto.

— Agora, quando cantasse as armas dos filhos de Jocasta — disse o autor das *Bucólicas* —, que escrevestes sob a inspiração de Clio, não me pareceu que abraçavas a fé cristã. Se isto é verdade, que luz iluminou teu caminho para que tu encontrasse o portal de São Pedro?

— Foste tu, Virgílio — respondeu Estácio —. Foi a tua luz que me mostrou o caminho de Deus. Tu foste o viandante solitário que à noite, leva sua lanterna nas costas, que não serve a si, mas àqueles que vêm atrás. Por ti fui poeta, e por ti também, cristão. Tu disseste: “Nasce uma nova era, volta a justiça e os primeiros tempos do homem, e uma nova progênie do céu descende.” Naquele tempo, já havia rumores da crença verdadeira semeada pelos apóstolos. Tuas palavras, que há pouco citei, eram tão parecidas com aquelas anunciadas pelos pregadores, que eu me tornei um visitante assíduo de suas pregações. Tão santos me pareceram que, quando Domiciano os perseguiu, eu chorei, como eles choraram no seu sofrimento. Enquanto vivi, eu os socorri, e os seus hábitos virtuosos me fizeram desprestigiar todas as outras crenças. Antes de terminar o sétimo livro da *Tebaide*, fui batizado, mas por medo fui um cristão secreto, sempre dando exemplos de paganismo. Por causa disso, permaneci ainda por quatro séculos na quarta cornija, purgando a minha indiferença. Agora, eu gostaria de saber de ti, se souberes, onde está o nosso Terêncio? E Plauto, Cecílio e Vário?

22.9 **Eurípide, Antífote, Simônide e Agatão** são poetas gregos.

22.10 **O látego da gula** consiste de exemplos de temperança, apresentado como vozes que saem da árvore. O **primeiro** exemplo fala do comportamento de Maria, durante o casamento em Caná (onde houve o milagre da transformação da água em vinho), narrado em *João 2:1-12*. O **segundo** refere-se à virtude das mulheres de Roma Antiga, descrita por Tomás de Aquino. O **terceiro** exemplo é Daniel, que recusou o manjar do rei e preferiu se alimentar apenas de água e legumes (*Daniel 1:8-17*). O **quarto** fala da idade do ouro, descrita por Ovídio, quando os homens se satisfaziam com os alimentos fornecidos pela natureza, sem precisar caçar ou plantar (*Metamorfoses, livro I*). O **quinto** exemplo descreve os alimentos de S. João Batista (*Mateus 3:4 e Marcos 1:6*)

— Todos eles — respondeu o meu guia — estamos com Homero, no primeiro círculo do cárcere cego. Lá, sempre discorremos sobre o monte, onde vivem nossas nove musas. Lá também estão Eurípides e Antifonte, Simônide, Agatão e vários outros gregos famosos, além de diversos personagens de tuas obras.

Já libertos das escadas e das paredes, os poetas se calaram e agora dedicavam sua atenção às redondezas. Já estávamos na quinta hora do dia quando o meu guia falou:

— Creio que devemos rodear o monte como temos feito até agora, seguindo para a direita.

E assim, o hábito foi o nosso guia e prosseguimos sem hesitar, com a concordância de Estácio. Os dois iam na frente e eu os seguia. Eles continuaram a conversar e só pararam quando chegamos a uma árvore repleta de frutos, cuja fragrância inundou o ar. Assim como o pinheiro se afila para cima, esta árvore se afilava para baixo, para que ninguém pudesse alcançá-la, imaginei. Do lado onde fica a parede da montanha, uma água clara brotava das nascentes e banhava suas folhas mais altas.

Quando os dois poetas finalmente chegaram à árvore, dela saiu uma voz, gritando:

— “Este alimento a vós será negado!” — e depois — “Mais pensava Maria em como fazer o casamento com plenitude, que em sua boca, que agora vos responde!” “As antigas romanas estavam contentes, mesmo quando, para beber, só havia água!” “Daniel desprezou a comida mas adquiriu saber!” “A primeira era do homem foi bela como ouro: a fome tornou os frutos saborosos; a sede fez o néctar fluir em todos os riachos.” “Mel e gafanhotos foram os alimentos do Batista no deserto, e por isso ele é aquela figura gloriosa que no evangelho vos é revelado.”

Personagens e símbolos do Canto XXIII

- 23.1 **A oração dos gulosos** é o Salmo 51. O trecho “Meus lábios Senhor” (*Labia mea Domine*) é o versículo 15: “Abre, ó Senhor, os meus lábios, e a minha boca entoará o teu louvor.” A intenção é lembrar ao penitente que os lábios servem para outra coisa além de comer e beber [Sayers 55]. A pena dos gulosos é sentir fome em uma terra de abundância.

Canto XXIII

Enquanto eu olhava aquela folhagem verde, como quem procura um passarinho, tentando ver o que se escondia lá atrás, aquele que era mais que pai me chamou:

— Filho, vem logo. Temos pouco tempo e é importante que façamos bom uso dele.

Eu então me virei e continuei a acompanhar aqueles dois poetas cuja conversa me fazia esquecer o esforço de caminhar. E eis que ouvimos o canto lacrimoso *Meus lábios Senhor*, que misturava júbilo e dor em cada palavra.

— Ó doce mestre, o que é isto que ouço? — eu perguntei, e ele respondeu:

— São sombras, talvez, desfazendo o nó das suas dívidas.

E atrás de nós passou um bando de espíritos, silenciosos e devotos. A órbita dos seus olhos era escura e cava. Suas faces eram pálidas e seus corpos tão descarnados que a pele se moldava nos ossos. Nunca vi, nem entre os mais famintos, gente num estado tão deplorável. Quem acreditaria que o odor de uma fruta ou de uma fonte de água comandasse suas vontades a tal ponto? Ainda me admirava seu estado faminto, pois ainda não sabia a razão de sua magreza extrema, quando uma sombra me encarou e falou:

— Ah, que graça recaiu sobre mim!

Eu nunca seria capaz de reconhecê-lo pelo rosto pois estava muito desfigurado. Foi uma faísca que clareou a minha mente e fez com que eu reconhecesse o rosto de Forese.

- 23.2 **Forese** Donati é irmão de Corso Donati (*nota 24.12*) e Piccarda (*nota 24.2*).
Era um amigo próximo de Dante.
- 23.3 **Eli**, *Eli, lama sabachtani* (“Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?”)
é pronunciado por Jesus, na cruz, perto da hora da morte (*Matheus 27:46*).
- 23.4 **Nella** (Giovanna) é a esposa de Forese (*nota 23.2*).

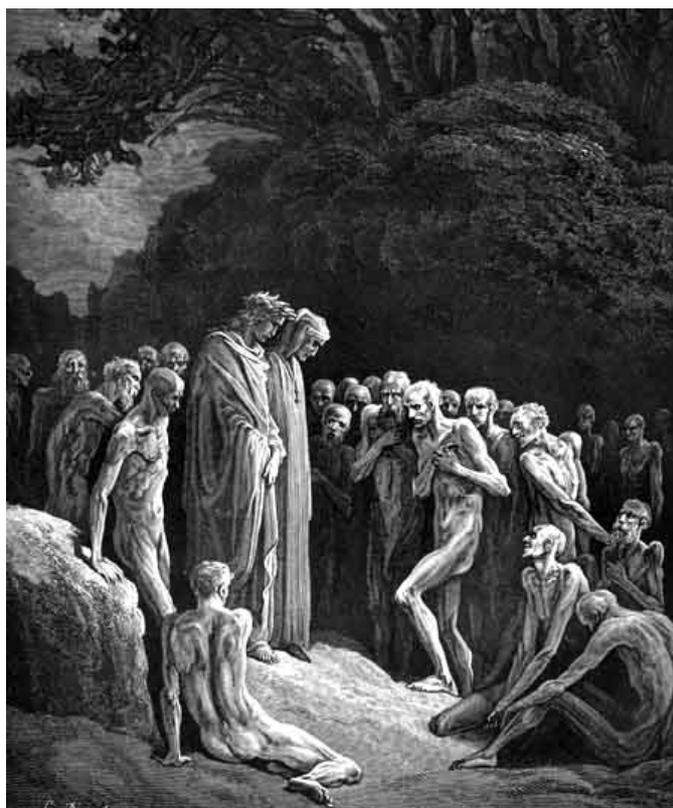
— Não te afastes por causa do meu estado — disse ele —, mas fala-me de ti e desses dois que te acompanham.

— Quando a morte tomou conta de tua face eu chorei — respondi — e agora sinto pena tão grande ou maior, ao te ver tão desfigurado. Dize, por Deus, o que te deixou nesse estado. Eu não posso te responder agora.

— Do eterno conselho desce o poder, na água e na árvore que há pouco viste. É ele que me emagrece. Toda esta gente que chorando canta por ter cedido à gula sem limites, em fome e em sede aqui se purifica. A fragrância do fruto e da água que agita as folhas ao descer do penhasco torna mais intensa nossa vontade de beber e de comer, e não somente uma vez. A cada volta nesta estrada, nossa dor é renovada. Eu disse dor, mas na verdade deveria dizer consolo, pois aquela mesma vontade que nos leva às plantas levou Cristo a dizer “Eli”, quando nos libertou com o seu sangue.

— Forese — disse eu — desde aquele dia em que te mudaste para a melhor vida, não se passaram sequer cinco anos! Se tu só te arrependeste quando não era mais possível pecar, como é que tu já chegaste aqui? Eu esperava te encontrar lá embaixo, onde o tempo perdido se paga com tempo.

— Foi o pranto da minha Nella — respondeu — que nunca parou de orar por mim. Foi isto que me levantou da encosta onde se espera e ainda me libertou dos outros giros. Tão casta permanece a minha viuvinha. Ah, que diferença das descaradas mulheres florentinas que só faltam andar com os peitos de fora. Se elas soubessem o que as espera no céu, já estariam berrando de bocas abertas. Mas agora é tua vez. Fala, meu irmão, sobre ti. Vê que não sou ape-



Os gulosos. Dante conversa com o papa Adriano V.
Ilustração de Gustave Doré (século XIX).

nas eu, mas toda essa gente que se admira de como consegues bloquear a luz do Sol.

— Daquela vida — comecei — eu fui trazido aqui por ele, que aqui me guia. Isto foi há poucos dias, quando a Lua estava cheia. Ainda vestindo esta carne, ele me conduziu pela noite profunda dos verdadeiros mortos. De lá, tem me dado forças para subir esta montanha. Ele me disse que eu terei sua companhia até o momento em que eu encontrar Beatriz, mais adiante, quando então deverei seguir sem ele. Foi Virgílio que me disse isto — e aponte para ele — e este outro é aquela sombra antiga por quem vosso reino tremeu, agora há pouco, ao libertá-lo.

Personagens e símbolos do Canto XXIV

- 24.1 **As árvores e a água** simbolizam a penitência dos gulosos, forçados a conviver com a abundância de água e frutos mas sem poder comê-los. O símbolo se assemelha bastante à punição de Tântalo no Tártaro da mitologia clássica (Homero, *Odisséia*, livro XI). Tântalo é condenado a ficar submerso em água até o queixo sob uma árvore repleta de frutas. Quando tenta beber, a água escapa de seus lábios. Ao tentar alcançar as frutas, o vento as leva embora. A cascata que cai sobre a árvore tem origem nas fontes de Letes e Eunoé, e a árvore nasceu de uma semente da árvore do conhecimento do bem e do mal, o que liga o pecado da gula com o pecado de Eva e a expulsão do Paraíso [Sayers 55].
- 24.2 **Piccarda** é a irmã de Forese Donati (*nota 23.2*). Ela era freira no convento de Santa Clara. Corso Donati, seu irmão, enviou seus homens para que a tirassem à força do convento para casá-la com um membro da família della Scala. Piccarda acabou morrendo [Pinheiro 60]. Dante a encontrará no Paraíso.
- 24.3 **Bongiunta degli Orbisani** foi um poeta de Lucca, contemporâneo e conhecido de Dante.
- 24.4 O nativo de Tours é **Simon de Brie**, que foi o papa Martinho IV de 1281 a 1285. Teria morrido devido a uma indigestão causada por um prato de enguias do lago de Bolsena. O papa conhecia um método de preparo das enguias que consistia no seu afogamento em vinho *Vernaccia* (vinho branco do distrito de Siena) [Pinheiro 60].
- 24.5 **Ubaldo della Pila** era irmão do cardeal Ottaviano degli Ubaldini. Ambos eram famosos pela sua gula [Pinheiro 60].
- 24.6 **Bonifácio de Fieschi** foi arcebispo de Ravenna de 1274 a 1294. Era um homem muito rico e tinha fama de beberrão.
- 24.7 **Marchese de Bigogliosi** foi podestà de Faenza em 1296. Era apaixonado pelo vinho. Acusado por estar sempre bebendo, ele respondeu: “Quando ouvirdes isto, respondi que tenho sempre sede.” [Pinheiro 60]

Canto XXIV

A conversa não reduziu nosso passo, nem o passo diminuiu nossa conversa. Seguimos como naus quando encontram um bom vento. E as sombras, que pareciam coisas duas vezes mortas, me admiravam pelos olhos cavados, pois eu estava vivo entre eles.

— Se souberes — continuei — dize-me onde está Piccarda. Me aponta também se há, entre essa gente que me observa, alguém que talvez eu deva conhecer.

— A minha irmã já está no céu — respondeu —. Quanto a estes espíritos, este aqui — mostrou com o dedo — é Bonagiunta, Bonagiunta de Lucca, e aquela face atrás dele, mais enrugada que todas as outras, teve em suas mãos a Santa Igreja. Ele era de Tours. Purga aqui, através do jejum, as enguias de Bolsena e o vinho de Vernaccia.

Muitos outros ele foi me mostrando um a um que pareciam contentes ao serem nomeados. Nenhum pareceu ressentido. Vi o festeiro Ubaldin da la Pila, Bonifácio e Marchese, que em Forlí bebeu com bem menos sede que aqui, sem ter conseguido saciar-se em vida. Quem mais se destacou na multidão foi o espírito de Lucca, que me disse algo como “Gentucca.” Eu então lhe falei:

— Ó alma que tanto parece querer falar comigo. Fala para que eu possa te ouvir!

— Uma mulher nasceu — disse ele — que ainda não usa aliança. Ela te fará ter amor por minha cidade, mesmo que muitos a

- 24.8 **Gentucca** foi provavelmente alguma mulher que Dante conheceu durante seu exílio. Pouco se sabe sobre ela e comentaristas divergem sobre o tipo de relação que ela teria tido com Dante.
- 24.9 **Mulheres que...** (*Donne, ch' avete intelletto d'amore*) é o primeiro verso de um dos poemas que Dante publicou na *Vida Nova*.
- 24.10 **Notário**: Jacopo da Lentino, poeta siciliano, que vivia em 1250 [Pinheiro 60]
- 24.11 **Guittone**: veja nota 26.5.
- 24.12 O mais culpado é **Corso Donati**, irmão de Forese. Corso liderou a facção *Neri* em Florença que conseguiu a expulsão e exílio dos *Bianchi* em 1301.

repreendam. Lembra desta minha profecia e se duvidoso foi o meu murmúrio, o futuro deixará as coisas mais claras. Mas dize-me se quem eu vejo é o próprio autor daquele que nos trouxe as novas rimas, que começam: *Mulheres que haveis compreensão do amor*.

— Sim, sou eu — retornei-lhe — Sou eu que quando Amor me inspira, presto atenção, e da maneira que o escuto falar ao coração, passo à forma da poesia.

— Ó irmão — disse ele —, agora posso ver o nó que afastou a mim, a Guittone e ao Notaro desse doce estilo novo que eu ouço! Agora vejo claramente que vossas asas seguem fielmente o ditado desse Amor, o que conosco não aconteceu. Quem procurar mais a fundo não encontrará outra diferença entre um estilo e o outro.

Contente com o que falara, ele se calou. Pouco depois, os outros espíritos se organizaram em fila e começaram a ir embora. Forese, que ainda estava ao meu lado, perguntou:

— Quando voltarei a vê-lo?

— Não sei quanto tempo ainda viverei — respondi-lhe — mas mesmo que eu volte logo, o meu coração já estará na margem esperando, pois o lugar onde nasci para viver, dia após dia vai se desfazendo de sua gente boa e parece disposto à triste ruína.

— Ora então vai — disse ele — pois já vejo aquele que tem a maior culpa, preso à cauda de uma besta, sendo levado para o vale onde não há perdão. A besta corre mais e mais até que ela solta o corpo, que se desfaz violentamente. Aquelas esferas — disse, olhando para o céu — não haverão de girar tantas vezes antes que as coisas obscuras que agora te disse tenham se tornado claras. Agora tenho que ir, pois o tempo aqui é caro e não posso te seguir.

24.13 **O freio da gula** são também vozes que surgem da árvore, com dois exemplos que não devem ser seguidos. **Primeiro exemplo:** os **centauros**, filhos de Íxion e Nuvem, foram convidados às bodas de Perito e Hipodâmia. Depois de ficarem bêbados com vinho, decidiram raptar a noiva e as outras mulheres presentes no casamento (Ovídio, *Metamorfoses*, livro XII). **Segundo exemplo:** Deus disse a **Gideão** que escolhesse para o seu exército apenas aqueles homens do seu povo que, ao beber água, levassem a mão a boca, e deixasse os que se abaixavam e bebiam com a língua, como fazem os cães (*Juízes*, 7:4-7).

24.14 **O anjo da Temperança** recita “Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque eles serão saciados”, do sermão da montanha (*Matheus* 5:6).

Assim ele partiu, em passo acelerado, e eu fiquei na estrada sozinho com os outros dois. Já estávamos agora diante de uma outra árvore que, de longe, parecia carregada de frutos. Debaixo da árvore havia um grupo de almas que gritavam em vão para as frondes. Elas acabaram desistindo. Pouco depois, chegamos nós àquela árvore de onde saiu uma voz gritando:

— Passai e não chegueis perto! Lá no alto está a planta que deu seu fruto a Eva. Foi sua semente que deu origem a esta que vês.

Então passamos, eu Virgílio e Estácio, pela beirada da encosta. A árvore continuou a falar:

— Lembrai-vos dos centauros que lutaram bêbados contra Teseu, e dos Hebreus que bebiam avidamente na fonte, e que não puderam acompanhar Gideão para Madiana.

Andando encostados a uma das beiras da estrada passamos, escutando esses exemplos de gula até que fomos surpreendidos com uma voz, que disse:

— Que estais pensando aí sozinhos, os três?

Virei a cabeça para tentar descobrir de onde vinha essa voz e lá estava o brilho rubro e intenso do ser que ainda falou:

— Se desejais subir, deveis dobrar aqui, neste caminho.

Eu estava cego pelo seu brilho e fui logo para trás dos meus guias, deixando que o meu ouvido mostrasse o caminho. Depois senti uma brisa leve na minha fronte e tenho certeza que também senti uma pena, que deixou um perfume de ambrosia. Depois ouvi:

— Bem-aventurados são os que brilham tanto na graça, que não são presos pelo amor do apetite, mas satisfazem-se com a parte que lhes é justa.

Personagens e símbolos do Canto XXV

- 25.1 **Cronologia:** são duas horas da tarde no Purgatório.
- 25.2 **Meleagro** era filho de Eneu, rei da Caledônia, e de Altéia. No dia em que nasceu, recebeu a visita inesperada das três Parcas: Cloto, Laquesis e Atropos, que fiaram o seu destino. Elas disseram “A ti, recém-nascido, e a esta tora de madeira, nós damos o mesmo tempo de vida” e depois, atiraram a lenha no fogo. Pronunciada a profecia, as Parcas sumiram. Altéia imediatamente levantou-se, tirou o tição do fogo, apagou as chamas e o guardou em lugar seguro. Meleagro cresceu e se tornou um valente guerreiro, tendo se destacado na expedição dos argonautas e posteriormente, matando o imenso javali que assolava a Caledônia. Apaixonado por uma jovem da Arcadia, que também havia participado da expedição e acertado o javali, presenteou-a com a pele e cabeça do animal. Mas seus tios, que também haviam participado da expedição, não concordaram com esse procedimento e tomaram o presente dela. Enfurecido, Meleagro discutiu e acabou matando os dois. Quando soube da morte dos irmãos, Altéia, que preparava uma homenagem para seu filho, entrou em desespero. O seu amor de irmã entrou em conflito com seu amor de mãe, mas o primeiro acabou prevalecendo. Ela foi atrás do tição que estava guardado e atirou-o no fogo. Meleagro, distante e sem saber do que acontecia, incendiou-se e foi consumido por um fogo interno, e transformado em cinzas (Ovídio, *Metamorfoses*, livro VIII).
- 25.3 **O discurso de Estácio** descreve a formação da alma, que começa com a formação do corpo. A descrição fisiológica é baseada nas idéias de Aristóteles. O **sangue perfeito** é o sêmen, que não tem as impurezas que dão a cor escura ao sangue venoso. Na relação sexual ele entra em contato com o sangue da mulher, que cumpre papel passivo, e inicia a geração de matéria viva, que ainda é como planta. Depois o embrião passa a um estado animal. O feto só se completa quando recebe um espírito, soprado por Deus, que se funde com a matéria viva encontrada. A partir de então, forma-se uma alma completa, com sentidos físicos, consciência e inteligência. Quando a vida chega ao fim, ela se liberta da matéria. Mantém a forma humana e os órgãos dos sentidos moldando o ar à sua volta e pode mudar de forma de acordo com os seus desejos [Sayers 55].

Canto XXV

Não podíamos demorar. Era preciso subir logo pois faltavam menos de quatro horas para o anoitecer. A passagem era estreita e a subida tinha que ser feita em fila única. Eu estava louco para poder falar e esclarecer uma dúvida que me atormentava, mas nossa pressa me fazia desistir, até que o mestre veio em meu auxílio.

— Fala! Faz logo essa pergunta que tanto te atormenta! — insistiu Virgílio. Eu então abri a boca para perguntar:

— Como é possível que os espíritos fiquem tão magros, se não precisam de alimento?

— Se lembrares como Meleagro foi consumido durante a queima de um tição, ou como a tua imagem no espelho responde aos teus movimentos, não terás dificuldade de compreender. Mas, para que possas ter todas as tuas dúvidas esclarecidas, passo a palavra agora a Estácio.

— Se a ele revelo a eterna visão das coisas — dirigiu-se Estácio a Virgílio — é porque não nego qualquer pedido teu —. Depois, pediu minha atenção e começou:

— Se prestares bastante atenção nas minhas palavras, filho, elas ajudarão a esclarecer essas tuas dúvidas, pois eu agora te explicarei o mistério do nascimento da alma. O coração do homem, que faz o sangue que alimenta o corpo humano, também dá poderes ao sangue perfeito para que ele possa dar origem à forma humana. Depois de purificado novamente, o sangue perfeito desce ao mem-

25.4 A “mente mais sábia que a tua” é **Averroes** (Abu al-Walid Mohammed Ibn Rushd, 1126-1198), chamado de “il commenttatore” devido ao seu comentário às obras de Aristóteles. Averroes admitia a existência de duas verdades contraditórias: a da ciência e a da revelação. Sua filosofia colocava as leis da natureza acima das crenças muçulmanas e cristãs. Propôs que não havia uma alma imortal e individual, que distinguisse os homens dos outros animais, mas que o intelecto era função exclusiva do cérebro, que deixava de existir após a morte. Sua tese foi contestada por Tomás de Aquino.

bro reprodutor onde verte no útero de uma mulher e se mistura com o sangue alheio. Lá, o sangue ativo do homem se une ao passivo da mulher e gera a matéria viva, que já é como planta, mas ainda está incompleta. Em pouco tempo o embrião atinge o estado animal, onde se mexe e sente, e cresce com a energia que vem do coração da mãe. Mas, como de animal se passa a ser humano, ainda não viste. Essa dúvida confundiu uma mente mais sábia que a tua, pois, na sua doutrina, ele separou o intelecto da alma, por não ter encontrado órgão que assumisse tal faculdade. Abre então teu peito à verdade final e saibas que, quando o desenvolvimento do cérebro do feto está completo, o Criador volta-se para ele, alegre ao poder contemplar tal primor da natureza, e lhe sopra um novo espírito. O espírito nasce com o poder para controlar a matéria viva que encontra e com ela se funde formando uma alma completa, que vive e que sente, e que tem consciência de si. Agora, quando chega enfim a hora da morte, a alma se liberta da carne, mas com ela permanece ainda sua natureza humana e divina. Seus poderes materiais não existem mais, porém a memória, inteligência e vontade estão mais agudas do que nunca. É nessa hora que ela cai, espontaneamente, nas margens do Tibre ou do Aqueronte, onde conhece finalmente seu destino. E então, quando a alma está ali no espaço vazio, o ar se molda em sua volta, dando-lhe a forma que tivera antes. Como a chama que sempre acompanha o fogo, a forma vazia segue o espírito para todo lugar, e por isto nós a chamamos de “sombra.” Do ar a sombra forma órgãos para cada sentido, como o da vista. E assim falamos, rimos, choramos e suspiramos como pudesses comprovar neste monte. A sombra muda de forma de acordo com nossos desejos e sentimentos. Isto explica a magreza das almas gulosas.

- 25.5 “**Deus de suprema clemência**” (*Summae Deus clementiae*, no original) é a oração da luxúria onde os fiéis pedem a Deus que apague todos os instintos pecaminosos e luxúria de seus corações, e os purifique com o fogo curativo [Musa 95].
- 25.6 **O látigo da luxúria** narra dois exemplos de castidade: “Eu não conheço homem algum” (*Virum non cognosco*, no original) são as palavras de Maria ao anjo Gabriel, ao saber que teria um filho (*Lucas, 1:34*). **Helice** (ou **Calisto**) era uma ninfa que servia Diana, que se refugiara da floresta para preservar a sua castidade. Seduzida por Júpiter, Helice cedeu aos instintos de Vênus e foi expulsa da floresta por Diana. Quando seu filho (Arcas) nasceu, Juno a transformou em uma Ursa. Dezesseis anos depois, Arcas foi surpreendido uma Ursa na floresta. Quando estava prestes a ser morta pelo filho, que não a reconheceu, Júpiter interferiu e colocou-a no céu como a constelação Ursa Maior (Ovídio, *Metamorfoses, livro II*).

Chegávamos, agora, à última volta. Virando à direita, como de costume, fomos surpreendidos por uma paisagem de chamas, que vertiam da encosta interna. As chamas só eram desviadas pelo vento que soprava de baixo e que deixava uma pequena beira, entre o fogo e o precipício, por onde era possível caminhar. Nós então seguimos por esse caminho estreito de causar medo, pois de um lado estava o fogo que queimava, e do outro o penhasco do qual eu poderia cair. Não fui só eu que percebi o risco:

— Neste lugar — observou Virgílio — é preciso ter cuidado, pois por bem pouco, corre-se o risco de errar.

Deus de Suprema Clemência, ouvi vozes cantarem, do seio daquele grande ardor. Olhei com cuidado e vi que o som emanava de vários espíritos que caminhavam no fogo. Quando eles terminaram o hino, gritaram: “Eu não conheço homem algum,” e depois, lentamente, voltaram a repetir o hino. Quando terminaram pela segunda vez, disseram “No bosque ficou Diana e de lá expulsou Helice, que provara o veneno de Vênus!”. Repetiram o hino outra vez e depois elogiaram os casais que haviam mantido a castidade do matrimônio. Creio que essa repetição constante deve ser a penitência deles: a cura pelas chamas e a dieta dos hinos, até que a última de suas chagas seja sarada.

Personagens e símbolos do Canto XXVI

- 26.1 **O freio da luxúria**, na forma de gritos dos penitentes, relata dois exemplos de luxúria: 1) **Pasifae** era esposa do rei Minós, de Creta, a quem Poseidon enviou um touro para ser oferecido como sacrifício. Mas Minós preferiu ficar com o touro. Poseidon vingou-se fazendo com que Pasifae sentisse atração sexual pelo touro. Ela pediu a Dédalo que construísse uma vaca de madeira coberta com pele de vaca. Pasifae entrou na vaca e esperou até ser penetrada pelo boi. Da união, nasceu o Minotauro (Ovídio, *Ars Amatoria*, livro I, e *Metamorfoses*, livro VIII). Apesar de ser um exemplo de sexo com animais (o que estaria em desacordo com a *Lex Naturalis*), o mito de Pasifae é usado para representar a luxúria heterossexual, que é considerada um pecado contra a *Lex Humana* (veja nota 26.3). 2) **Sodoma e Gomorra** foram duas cidades destruídas por Deus, por causa dos seus pecados (*Gênesis 18:17-33 e 19:1-28*), entre eles, a prostituição homossexual (*Levítico 18:22, Deuteronômio 23:17 e Romanos 1:27*). O nome da cidade de Sodoma deu origem ao termo ‘sodomia’ que hoje se usa para caracterizar o coito anal. Representa a luxúria homossexual, pecado contra a *Lex Naturalis* (veja nota 26.3).
- 26.2 Era comum as tropas cantarem hinos satíricos e ofensivos durante a comemoração de uma vitória. Os soldados de **Júlio César** o chamavam de Rainha por causa de suas supostas relações com Nicomedes, rei da Bitínia [Pinheiro 60].

Canto XXVI

Continuamos pela beira estreita, ainda em fila única. O mestre, sempre atento, não parava de me lembrar para tomar cuidado. Nessa hora o Sol, brilhando à minha direita, projetava minha sombra sobre o fogo que tornava as chamas mais escuras. O efeito logo chamou a atenção das almas, até que uma delas comentou:

— Olha só! Esse aí não parece ter um corpo como o nosso!

Vários outros espíritos depois se aproximaram, mas todos tiveram o cuidado de não sair do fogo. Um deles enfim falou:

— Ó tu que segues atrás desses outros dois, me responde! Dize-me como é que é possível bloqueares o Sol como se fosses parede, como se ainda não tivesses passado pela morte.

Eu estava prestes a responder, mas antes que eu pudesse falar, um outro grupo de almas que surgia das chamas me desviou a atenção. O grupo corria em sentido contrário. Quando os dois grupos se encontraram, todos se abraçaram e se beijaram em confraternização. Isto durou muito pouco pois logo já estavam se despedindo com gritos. Os que chegavam gritaram “Sodoma e Gomorra!”, e os outros “Na vaca entra Pasifae, para que o touro corra à sua luxúria!” Depois da separação, cada grupo voltou a entoar seus hinos. Voltaram às bordas do fogo aqueles que antes tinham me chamado, e eu, que já sabia o que queriam, fui logo respondendo:

— Ó almas seguras de ter, algum dia, a paz eterna. Eu não deixei o meu corpo lá na Terra. Estou aqui vivo, em carne e osso.

- 26.3 **Lei humana, Lei natural e Lei divina:** Diversos tipos de lei são definidas por Santo Tomás de Aquino. Acima de todas está a Lei Eterna (*Lex Aeterna*), que representa a vontade de Deus. Abaixo da Lei Eterna estão a Lei Natural (*Lex Naturalis*), que reflete a revelação da Lei Eterna através da natureza, e a Lei Divina (*Lex Divina*), que chega aos homens pela revelação através das escrituras sagradas. A Lei Humana (*Lex Humana*), deriva da Lei Natural e contém os princípios necessários para a regulação da conduta dos homens. Para Tomás de Aquino, um pecado contra a Lei Natural é aquele que viola a ordem natural das coisas. O grupo dos homossexuais, nessa visão, teria violado a ordem natural de manter relações sexuais apenas com pessoas do sexo oposto, por isto, andam em sentido contrário. Já o grupo dos heterossexuais não pecou contra a Lei Natural, mas violou a Lei Humana (os costumes), agindo como animais (a quem a Lei Humana não é aplicável) [Sayers 55].
- 26.4 **Guido Guinicelli** (1230 – 1276) foi um poeta bolonhês. Em 1274, foi expulso da cidade junto com os membros do partido guibelino e provavelmente morreu no exílio. Foi o poeta mais ilustre da Itália antes de Dante e fundados do estilo poético *dolce stil nuovo* [Sayers 55].

Mas disse-me, para que eu possa registrar em meus escritos, quem sóis vós e também, quem foram aqueles que há pouco passaram por vós, em sentido contrário?

Estavam todos imóveis, como matutos espantados ao chegar em uma cidade grande pela primeira vez. Quando finalmente se recuperaram da surpresa, a mesma alma que antes me indagou começou:

— Bem-aventurado és tu que, de nossas margens, pode ganhar experiência para morrer melhor. Aquele grupo que veio ao nosso encontro é culpado daquele mesmo pecado que o exército triunfante de César sugeriu ter seduzido seu líder, ao chamá-lo de “Rainha”. Por isso gritavam “Sodoma.” Eles usam sua vergonha para aumentar as chamas. O nosso pecado foi heterossexual, porém em desacordo com os costumes humanos, nos deixamos levar pelos desejos animais. Então, quando passamos pelo outro grupo, lembramos o nome vergonhoso daquela que se entregou ao touro, na vaca de madeira. Eu não teria tempo nem conhecimento para dizer-te o nome de todos nós que aqui estamos, mas posso apresentar-me. Sou Guido Guinzelli. Estou aqui desde cedo, pois me arrependi bem antes de morrer.

Grande foi minha felicidade ao saber estar diante daquele que foi um pai para mim na poesia, e pai de todos os meus mestres que escreveram rimas de amor usando graça e ternura. Eu fiquei a observá-lo, sem, no entanto, me aproximar demais do fogo. Depois falei e expus o meu desejo de servi-lo no que ele desejasse.

— Não esquecerei as tuas palavras — disse ele — mas disse-me por que tanto me admiras em tuas palavras e versos?

- 26.5 **Guittone** (Frade Guido d'Arezzo, 1250 - 1293) foi um poeta aretino da ordem dos frades gaudentes (veja *Inferno, canto XXIII*). Foi fundador de um mosteiro em Florença, em 1293 e faleceu no ano seguinte. Teve lugar de destaque entre os poetas italianos tendo aperfeiçoado a forma poética do soneto [Pinheiro 60].
- 26.6 O limusino é **Giraut de Borneil** (1175-1220), poeta provençal, considerado por seus contemporâneos o “mestre dos trovadores”.
- 26.7 **Arnaldo Daniel** foi um grande trovador da Provença. A ele é atribuída a invenção da *sestina*, adotada por Dante. Ele também é autor das poesias mais pornográficas da literatura provençal [Musa 95]. No *Purgatório* de Dante, os oito versos cantados por Arnaldo estão em provençal e não em italiano (veja obra original, *Canto XXVI*, versos 140 a 147).

— Os teus belos versos— respondi —, enquanto durar este novo estilo, tornarão preciosa até a tinta que usaste.

— Irmão — disse ele — posso mostrar-te um artesão de sua língua pátria ainda melhor do que eu — e apontou para outro espírito mais à frente —. Ele foi melhor que todos! Julgam o limusino melhor por causa da fama, mas não pela verdade. Assim também Guittone foi julgado no passado, injustamente. Agora voltando a ti, que tens o privilégio de poder subir ao Céu, não esqueças de rezar um padre-nosso por mim quando chegares lá.

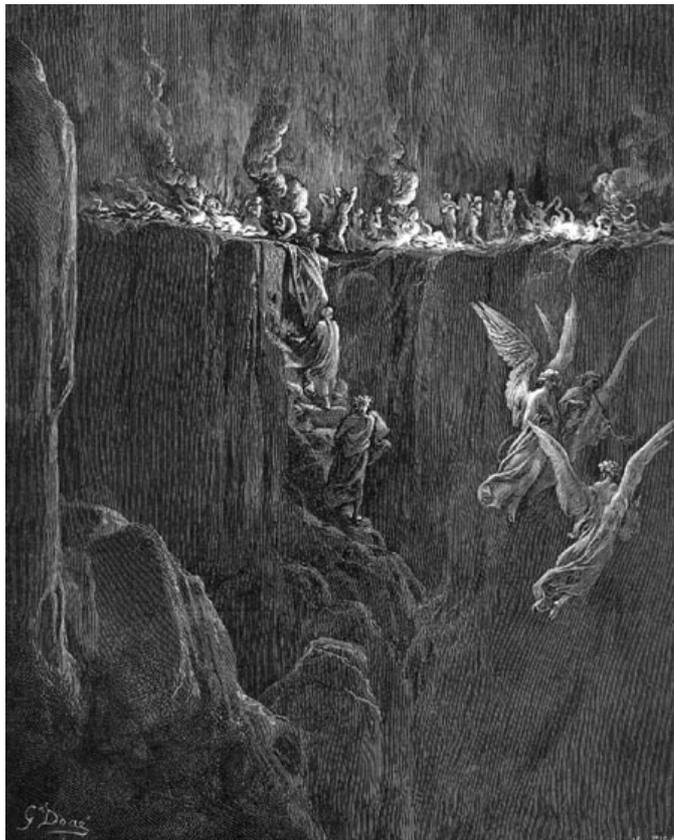
Depois de falar ele sumiu dentro daquelas chamas e eu me adiantei até a alma que ele havia me apontado antes. Eu o saudei e ele respondeu, na sua língua pátria:

— Eu sou Arnaldo, aqui cantando pelas minhas lágrimas, lamentando minhas folias do passado e alegre pelos felizes dias que me esperam. Eu vos peço, por aquele que vos guia ao cume desta escada, que de tempos em tempos, recordai a minha dor.

E depois se escondeu naquele fogo que purifica.

Personagens e símbolos do Canto XXVII

27.1 **O anjo da castidade**, guardião da sétima cornija, canta “Bem-aventurados os puros de coração”, de *Matheus 5:8* (*Beati mundo corde*, no poema original).



Dante, Estácio e Virgílio sobem para a sétima cornija, onde estão os luxuriosos ardendo no fogo.. Dante conversa com o papa Adriano V. Ilustração de Gustave Doré (século XIX).

Canto XXVII

O dia já estava chegando ao fim quando o ledo anjo do Senhor apareceu. Distante do fogo, ele se erguia à beira do precipício e cantava: “Bem-aventurados os puros de coração” com uma voz de beleza viva. Depois ele falou:

— Por aqui não se passa sem que sofra o calor do fogo. Entrai agora e não sejais surdos ao que escutardes lá dentro.

Quando ouvi tais palavras, me senti como se estivesse para ser enterrado vivo. Eu olhei para o fogo e lembrei-me da aparência de corpos humanos quando são queimados ainda vivos. E então, ambos os meus guias voltaram-se para mim, e Virgílio me disse:

— Filho meu, isto aqui pode ser tormento, mas não morte. Recorda, recorda! Se eu te protegi sobre as costas de Gerión, será que eu faria menos por ti agora, tão perto de Deus? Se mil anos demorasses neste fogo, nem um fio do teu cabelo seria queimado. Se não acreditas em mim, vai até lá e julga se o que digo é verdade, tocando o fogo com teu manto. Já é hora de te livrares desses teus temores. Vem, vem, e entra seguro!

Mas eu permaneci lá onde estava, apesar de envergonhado. Virgílio não desistiu. Ao me ver parado e imóvel, insistiu:

— Ora presta atenção, filho. É somente esta parede que te separa de Beatriz.

Ao ouvir aquele nome que nunca deixou a minha mente, minha teimosia amoleceu, e ele sorriu:

27.2 **O terceiro sonho** de Dante no Purgatório, como os anteriores, é uma visão alegórica de algo que está para acontecer. O sonho mostra as irmãs Lia e Raquel, esposas de Jacó. A primeira era fértil e deu a Jacó muitos filhos, mas tinha olhos fracos. A segunda era bela e formosa, mas era estéril (*Gênesis 29 e 30*). A alegoria representa o contraste entre a vida contemplativa e a vida ativa e pode também ser aplicada às duas mulheres que Dante conhecerá no Paraíso Terrestre..

27.3 A **vida contemplativa** e a **vida ativa** são duas formas diferentes de viver uma vida cristã. A primeira é dedicada exclusivamente à oração e a segunda às boas obras. A vida contemplativa é vista como a mais nobre, mas ela, sozinha, não se sustentaria sem o trabalho realizado na vida ativa. As duas são, portanto, complementares e necessárias.

— Então vamos! — disse — O que é que estamos fazendo parados deste lado?

Ele então entrou no fogo, e pedindo a Estácio para ficar atrás, eu entrei cercado pelos dois.

Dentro do fogo, o calor era extremo, mas o mestre sempre estava a me confortar.

— Eu acho que já posso ver os olhos dela! — dizia.

De algum lugar chegava uma voz que cantava além do fogo, como se fosse para nos guiar. Saímos do fogo no ponto onde iniciava a escada. “Vinde vós abençoados por meu Pai,” ouvi soar de uma luz tão forte que tive que desviar meu olhar. A voz falou:

— O Sol está se pondo agora. Não atraseis. Procurai subir logo antes que a luz do poente chegue ao fim!

A subida cortava reto o rochedo, e os raios de Sol batiam nas minhas costas, fazendo sombras nos degraus. Não havíamos subido muitos quando a minha sombra desapareceu, e todos então soube-mos que o Sol finalmente havia se posto. Cada um de nós escolheu um degrau e nele fez seu leito. De lá pude contemplar as estrelas, que apareciam mais brilhantes e maiores, e enquanto eu as observava, meditando, veio o sono, e com ele um sonho. Foi logo que Vênus lançou seus primeiros raios. Sonhei com uma bela e jovem mulher que colhia flores no campo. Ela cantava e dizia:

— Eu sou Lia. O dia inteiro colho flores para fazer uma grinalda, para me admirar diante do espelho. Minha irmã Raquel, senta-se diante do espelho o dia inteiro, onde fica a contemplar seus belos olhos. A sua alegria está em refletir, a minha está em fazer.

27.4 “Já viste, meu filho ... Eu então te passo a coroa e a mitra de ti mesmo”:
Estas são as **últimas palavras** de Virgílio na *Divina Comédia*. O poeta encerra sua missão de guiar o seu discípulo até as portas do Paraíso. Como símbolo da razão, Virgílio não tem mais como ajudar Dante a progredir, pois apenas a fé cristã poderá fazê-lo compreender o que virá a seguir. De agora em diante, Dante irá escolher o caminho a ser seguido. Os poetas apenas o acompanharão.

O dia amanhecia espantando as trevas, que com elas levaram embora o meu sono. Quando acordei, meus dois mestres já estavam de pé.

— O doce fruto que os homens buscam incessantemente, trará hoje, paz à tua alma faminta.

Essas foram as palavras de Virgílio. A vontade de estar lá no alto tomou conta de mim, e fez com que eu subisse as escadas tão rapidamente como se tivesse asas. Quando chegamos ao último degrau, Virgílio me olhou nos olhos, e disse:

— Já viste, meu filho, o fogo eterno e o temporário, e chegaste agora ao lugar onde o meu discernimento alcança o seu fim. Eu te trouxe aqui com engenho e arte. Daqui em diante, que teu desejo seja agora o teu guia, pois as duras vias já ficaram para trás. Olha para o Sol que reluz na tua frente. Olha as ervas, as flores e os arbustos, que aqui só esta terra produz. Até que venham aqueles olhos belos que, em lágrimas me fizeram ir ao teu encontro, poderás ficar aqui sentado, ou vagar por este jardim como bem quiseres. Não esperes de mim mais palavras ou gestos. Agora estás livre para agir conforme a tua vontade, e errado seria impedi-lo. Eu então te passo a coroa e a mitra de ti mesmo.

Personagens e símbolos do Canto XXVIII

- 28.1 A mulher que colhe flores é **Matilda** (cujo nome será revelado mais adiante, no último canto). Ela está associada à imagem de Lia (vida ativa) no terceiro sonho de Dante (*veja nota 27.2*).
- 28.2 Enquanto brincava com sua mãe, Vênus, **Cupido** acidentalmente feriu-a no peito com sua flecha, e fez com que Vênus se apaixonasse pelo mortal Adônis (Ovídio, *Metamorfoses*, livro X).

Canto XXVIII

Ansioso por explorar aquela divina floresta espessa e viva, que atenuava o brilho intenso do novo dia, parti, sem esperar, da beira do rochedo e caminhei lentamente pelo campo cujo solo perfumava todo o ambiente. Ouvi as folhas balançarem com a brisa, acompanhando o canto dos passarinhos, e não percebi o quanto já tinha penetrado na floresta. Já não sabia mais por onde eu tinha entrado.

Parei de caminhar quando encontrei um riacho, de águas tão transparentes que as mais limpas águas da Terra pareceriam conter alguma mistura turva diante delas. Essas águas claras nada escondiam, apesar do rio se mover escuro, sob a sombra das árvores que não deixam passar sequer um raio de Sol ou de Lua. Eu parei e fitei além do rio para admirar a paisagem, quando nessa paisagem apareceu uma jovem solitária, do outro lado do rio, cantando e escolhendo flores que coloriam o seu caminho.

— Ó bela jovem, aquecida pelos raios do amor, queiras vir até a beira do rio — disse-lhe eu — para que eu possa entender o significado de teu canto.

Ela então se virou e veio caminhando entre as flores, atendendo ao meu pedido. Cantava, com os olhos abaixados, até chegar às margens do riacho, quando levantou o rosto e seus olhos encontraram os meus. Creio que nem os olhos de Vênus estavam tão iluminados no dia em que foi inocentemente perfurada pela flecha de Cupido.

- 28.3 **Berço da humanidade:** a floresta é o **Paraíso Terrestre**, onde, segundo o livro de *Gênesis*, os primeiros seres humanos viveram até o dia em que foram expulsos por desobediência. Matilda explica, mais adiante, que o *Paraíso Terrestre* e o *Parnaso* que inspirou os poetas clássicos são o mesmo lugar. Compare a montanha do Purgatório, onde nascem os rios Letes (*veja nota 31.2*) e Eunoé (*veja nota 33.10*), com a montanha sagrada Helicon, morada das Musas, em cujo cume nascem os rios Aganipe e Hipocrene, fontes da inspiração poética (Ovídio, *Metamorfoses*, livro V).
- 28.4 **Delectasti** é uma referência ao *Salmo 91* na *Bíblia* católica (ou *Salmo 92*, na *Bíblia* protestante), cujo quarto verso, em latim, diz: *Quia delectasti me, Domine, in factura tua et in operibus manuum tuarum exultabo*. Em português: “Porque deleitaste-me, Senhor, com os teus feitos e exulto nas obras de tuas mãos.” Supondo que os poetas estivessem surpresos ao ver alguém sorrindo em um lugar sagrado, Matilda cita o *Delectasti* (que provavelmente é o ela cantava) e pede que eles fiquem à vontade.
- 28.5 Dante já esteve diante das águas do rio **Letes**. É dele a origem das cascatas da cornija da gula (*canto XXIV*) e também da água que flui no caminho entre o inferno e o purgatório (*Inferno*, *canto XXXIV*).

— Sois novatos nesta terra — disse ela — e talvez estejais surpresos ao me ver sorrindo neste lugar que um dia foi o berço da humanidade. Mas deixai que a luz do salmo *Delectasti* ilumine e afaste a névoa de vossas mentes. E tu que estás à frente e que me chamaste, se quiseses saber algo mais, pergunta, pois eu estou preparada para responder qualquer dúvida que tiveres.

— As águas e os sons desta floresta — disse eu — não parecem dar sentido à crença que antes eu tive sobre este lugar.

— Eu explicarei aquilo que te confunde — disse ela —. O supremo Bem fez o homem bom e voltado ao bem, e deu-lhe este lugar como penhor de eterna paz. Por culpa do homem, pouco tempo pôde permanecer aqui. Por sua culpa, trocou sua alegria pela dor e sua diversão pelo trabalho árduo. Para escapar das instabilidades climáticas da Terra, este monte foi elevado para além do portão de onde não passam tempestades nem terremotos. A brisa é causada pelo movimento do primeiro céu, que balança as folhas das árvores, e espalha suas sementes por toda a Terra. Saiba que esta terra santa onde tu estás possui todas as sementes e contém frutos que nunca antes encontraste na Terra. A água que vês não surge de nascente, mas da graça de Deus, e ela flui para dois lados. As águas deste riacho têm o poder de apagar toda a memória do pecado. As águas do outro restabelece todas as lembranças das boas ações. Este é o Letes e o que fica do outro lado chama-se Eunoé. Não existe sabor no mundo que se iguale às águas desses dois riachos. Mas de nada adianta beber as águas do Eunoé sem antes provar as águas do Letes. Acredito que a tua sede já esteja saciada quanto ao que já conheces deste lugar, mas te ofereço ainda mais um corolário, que não te deixará menos contente se aprenderes mais do que eu te prometi.



O Paraíso Terrestre (Jardim do Éden). Ilustração de Gustave Doré (século XIX).

Aqueles poetas antigos que cantavam sobre a idade do ouro e seu estado eterno de felicidade, deveriam ter em mente, talvez, este Parnaso, cuja lembrança retornava em seus sonhos. Aqui era inocente a humana raiz. Aqui, na eterna primavera, está todo o fruto e o néctar que alimenta sua inspiração.

Enquanto ela falava, eu rapidamente olhei para os meus dois poetas e neles pude ver o sorriso provocado por aquelas palavras. Depois, voltei a contemplar a bela dama da floresta.

Personagens e símbolos do Canto XXIX

- 29.1 **Bem-aventurados são aqueles cujos pecados são remidos** (*Beati quorum tecta sunt peccata*, em latim, no original) é o verso que inicia o *Salmo 32*.
- 29.2 **Ó sagradas virgens...:** Aqui o poeta invoca as Musas, para inspirá-lo e permitir que ele seja capaz de descrever o que virá a seguir. **Urânia** é a musa da astronomia, que Dante invoca pois o que segue exige conhecimento das coisas do céu. Das fontes da **Heliconia** (veja nota 28.3), lar das nove musas, vêm toda a inspiração poética.
- 29.3 **Os sete candelabros de ouro** são uma imagem apocalíptica: “E ao voltar-me, vi sete candelabros de ouro” (*Apocalipse 1:12*) que, naquele livro, representam as sete igrejas da Ásia a quem se destina a revelação: “O mistério (...) dos sete candelabros de ouro é este: (...) [eles] são as sete igrejas” (*Apocalipse 1:20*). Os sete candelabros também abrem a procissão de *Corpus Christi*, promulgada pelo papa Urbano IV, em 1264 [Sayers 55]. Alguns comentaristas os associam aos sete sacramentos da Igreja Católica, outros aos sete dons do Espírito Santo (sabedoria, entendimento, conselho, coragem, conhecimento, piedade, temor a Deus) [Pinheiro 60].
- 29.4 **Os vinte e quatro senhores** são outra imagem apocalíptica: “Ao redor do trono também havia vinte e quatro tronos, e vi assentados sobre os tronos, vinte e quatro anciãos, vestidos de branco, que tinham nas suas cabeças coroas de ouro” (*Apocalipse 4:4*). No *Purgatório* de Dante, Os anciãos representam os 24 livros do *Velho Testamento* da forma como foram agrupados por São Jerônimo: *Gênesis, Êxodo, Levítico, Números, Deuteronômio, Josué, Juizes, Rute, Reis, Crônicas, Esdras, Tobias, Judite, Ester, Jó, Salmos, Provérbios, Eclesiastes, Cântico dos Cânticos, Sapiência, Eclesiástico, Profetas Maiores, Profetas Menores e Macabeus* [Pinheiro 60]. Na procissão, os anciãos usam uma coroa branca de flor-de-lis, que simboliza a pureza da fé e da doutrina [Longfellow 67] (veja outra interpretação na nota 29.13). Eles cantam “Bendita sejas tu entre as filhas de Adão”, que é a saudação que o anjo Gabriel faz a Maria (*Lucas 1:28*)

Canto XXIX

Como uma mulher movida pelo amor, ela completou suas revelações cantando “Bem-aventurados são aqueles cujos pecados são remidos,” e depois foi lentamente subindo pela margem do riacho. Eu a segui pela outra margem, com o riacho à minha esquerda. Quando andamos uns cem passos, o rio fez uma curva de forma que agora seguíamos para o leste. Depois de mais uma curta caminhada, ela dirigiu-se a mim e disse:

— Irmão meu, agora olha e escuta.

E de repente um brilho súbito invadiu toda a floresta. Eu inicialmente pensei que fosse um raio, mas o brilho não se foi, e a luz só aumentava mais e mais. “O que será isto?” pensei, e enquanto pensava, uma doce melodia começou a fluir pelo ar iluminado. Nessa hora lamentei a ousadia de Eva, cuja desobediência a Deus nos fez perder esse paraíso.

Enquanto eu caminhava entre tantas primícias, pasmo e sem palavras diante do eterno prazer, ainda esperançoso de maior alegria, o ar sob a folhagem densa da floresta se acendeu e a doce melodia se transformou em um canto.

(Ó sagradas virgens, me dai inspiração! Que eu possa beber das fontes de Helicon! Possa o coro de Urânia me ajudar à traduzir em palavras o que me é tão difícil descrever.)

Mais adiante, sete árvores de ouro pareciam mover-se no ar à minha frente. Mas, quando estavam mais perto, vi que eram na verdade sete candelabros, e nas vozes do canto pude discernir *Hosana*.

29.5 **Os quatro seres** que protegem a carruagem são descritos no livro do *Apocalipse 4:6-8*:

(...) e ao redor do trono, um ao meio de cada lado, [havia] quatro seres viventes cheios de olhos por diante e por detrás. O primeiro ser era semelhante a um leão, o segundo semelhante a um touro, o terceiro tinha o rosto como de homem, e o quarto era semelhante a uma águia voando. Os quatro seres viventes tinham, cada um, seis asas, e ao redor, e por dentro, estavam cheios de olhos (*trad. João Ferreira de Almeida*).

e também em *Ezequiel 1:5-10*:

(...) e do meio do fogo saía a semelhança de quatro seres viventes. Esta era a sua aparência: tinham a semelhança de homem; cada um tinha quatro rostos, como também cada um deles quatro asas. (...) A semelhança dos seus rostos era como o rosto de homem, e à mão direita os quatro tinham rosto de leão, e à esquerda tinham rosto de boi; também os quatro tinham rosto de águia (*idem*).

Dante diz que as quatro criaturas são como as de *Ezequiel* (com quatro rostos) mas têm seis asas como no *Apocalipse* (mas não em *Ezequiel* onde têm quatro). As criaturas são cobertas de “olhos”, como os olhos de **Argus** (que cobrem as penas do pavão). Os quatro animais tradicionalmente simbolizam os quatro evangelhos: *Mateus*, *Marcos*, *Lucas* e *João*. Na interpretação de São Jerônimo, o homem é *Mateus*, porque ele começa o evangelho com a geração humana de Cristo. O leão, que simboliza a realeza, é *Marcos*, porque levou adiante a dignidade real de Cristo. O boi, que simboliza o sacrifício, é *Lucas*. A águia, símbolo divino da mais alta inspiração, é *João* [Longfellow 67].

29.6 **A carruagem** simboliza a igreja de Cristo. As suas duas rodas têm geralmente sido interpretadas como sendo o *Novo* e *Velho Testamentos* (que sustentam a Igreja), mas no *Paraíso*, Dante se refere a elas como sendo São Domingos e São Francisco (*Paraíso XII: 106*). Quem puxa o carro é o grifo (*nota 29.7*) que pode simbolizar Cristo ou o Papa.

29.7 **O grifo** é a criatura mitológica que tem patas e corpo de leão com cabeça e asas de águia. Para a maior parte dos comentaristas, o grifo representa Cristo com suas duas naturezas humana e divina. Dorothy Sayers explica que “até onde ele é ave (divina) é coberto de ouro incorruptível; até onde ele é animal (humano) é coberto de manchas vermelhas e brancas. Vermelho e branco são as cores que Dante atribui respectivamente ao *Novo* e *Velho Testamentos*. (...) São também as cores do amor e da justiça. Mas são especialmente as

Acima dos candelabros flamejava uma luz mais clara que a Lua cheia no sereno à meia-noite. Voltei meu olhar para Virgílio, mas vi que ele estava tão pasmo quanto eu. Matelda então falou:

— Por que só admiras essas luzes vivas? Não tens interesse em saber o que segue atrás delas?

Então olhei e vi que havia várias pessoas seguindo a luz. Elas vestiam roupas de um branco nunca antes visto.

Eu parei diante do riacho e esperei aquela procissão, que seguia do outro lado. A luz que brilhava sobre o rio fazia com que a água à minha esquerda refletisse minha imagem como num espelho. Olhando para o alto, vi as sete listras de um arco-íris deixado pelas chamas que seguiam adiante. As cores cobriam o céu e se estendiam bem além de onde alcançava a visão. E abaixo desse céu magnífico, chegaram vinte e quatro senhores, de dois em dois, cada um usando uma coroa de flor-de-lis. E eles cantavam: *Benditas sejam tu entre as filhas de Adão, e abençoada seja tua beleza por toda a eternidade!*

Assim que passaram os anciãos, surgiram atrás deles quatro animais, coroados com louros verdes. Cada um tinha seis asas com penas cobertas de olhos, como as penas de um pavão.

Leitor, eu não posso descrever aqui todos os detalhes que eu vi, pois tenho que falar ainda de outras coisas, e por isso preciso poupar as palavras. Mas leias Ezequiel, que os viu surgir do norte. Eles são como ele descreveu, exceto pelo número de asas, que está de acordo com o relato de João. Os animais formavam os quatro cantos de um espaço em cujo centro estava uma carruagem triunfal de duas rodas. Ela era puxada por um Grifo que estendia para o alto suas asas de plumas douradas. O resto do seu corpo era branco, com marcas vermelhas. Nem Augusto, nem mesmo o Sol, teve

cores do próprio sacramento: a *Carne* e o *Sangue*, o *Pão* e o *Vinho*.” [Sayers 55]. Outros comentaristas, porém, acharam estranho o Filho de Deus ser representado puxando uma carruagem e preferem acreditar que o grifo de Dante representa o Papa, que é uma pessoa que assume duas formas: a de *pontífice*, representada pela águia, capaz de voar até o trono de Deus, e a de *rei*, representado pelo leão, que tem força e poder sobre a Terra [Pinheiro 60].

- 29.8 **As três damas** que dançam em círculo à direita do carro representam as três virtudes teológicas ou evangélicas: caridade (vermelha), esperança (verde) e fé (branca).
- 29.9 **As quatro moças** de púrpura dançam fazendo festa: Representam as quatro virtudes cardeais: justiça, prudência, fortaleza temperança, que regem a conduta humana. Estão todas vestidas de púrpura que é a cor da nobreza e do Império, pois são a base da autoridade imperial. A prudência tem três olhos para que possa olhar para o presente, passado e futuro. Por estarem do lado esquerdo do carro, estas virtudes são inferiores às outras três [Musa 95].
- 29.10 **Os dois velhos** representam as obras de Lucas e Paulo. Lucas, o autor dos *Atos dos Apóstolos*, é lembrado como um médico (seguidor de Hipócrates) devido a crença fundada em *Colossenses 4:14*: “Saúda-vos Lucas, o médico amado.” As epístolas de Paulo (*Romanos, Coríntios, Gálatas, Efésios, Filipenses, Colossenses, Tessalonicenses, Timóteo, Tito, Filemom e Hebreus*) são representadas por um ancião portando uma espada, símbolo do martírio.
- 29.11 **Os quatro anciãos** em trajes humildes representam as epístolas canônicas dos apóstolos Tiago, Pedro, João e Judas.
- 29.12 **O ancião solitário** representa o *Apocalipse* de João. Ele é representado andando como em sonho, talvez para indicar que a obra é uma revelação profética, enigmática como um sonho.
- 29.13 **As coroas** dos sete últimos anciãos eram adornadas com rosas vermelhas (que pareciam chamas) em vez de lírios brancos (como os primeiros 24 anciãos – nota 29.3). Há várias especulações sobre o significado simbólico das coroas, mas não há consenso. Dorothy Sayers interpreta os lírios brancos como a *justiça* da Lei do *Velho Testamento* e as rosas vermelhas como o *amor* do *Evangelho* [Sayers 55].

uma carruagem tão esplêndida. Do seu lado direito dançavam três damas em círculo. Uma de vermelho, outra da cor das esmeraldas e uma branca como neve. A melodia cantada pela dama de vermelho ditava o ritmo da dança. Do lado esquerdo, havia outras quatro moças fazendo festa, vestidas em púrpura e seguindo o gesto de uma das quatro, que tinha três olhos na testa.

Depois desse grupo estavam dois velhos trajando roupas distintas, mas semelhantes em brilho e respeito. Um deles usava o traje dos seguidores de Hipócrates, que a natureza criou para curar os animais que para ela eram os mais caros. O outro mostrava a oposta cura. Com uma espada lúcida e aguda ele impunha medo até a mim que estava na outra margem. Depois deles seguiram quatro velhos, em trajes humildes, e por último, um ancião solitário, andando como em sonho com sua face inspirada.

E esses sete últimos usavam vestes brancas como os primeiros, mas as coroas em suas cabeças não tinham lírios. Eram adornadas com rosas vermelhas que, ao longe, pareciam mais com chamas de um fogo aceso.

Quando o carro finalmente chegou à minha frente, ouviu-se um forte trovão. Imediatamente toda a procissão parou: as pessoas, os animais e as sete insígnias flamejantes.

Personagens e símbolos do Canto XXX

- 30.1 “**Vem, noiva, do Líbano**” (*Veni, sponsa, de Libano*) faz parte das declarações de amor de Salomão em *Cântico dos Cânticos* 4:8 e anuncia a chegada de Beatriz.
- 30.2 Os “ministros e mensageiros da vida eterna” são **anjos**.
- 30.3 “**Bendito** [és tu] **que vens**,” cantam os anjos, se referindo a Beatriz que está para surgir, embora tenha-se mantido a forma masculina, que faz referência a Cristo. Em *Mateus* 21:9 “Bendito o que vem [em nome do Senhor]” é o grito da multidão quando Cristo entra Jerusalém (também em *Marcos* 11:9, *Lucas* 19:38 e *João* 12:13). Em várias situações, Beatriz ocupa o lugar de Cristo na sua aparição a Dante. No poema original, os anjos sempre cantam em Latim: “*Benedictus qui venis*”.
- 30.4 “**Ó, lançai lírios com as mãos cheias** [que eu espalharei flores vermelhas]” é um trecho da *Eneida*, *livro VI*, e uma explícita homenagem a Virgílio, cujos versos são pronunciados pelos anjos no mesmo nível que os versos da Bíblia. Na *Eneida*, a frase é pronunciada às margens do rio Letes pelo espírito de Anquises, que revela a Enéas o destino de Marcelo, sobrinho de Augusto, grande herói romano que irá morrer na flor da idade. Como sempre, no poema original, o trecho está em latim: “*Manibus date lilia plenis*”.
- 30.5 **Beatriz** surge com o rosto coberto por um véu claro, preso por uma coroa de oliva, usando um vestido vermelho e manto verde (branco, vermelho e verde são as cores das três virtudes: *fé*, *caridade* e *esperança*). A coroa de oliva representa a sabedoria [Sayers 55].

Canto XXX

Quando os sete candelabros que guiavam a procissão pararam, todos os que estavam entre eles e o Grifo ficaram de frente para o carro. Depois, um dos anciãos, como mensageiro do Céu, cantou três vezes *Vem, noiva, do Líbano* e todos os outros o acompanharam.

Atraídos pela voz de tão venerado ancião, surgiram no céu sobre o carro, cem ministros e mensageiros da vida eterna. Todos eles cantavam *Bendito que vens*, e, lançando uma chuva de flores que caíram do céu, *Ó, dai-nos lírios com as mãos cheias!*

Antes do nascer do Sol, eu já vi o leste todo rosado, enquanto o restante do céu se mostrava claro e sereno. O Sol, nascendo sob um véu nebuloso, permitia que se olhasse para ele por um tempo mais longo que o normal. Foi assim, semelhante ao amanhecer que, em meio a uma nuvem de flores que desciam das mãos angelicais, sob um véu claro cingido de oliva, surgiu uma radiante dama num vestido da cor de chama viva, coberto por um verde manto.

E o meu espírito, apesar dos muitos anos que se passaram desde a última vez que estive em sua presença, mesmo sem poder vê-la já sentia o poder de seu amor eterno. Logo que ela se fez visível também aos olhos, todo o meu sangue já tremia, e então procurei Virgílio em busca de segurança. Mas Virgílio não estava mais lá. Eu estava só, sem Virgílio, o doce pai, Virgílio a quem, por minha salvação, eu me entreguei. Todas as maravilhas do paraíso em volta não puderam impedir que meu rosto se cobrisse de lágrimas.

- 30.6 “**Dante...**”: Esta é a única vez em que o nome do poeta é pronunciado em toda a Comédia.
- 30.7 “**Em ti, Senhor, me refugio**”: Os anjos começam a cantar o *Salmo 31* (no original, cantam: *In te, Domine, speravi*) mas não passam do oitavo versículo (*pedes meos*): “Não me entregasse nas mãos do inimigo, mas puseste os **meus pés** num lugar espaçoso.”

— Dante, embora Virgílio tenha te deixado, não chores. Não chores ainda, pois ainda terás que chorar muito pelas feridas de uma outra espada.

Ao ouvir meu próprio nome ser chamado eu imediatamente olhei para frente, e vi a dama que havia surgido entre as flores me encarando do outro lado do rio. Embora o véu que descia sobre seu rosto, preso por uma coroa de louros, ainda impedisse uma visão perfeita de sua face, pude perceber o seu aspecto severo, enquanto ela continuava a falar no tom de alguém que guarda as palavras mais cortantes para o final.

— Sim, olha-me bem! Sou eu! Eu sou Beatriz! Como pretendias chegar a este monte? Não sabias tu que é só aqui que o homem é realmente feliz?

Eu baixei o olhar para o claro riacho, mas logo o desviei e mirei a grama, envergonhado em ver meu rosto refletido. Eu era o menino travesso diante de sua mãe severa, assim ela me pareceu, quando provei do gosto amargo de sua piedade austera.

Quando ela se calou, todos os anjos começaram a cantar, imediatamente o salmo *Em ti, Senhor, me refugio* mas não passaram do ponto onde se diz “meus pés.”

As lágrimas e os suspiros estavam em mim congelados antes de ouvir o canto dos anjos. Mas, ao sentir a compaixão que demonstravam por mim, como se dissessem naquelas harmonias devotas “Dona, por que o envergonhas tanto?” o gelo em volta do meu coração derreteu, e a angústia se transformou em lágrimas que fluíram pelos meus olhos, e choro que escapou pela minha boca.

Em pé, ainda do mesmo lado da carruagem, ela permanecia imóvel. Depois dirigiu-se àquelas criaturas piedosas:



A procissão triunfal mostrando os 24 anciãos que representam o Velho Testamento, abrindo caminho para a passagem da carruagem puxada pelo Grifo (monstro mitológico com cabeça de águia e corpo de leão). A carruagem é escoltada por quatro monstros apocalípticos (mostrados na figura).. Ilustração de Gustave Doré (século XIX).

— Falo a vós que, incansáveis, vigiais os dias e noites, observando tudo o que se passa no mundo. Minha resposta tem por finalidade fazer com que aquele que chora admita sua culpa e sofra na mesma medida. Este homem, em sua primeira vida, teve, pela graça de Deus dons tais que, tivesse ele os cultivado, grande colheita teria resultado. Mas, no melhor solo também florescem as ervas daninhas, se deixado sem cuidados. Por algum tempo o sustive com meu rosto, quando ao deixá-lo olhar nos meus olhos jovens, o mantinha no rumo certo. Mas, quando passei à segunda idade e mudei para outra vida, ele me deixou e foi procurar outras. Quando passei da carne ao espírito para me tornar mais bela e virtuosa, menos ainda ele me amou. Para ele me tornei menos cara, e ele então preferiu seguir por outro caminho, seguindo falsas imagens do bem que nunca cumprem o que prometem. Nem a inspiração que eu fiz aparecer em seus sonhos adiantou para trazê-lo de volta. Foi tudo em vão, pois ele pouco se importou. Tanto ele afundou, que todas as alternativas para a sua salvação seriam vãs, só restando o exemplo dos condenados no Inferno. Para isto, desci ao reino dos mortos para pedir ajuda com minhas lágrimas, àquele que até agora tem sido o seu guia. As leis divinas seriam nulas se ele cruzasse o Letes e saboreasse suas doces águas, sem que pelo menos uma cota de penitência pagasse com suas lágrimas culposas.

Canto XXXI

— Ó tu que estás aí, do outro lado do rio sagrado — gritou ela, dirigindo agora a ponta afiada de suas palavras para mim — Dize se é verdade! É preciso que respondas a esta acusação com tua confissão!

Eu estava tão confuso que as palavras que se formaram em minha mente se apagaram antes que pudessem chegar aos lábios.

— O que estás pensando? — retrucou ela, sem esperar — Responde agora! Eu sei que nenhuma das tuas memórias amargas foi ainda apagada neste riacho.

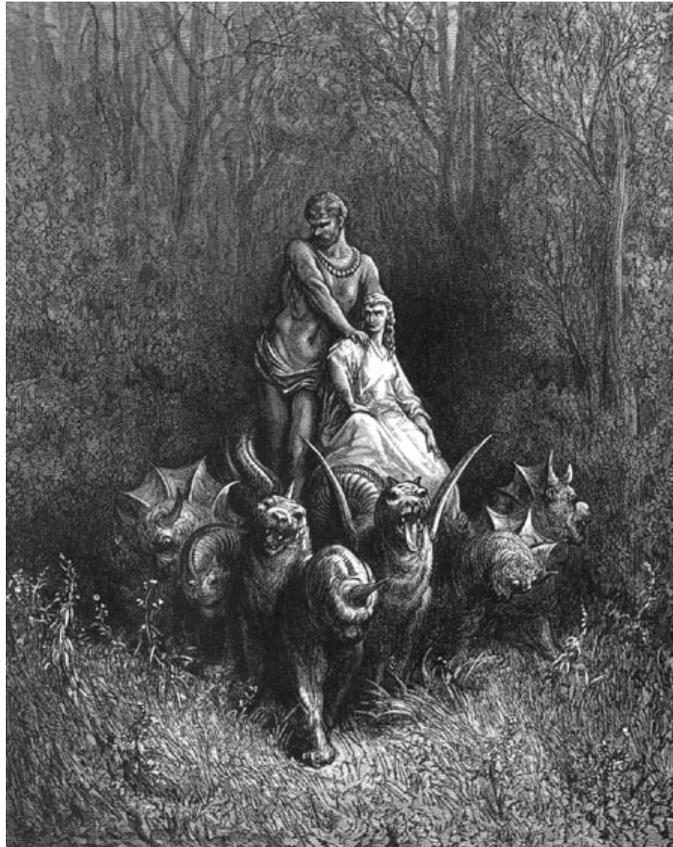
A confusão e o medo misturados fizeram sair da minha boca um mísero “sim”, tão fraco que só poderia ser ouvido com ouvidos que tivessem olhos. Eu estava tão arrasado pela pressão, que não suportei a carga e explodi em lágrimas e pranto. E ela:

— Na tua jornada de desejo por mim, que te levava na direção do bem supremo, que fossos atravessaste, que correntes encontraste, o que fez com que abandonaste todas as esperanças? E que satisfações ou vantagens viste nessas outras coisas que te fizeram querê-las com tanto empenho?

Depois de exalar um suspiro amargo, mal sobrou voz para respondê-la. Meus lábios, com esforço, formaram as palavras:

— As coisas presentes com seus falsos prazeres — respondi chorando — me induziram a seguir outros caminhos, quando eu não mais pude olhar para teu rosto.

— Se tivesses silenciado ou negado o que acabas de confessar tua culpa ainda seria vista por aquele Juiz que tudo sabe. Mas quan-



A prostituta e o gigante sentados sobre o monstro de dez chifres e sete cabeças (que antes era o carro), que representa a Igreja... Ilustração de Gustave Doré (século XIX).

do os próprios lábios do pecador assumem a culpa, em nossa corte, o moinho volta-se contra a lâmina. Todavia, para que sintas de fato vergonha pelos teus erros, para que noutra ocasião possas ser mais forte diante do canto das sereias, controla o teu pranto e escuta as minhas palavras. Nunca viste, na arte ou na natureza, beleza como minha forma humana, que hoje está reduzida a pó. E se aquela beleza suprema deixou de existir após minha morte, como poderia outra coisa mortal seduzir o teu desejo? Bem deverias, ao primeiro sinal dessas ilusões, ter te elevado atrás de mim, que não era mais tal. Não deverias ter baixado as asas para ficar esperando pela próxima paixão, alguma mocinha, ou outra novidade passageira.

Como criança depois de uma repreensão, calada e fitando o chão com vergonha, assim estava eu, quando ela disse:

— Quando o que ouviste te causar sofrimento, levanta a barba para que possas sentir maior dor olhando.

Imensa resistência impõe o carvalho ao vento das tempestades que tentam arrancá-lo do chão. Maior resistência foi a minha ao relutar em atender àquela ordem, principalmente porque ela chamou meu rosto de “barba”, revelando o veneno que temperava suas palavras. Quando eu levantei meu rosto, primeiro olhei para os anjos que já haviam parado de lançar flores e flutuavam imóveis. Depois vi Beatrix, que agora estava de frente para aquela fera meio águia e meio leão. Embora sob o véu e na outra margem, ela me pareceu mais bela ainda que quando vivia na Terra, onde era a mais bela de todas. O arrependimento por ter amado todas as coisas que não eram ela doeu no meu coração, e a dor me fez desmaiar. O que aconteceu depois eu não sei, mas, quando acordei, me vi imerso no riacho ao lado daquela jovem que nos havia recepcionado no jardim.

Personagens e símbolos do Canto XXXI

- 31.1 “**Asperge-me** [com hissopo, e eu serei purificado; lave-me e eu serei mais branco que neve]” é o sétimo verso do *Salmo 51*, cantado pelos anjos enquanto Matilda mergulha a cabeça de Dante no rio Letes. “O *Asperges* é cantado no início da missa, quando o padre asperge os fiéis com água benta” [Sayers 55].
- 31.2 As águas do rio **Letes** apagam da memória de quem delas beber, toda a lembrança do pecado.
- 31.3 **As quatro ninfas** são as quatro estrelas que Dante viu quando chegou à ilha do purgatório (*veja nota 1.1*). Representam as quatro virtudes cardeais. Elas levarão Dante aos olhos de Beatriz. As outras três (que também são estrelas – *veja nota 8.6*) são as virtudes teológicas.
- 31.4 **A dupla natureza do grifo** é refletida nos olhos de Beatriz: “ora como leão, ora como águia, separadamente”. Supondo que o grifo seja o reflexo da natureza de Cristo, Dante ainda não é capaz de perceber a natureza divina (águia) e humana (leão) como uma coisa única. Para isto, precisará da ajuda das outras três ninfas (virtudes teológicas).

— Segura firme — disse ela, ao me mergulhar no rio. Eu ouvi quando cantaram *Asperge-me* e depois ela mergulhou minha cabeça no rio para que eu bebesse da água.

Saindo do rio, na outra margem, ela me levou à dança das quatro ninfas que me cobriram com seus braços.

— Nós aqui somos ninfas e no céu somos estrelas — cantavam — Antes que Beatriz descesse ao mundo, nós fomos ordenadas suas criadas. Nós te levaremos aos olhos dela, mas as outras três guiarão teu olhar. — Fui então levado até o peito do Grifo, que estava parado diante de Beatriz.

— Não poupes teu olhar — disseram — pois estás diante daquelas esmeraldas de onde Amor tirou as flechas que te feriram.

Mil chamas ardentes do desejo mantiveram meus olhos fixos àqueles olhos reluzentes, que não largavam o Grifo. Como o Sol refletido num espelho, eu vi a dupla fera refletida em seus olhos, mostrando ora o leão, ora a águia, separadamente. Imagine, leitor, o meu espanto, ao ver a imagem daquela criatura mudar de forma a todo instante. Enquanto minha alma permanecia hipnotizada, as outras três chegaram, cantando:

— Volve Beatriz, volve teus olhos santos — cantavam — ao teu fiel, que veio de tão longe para te ver! Revela a ele tua segunda beleza que até agora ocultasse.

Ó esplendor da viva luz eterna, quem poderia, bebendo apenas da fonte da poesia, descrever a tua visão quando enfim desataste o véu do teu rosto?

Personagens e símbolos do Canto XXXII

- 32.1 O cortejo pára diante de uma **grande árvore**. Para alguns comentaristas, a árvore representa o império romano, por analogia ao império de Nabucodonosor, cujo sonho é interpretado pelo profeta Daniel:

(...) eu estava olhando, e vi uma árvore no meio da terra, cuja altura era grande. Crescia a árvore, e se fazia forte, de maneira que a sua altura chegava até o céu, e era visível até os confins da terra. A sua folhagem era formosa, e o seu fruto abundante, e havia nela o sustento para todos; debaixo dela os animais do campo achavam sombra, as aves do céu faziam morada nos seus ramos, e todos os seres viventes se mantinham dela.” (*Daniel 4:10-12, trad. João Ferreira de Almeida*)

A árvore também é a **árvore do conhecimento do bem e do mal** (*Gênesis 2:16-17*) e representa Adão (a humanidade), após a expulsão do Paraíso. Assim como o reino de Nabucodonosor, a humanidade se espalhou pelos confins da terra, mas perdeu o direito à vida eterna e não tem vida no Paraíso (por isso a árvore está sem folhas e sem frutos).

- 32.2 O tronco da árvore é **doce aos lábios, mas amarga no estômago**. Compare com *Apocalipse 10:9-10*: “Fui, pois, ao anjo, e pedi-lhe que me desse o livrinho. Disse-me ele: Toma-o, e come-o. Ele fará amargo o teu estômago, mas na tua boca será doce como mel.”
- 32.3 O grifo leva o timão ao pé da árvore, **“devolvendo a ela o que era dela”**: Se a árvore é a humanidade (Adão), e o grifo é Cristo, o timão da carruagem (a Igreja) é a cruz. A cruz simboliza a paixão e morte de Cristo. Através dela, a humanidade (a árvore) recebe de volta a vida eterna que havia perdido (a árvore floresce, na ressurreição). A cor violeta é a mesma cor usada pelas ninfas que representam as quatro virtudes, sem as quais não é possível usar corretamente o conhecimento do bem e do mal.

Canto XXXII

Meus olhos estavam fixos nela. Tão ávidos em saciar aquela sede de dez anos, esqueceram todos os outros sentidos, hipnotizados pelo seu sagrado sorriso. Mas de repente, meu olhar se desviou, quando ouvi:

— É demais! Ele está olhando demais! — gritaram as ninfas à minha esquerda.

Eu estava cego, como aquele que passa tempo excessivo olhando para o Sol. Demorei, mas aos poucos fui me acostumando com a luz fraca da floresta. À direita estavam os candelabros, já retornando. Quando a carruagem puxada pelo Grifo deu meia volta para seguir o cortejo, eu Estácio e Matelda a seguimos ao lado de sua roda direita. A procissão percorreu a distância de uns três vãos de flecha antes de parar mais uma vez. Beatriz desceu do carro e eu ouvi todos murmurarem “Adão” enquanto contornavam uma árvore imensa. Sua copa alargava-se com a altura, mas seus galhos estavam nus, sem folhas, flores ou frutos.

— Beato és tu, Grifo, pois teu bico nada prova deste tronco que é doce aos lábios, mas que amarga no estômago — gritavam todos, em volta daquela árvore.

— Assim se conserva a semente de tudo o que é justo — respondeu o Grifo. Depois, agarrando-se ao timão da carruagem que havia puxado, levou-o ao pé da árvore despida, devolvendo a ela o que era dela. E então, toda a árvore floresceu, com folhas, frutos e flores de cor violeta.

- 32.4 Cercada pelas sete ninfas (as sete virtudes), **Beatriz** prevê que Dante irá para o Céu, com ela (a Roma onde Cristo é romano). Depois, pede a Dante que ele anote tudo o que for revelado, em benefício do mundo perdido (da mesma forma como Jesus pede a João que escreva as revelações do *Apocalipse* – veja *Ap. 1:11*).
- 32.5 **A águia** simboliza o poder imperial. Ela aparece causando destruição, rasgando os frutos e folhas da árvore e depois atingindo a carruagem. Representa as perseguições sofridas pelo cristianismo nos primeiros anos da Igreja, entre os governos de Nero (54 d.C.) e Diocleciano (314 d.C.). O navio é um símbolo tradicional da Igreja [Musa 95]. A água danifica não só a carruagem (a Igreja) mas também o império romano (Roma) [Sayers 55].
- 32.6 **A raposa** simboliza as heresias que assolavam a Igreja primitiva, especialmente as seitas gnósticas como a de Dolcino (veja *Inferno, canto XXVIII*) [Musa 95].

Eu não reconheci o hino que aquela gente começou a cantar, nem consegui ouvi-lo até o fim, pois peguei no sono. Acordei com uma voz me chamando:

— Acorda! Que estás fazendo?

Era Matelda. Ela estava em pé diante de mim.

— Onde está Beatriz? — perguntei, inquieto.

— Está ali — respondeu —, sentada na sombra da árvore, sobre suas raízes. Olha a companhia em volta dela. Os outros foram para o Céu junto com o Grifo.

Não sei se ela falou mais que isso, pois meus olhos já estavam diante de Beatriz. Ela estava sentada sozinha, sobre a terra, tomando conta da carruagem que o Grifo havia deixado. Em sua volta estavam as sete ninfas.

— Por pouco tempo permanecerás aqui — disse ela —. Depois, viverás para sempre comigo como cidadão daquela Roma onde Cristo é romano. Então, em benefício do mundo que vive perdido, presta bem atenção na carruagem e não deixes de escrever tudo o que vires aqui, quando estiveres de volta.

Em obediência a Beatriz, parei e observei a carruagem como ela havia me pedido. E então, como um raio, desceu dos céus uma águia, rasgando os galhos e as folhas recém nascidas daquela árvore, arrancando todas as suas flores. Com toda sua força, ela atingiu a carruagem, que estremeceu como navio em tempestade.

Depois entrou uma raposa no banco do triunfal veículo. Tão magra estava que parecia faminta. Mas Beatriz pôs aquela massa de pele e ossos para correr, repreendendo-a por todo o mal que havia causado.

- 32.7 **A águia volta** e causa danos na estrutura do carro, mas não atinge a árvore. A imagem representa a doação de Constantino, primeiro imperador cristão, que deu à Igreja riquezas e poder (as penas douradas), levando-a a corromper-se (causando danos à sua estrutura) [Longfellow 67].
- 32.8 **O dragão** é o símbolo tradicional do Diabo e do anti-Cristo. A maior parte dos comentaristas concorda que esta revelação simboliza o surgimento do islamismo, considerado uma cisma que dividiu o cristianismo, levando parte de seus fiéis. Sua imagem talvez tenha origem em *Apocalipse 12:3-4* onde é descrita a visão de “um grande dragão vermelho”, cuja cauda “levou após si a terça parte das estrelas do céu, e lançou-as sobre a terra” [Sayers 55].
- 32.9 **As plumas** que nascem sobre o carro representam a multiplicação das riquezas mundanas possuídas pela Igreja, que talvez tenham sido doadas (pelos fiéis) com a mais pura das intenções. As plumas cobrem toda a estrutura do carro, e levam ao surgimento das cabeças.
- 32.10 **As cabeças** que brotam do timão e dos quatro cantos do carro (a Igreja) o transformam na besta do Apocalipse: “E eu vi subir do mar uma besta que tinha dez chifres, e sete cabeças” (*Apocalipse 13:1*). As cabeças representam, tradicionalmente, os sete pecados capitais. As três que têm dois chifres são o orgulho, a inveja e a ira, que causam dano à alma que os pratica e também aos outros. As outras quatro que têm apenas um chifre representam a preguiça, a avareza, a gula e a luxúria que só causam dano ao pecador [Pinheiro 60].
- 32.11 **A prostituta** representa a figura do papa, que se prostituiu com o **gigante** ciumento, que representa a França. A prostituta inicialmente tem boas relações com o gigante (A França e Bonifácio VIII foram aliados, tendo participado do golpe que expulsou os guelfos brancos de Florença). Talvez o olhar lascivo que a prostituta lançou sobre Dante represente a discussão que Dante teve com o papa quando era prior de Florença. O papa Bonifácio morreu pouco depois de ser brutalmente espancado pelos homens de Felipe IV, o rei da França. Com a eleição de Clemente V, Felipe conseguiu levar a sede da Igreja para longe de Roma (para Avignon, na França).

Mais uma vez desceu a águia através da árvore. Desta vez acertou em cheio a estrutura do carro, e lá deixou algumas de suas penas douradas. Como a dor que jorra de um coração amargurado, desceu uma voz do Céu, que disse:

— Ó meu barquinho, como estás mal carregado!

Então pareceu-me que a terra se abria entre as duas rodas, e de lá saiu um dragão que atirou sua cauda contra o carro, arrancando-lhe o piso.

O que sobrou do carro começou a se transformar. Como ervas que nascem sobre um solo fértil, nasceu sobre ele uma cobertura de plumas (talvez, com a mais pura das intenções). Em pouco tempo, toda a carruagem, inclusive suas duas rodas e timão, ficou totalmente encoberta pelas plumas. E começaram a brotar cabeças por toda parte. Três nasceram no timão e uma pipocou em cada um dos quatro cantos do carro. As primeiras tinham chifres como os de boi e as outras quatro, tinham um só, na testa. Jamais alguém vira monstros iguais.

Apareceu depois, sentada sobre o carro, uma prostituta, e do seu lado, um gigante ciumento. Vez ou outra, os dois se beijavam. Mas, quando ela lançou seu olhar lascivo sobre mim, seu amante a espancou com brutalidade da cabeça aos pés. Depois, louco de ciúmes, o gigante arrancou o monstro que estava preso na árvore e o arrastou para a floresta, levando o carro para tão longe que eu os perdi de vista.

Personagens e símbolos do Canto XXXIII

- 33.1 “**Ó Deus, vieram nações**” (*Deus, venerunt gentes*) é o início do *Salmo 79*, que continua “e invadiram a tua herança, contaminaram o teu santo templo, reduziram Jerusalém a montões de pedras.” O salmo faz alusão, aqui, à França que levou embora a sede da Igreja.
- 33.2 “**Um pouco, e não me vereis mais... e mais um pouco, e me vereis**”: são as palavras de Jesus Cristo pouco antes de sua morte e ressurreição (*João 16:16*). Beatriz as pronuncia em latim: “*Modicum et non vitebitis me... iterum modicum et vitebitis me*”.
- 33.3 **O vaso que a serpente rompeu foi e não é...:** O vaso é o carro que foi rompido pelo dragão (a serpente). O carro era a Igreja, mas agora é a besta. Em *Apocalipse 17:8*: “A besta que tu viste era e já não é”.
- 33.4 **A águia** que deixou suas penas sobre o carro é **Constantino**. Ele “não ficará sem herdeiros por muito tempo,” diz Beatriz, ao profetizar que um imperador romano (herdeiro de Constantino) irá recuperar a sede da Igreja [Sayers 55].

Canto XXXIII

Ó Deus, vieram nações, cantavam as ninfas em lágrimas, alternando as três, depois as outras quatro. E Beatriz as escutava, triste e piedosa. Mas quando as virgens calaram-se, ela se levantou e, luzindo como fogo, anunciou:

— *Um pouco, e não me vereis mais, irmãs tão caras, e mais um pouco e me vereis.*

Depois, tendo pondo as sete diante dela e acenando para que eu, a moça e o poeta ficássemos atrás, ela deu uns dez passos para frente e depois virou-se, fixando seus olhos nos meus. Serenamente, falou:

— Vem para mais perto — disse — para que possas escutar melhor as minhas palavras.

Fiz como ela pediu. Quando eu estava próximo, ela falou:

— Por que, irmão, hesitas em me perguntar sobre as imagens que há pouco viste, agora que estás comigo?

Como quem fica paralisado diante de um superior e não encontra palavras para se expressar, assim me aconteceu, mas devagar comecei:

— Minha senhora, vós sabeis de todas as minhas necessidades, e conheceis como satisfazê-las.

— Do medo e da vergonha — respondeu — eu desejo que libertes o teu pensamento, para que não fales mais como se estivesses sonhando. Saibas que o vaso que a serpente rompeu foi, e não é, mas que a justiça de Deus não poderá ser anulada. A águia que

- 33.5 **Quinhentos, dez e cinco:** Há muita especulação sobre o significado deste número. Representa o Lebreiro do *Canto I* do *Inferno*, que viria salvar a Itália, cuja identidade (se é que representa uma pessoa) é desconhecida. Alguns comentaristas especulam Dante quisesse representar a palavra DUX (líder), obtida trocando a posição dos algarismos do número DXV (“U” e “V” em latim são a mesma letra) [Mauro 98].
- 33.6 A deusa **Têmis** era filha do Céu e da Terra. Seu oráculo, situado em Ática, era famoso pelos enigmas indecifráveis [Longfellow 67].
- 33.7 **A Esfinge** é um monstro nascido de Quimera. Tem cabeça de mulher, asas de ave, corpo de cão e patas de leão. Por muito tempo ela aterrorizou os habitantes de Tebas, matando aqueles que não acertavam o enigma. O enigma finalmente foi solucionado por Édipo, que, por esse feito, ganhou o reino de Tebas e casou-se com a rainha Jocasta.
- 33.8 **A árvore foi duas vezes assaltada.** Primeiro pela águia, que rasgou suas folhas e casca, depois pelo gigante, que roubou o carro. A árvore aqui representa o cristianismo.

deixou suas penas sobre o carro, transformando-o em monstro e depois em presa, não continuará sem herdeiros por muito tempo. Eu já vejo que aquelas estrelas estão próximas, e te digo que a hora que ninguém pode impedir logo virá. Quinhentos, dez e cinco será o emissário de Deus que nascerá para matar o gigante e a prostituta com a qual ele peca. Talvez minha profecia com suas palavras obscuras, como aquelas de Têmis ou do enigma da Esfinge, não tenha te convencido. Talvez tudo só tenha deixado tua mente mais confusa, porém, em breve serão vistos sinais que confirmarão minhas palavras. Tome nota do que eu te digo e leva essas palavras para todo vivente cuja vida nada mais é que uma corrida para a morte. Ao escrever, tenhas o cuidado de não omitir o estado da árvore que viste, neste lugar, duas vezes assaltada. Todo aquele que rouba desta árvore ou quebra seus galhos ofende a Deus com blasfêmias, pois ele a criou santa para seu próprio uso. Por morder o fruto desta árvore, cinco mil anos teve que esperar a primeira alma para que Ele pagasse por seu pecado. Tua alma dorme se não percebes o porquê da sua altura extrema, nem por que seus galhos crescem invertidos para cima. Se pensamentos fúteis não tivessem escurecido tua mente e pudesses ver além do aspecto externo, terias reconhecido, por aquelas imagens apenas, o sentido moral da razão divina. Mas vejo teu intelecto petrificado, e como pedra escura não deixa passar a clara luz das minhas palavras, desejo que leves contigo, se não por escrito, já que não as compreendes, pelo menos as imagens da verdade que te mostrei.

— As imagens estão impressas na minha mente — respondi — mas as suas palavras, por que elas voam tão alto sobre minha mente, que quanto mais tento compreendê-las, mais obscuras ficam?

33.9 Os rios **Tigre e Eufrates** são mencionados no *Gênesis 2:14-15* como os dois rios que banham o jardim do Éden, daí a comparação com o **Letes** e **Eunoé**.

— Para que possas conhecer melhor aquela escola cujas doutrinas tens seguido até hoje — respondeu — e entender até onde ela é capaz de acompanhar minha palavra. E para ver que a vossa via está tão distante dos caminhos divinos, quanto a Terra da esfera mais alta do Céu.

— Não me lembro — protestei — de ter exposto qualquer opinião contrária a vós, ou feito qualquer coisa que me pese na consciência.

— Se não és capaz de recordar — respondeu-me sorrindo — tenta lembrar que hoje mesmo bebeste das águas do Letes. Assim como a presença de fogo pode ser deduzida pela fumaça, teu esquecimento é prova certa de tua culpa. — e determinou — A partir de agora não utilizarei mais enigmas. Até onde for possível, minhas palavras serão claras, para que tua vista rude possa compreendê-las.

O Sol do meio dia já tornava a floresta mais clara, quando as sete ninfas que estavam a frente repentinamente pararam. Diante delas estava uma fonte que se dividia em dois riachos, tal qual o Tigre e o Eufrates. Perguntei a Beatriz:

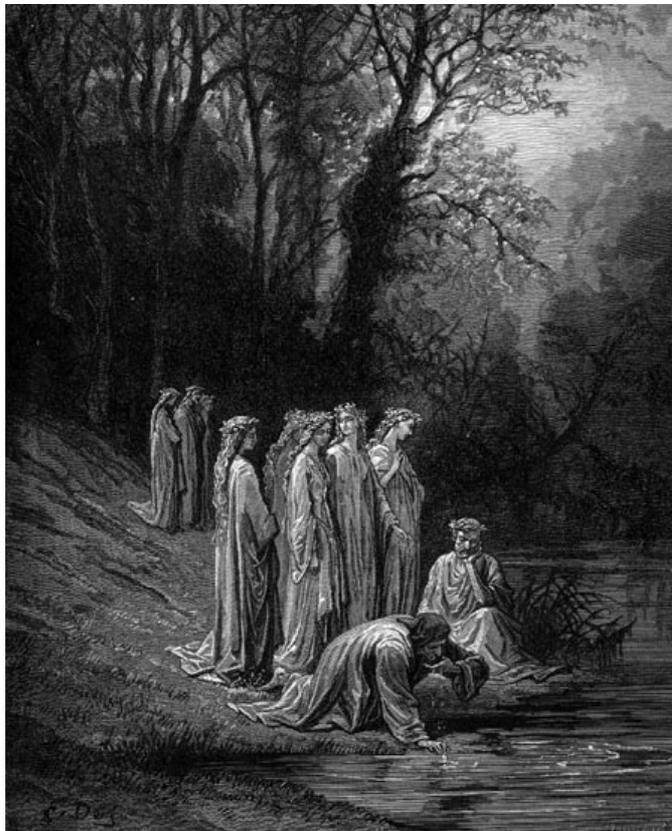
— Ó luz, glória da humanidade, que água é esta que jorra de uma única fonte e depois se divide em duas?

— Pergunta a Matelda! — respondeu ela, e a jovem logo protestou, como quem de uma culpa se desliga:

— Eu já expliquei isto a ele, e muitas outras coisas mais. Não creio que o Letes tenha apagado isso de sua memória.

— Talvez outros pensamentos ocupem sua mente — respondeu Beatriz — enfraquecendo sua memória e tornando sua vista

- 33.10 **Eunoé** é o rio que restaura a memória apagada pelo Letes (que apagava toda a lembrança do pecado). Dante pode lembrar agora dos seus pecados, mas apenas como coisas passadas e superadas. Não sentirá vergonha ou culpa, pois as suas faltas foram perdoadas.
- 33.11 **Cronologia:** Dante chega à fonte do Eunoé ao meio-dia da quarta-feira. Já se passaram seis dias desde o momento em que deixou a selva escura.



Dante e Estácio bebem das águas do rio Eunoé, em companhia das ninfas que servem a Beatriz, no Paraíso Terrestre.... Ilustração de Gustave Doré (século XIX).

nebulosa. Mas vê, aquele riacho é o Eunoé. Leva-o até lá e restaura seus poderes enfraquecidos nas águas do rio.

Ela não demorou para vir ao meu encontro. Chamou também Estácio e nos conduziu àquele riacho de águas santas. Se eu tivesse mais espaço, leitor, eu aqui descreveria, pelo menos em parte, aquela doce água que jamais teria saciado a minha sede. Mas agora já completei todas as páginas destinadas a este segundo cântico, e o freio da arte não me deixa avançar mais.

Daquelas águas santíssimas eu retornei renascido, como uma planta que adquire uma nova folhagem, puro e disposto a subir às estrelas.

Obras consultadas e fontes de informação na Web

Nas notas explicativas e textos complementares, indiquei a fonte das informações utilizando a seguinte notação [*Autor XX*], onde *Autor* pode ser o autor da obra, a editora (no caso de obras coletivas e enciclopédias), o tradutor/comentarista, no caso das obras de Dante ou o nome da própria obra, no caso das obras clássicas. *XX* corresponde aos últimos dois dígitos do ano da publicação. Nas fontes encontradas na Internet não indiquei o ano da publicação (são fontes dinâmicas).

1. [Mauro 98] Dante Alighieri. *A Divina Comédia: Inferno, Purgatório e Paraíso*. Tradução e notas de Ítalo Eugênio Mauro. Em português e italiano (original). Editora 34, São Paulo, 1998.

Uma coleção bilíngüe em três volumes com versos em português e no italiano original. A tradução é bastante clara, mesmo preservando a estrutura poética e rimas do original. Uma grande vantagem é o verso correspondente em italiano ao lado da tradução em português. Esta tradução serviu de base para este trabalho (que foi posteriormente revisado com as outras fontes). As notas explicativas esclarecem o significado de personagens históricos e mitológicos mas não se alongam nos detalhes nem tentam interpretar significados ocultos.

2. [Sayers 49] Dante Alighieri, *The Comedy of Dante Alighieri the Florentine: Purgatory*. Translation and notes by Dorothy Sayers. Penguin, EUA, 1949. Em inglês.

Esta tradução, rimada e em inglês arcaico, apresenta notas explicativas bastante detalhadas, com informações históricas, mitológicas e interpre-

tações da tradutora acerca dos símbolos usados por Dante. As ilustrações e mapas contidos no livro auxiliam na compreensão da geografia do Purgatório. Os comentários e interpretações da tradutora são mais detalhados que no *Inferno*.

3. [Musa 95] Mark Musa, Dante Alighieri. *The portable Dante*. The Viking Portable Library. Viking Press, EUA, 1995. Em inglês.

Este volume contém toda a *Divina Comédia* e *A Vida Nova (La Vita Nuova)* de Dante, com comentários exaustivos sobre personagens, mitologia e sobre a vida literária e política de Dante Alighieri. O tradutor é mais cauteloso nas interpretações simbólicas, evitando impor sua interpretação pessoal ou de comentaristas clássicos como a mais plausível. Esta foi, para mim, a tradução mais compreensível e fácil de ler, provavelmente por não estar limitada pelas imposições da rima, embora mantenha uma estrutura rítmica e a organização em versos.

4. [Cambridge 93] Rachel Jacoff (Org.) *The Cambridge Companion to Dante*. Cambridge University Press, 1993. Em inglês.

Coleção de 15 ensaios por vários autores sobre Dante, sua vida, sua época, suas relações com o império e a igreja e a política de Florença. Contém também uma introdução às suas obras, uma análise crítica sobre seus comentaristas e sobre traduções de suas obras.

5. [Viglio 70] Salvatore Viglio (Frei Cassiano) *Introdução ao Estudo de Dante*. Editora Electra, Rio de Janeiro, 1970.

Textos sobre a cultura latina, poesia religiosa, época, obra e vida de Dante. Frei Cassiano comenta sobre suas obras e faz uma análise crítica da *Divina Comédia*, com notas interessantes e imparciais sobre significados alegóricos do poema.

6. [Pinheiro 60] Dante Alighieri. *A Divina Comédia*. Tradução e notas de J. P. Xavier Pinheiro com prefácio de Raul de Polillo. W. M. Jackson, Rio de Janeiro, 1960.

Uma tradução mais antiga da *Divina Comédia*. Não posso comentar sobre esta tradução pois somente a utilizei como referência. As notas são

bastante detalhadas e semelhantes às encontradas na edição de Longfellow (1867).

7. [Longfellow 67] Dante Alighieri. *The Divine Comedy* traduzida por Henry Wadsworth Longfellow, 1867.

Antiga tradução norte-americana. Utilizei principalmente como fonte de notas explicativas (muito detalhadas). Edição eletrônica disponível no sítio do *Projeto Gutenberg* e em [Elf].

8. [Elf] 1999 *Research Edition for the Divine Comedy*. Electronic Literature Foundation, 1999. <http://www.divinecomedy.org/>

Este sítio interativo sobre a *Divina Comédia* é provavelmente o mais completo da Web. Apresenta toda a obra de Dante na edição original em italiano e traduções em inglês, com os cantos numerados por linha. O acesso e pesquisa são facilitados por formulários interativos. Contém imagens de Dali, Botticelli, Doré, Vellutello, mapas de Botticelli, Bartolomeo, Mandelbaum e outros. Pode-se ouvir a leitura dos cantos em inglês e italiano (*RealPlayer* audio). Estão disponíveis também notas explicativas detalhadíssimas de dois tradutores (em inglês): Henry Wadsworth Longfellow and Rev. H.F. Cary. Organizado e mantido pela *ELF - Electronic Literature Foundation* (<http://elf.chaoscafe.com/>)

9. [Encarta 97] *Microsoft Encarta Enciclopedia 97*. CD-ROM interativo (1997)

10. [Larrousse 98] *Enciclopédia Larrousse Cultural 98*. Folha de São Paulo e Nova Cultural, 1998

11. [HistoryNet] *The Historynet*. <http://www.thehistorynet.com/>

Sítio enciclopédico dedicado à história mundial. Contém narrativas de conquistas, batalhas, impérios, líderes, além de mapas e ilustrações.

12. [Doré 76] Gustave Doré. *The Doré Illustrations for Dante's Divine Comedy - 34 plates*. Dover Publications, 1976

Ilustrações da *Divina Comédia* por Gustave Doré. Dimensões 30 x 23 cm. A maior parte das ilustrações de Doré foram extraídas deste volume.

13. [Carthage] *Dante's Clickable Inferno*. Carthage College, 1999.
<http://martin.carthage.edu/departments/english/dante/>
 Este sítio contém imagens, críticas, comentários, traduções, resumos e
 vínculos para várias fontes de pesquisa na Internet sobre Dante Alighieri
 e suas obras.

14. [Roberts 93] J. M. Roberts. *History of the World*. Oxford University Press, 1993

15. [Columbia] *Divina Commedia de Dante Alighieri*. Columbia University.
<http://www.columbia.edu/acis/ets/Dante/DivComm/contents.html>
 Repositório público com toda a *Divina Comédia* (original em italiano) em
 três arquivos (páginas).

16. [NRSV] *The Oxford Annotated Bible with the Apocrypha*. The New Revised
 Standard Version (NRSV). Oxford University Press, 1998.

17. [Bíblia] *A Bíblia Sagrada – Antigo e Novo testamento*. Tradução de João Fer-
 reira de Almeida. Editora Vida, 1990.

18. [Eneida] Virgil (Virgílio). *The Aeneid (A Eneida)*. English translation by Ro-
 bert Fitzgerald. Everyman's Library, Knopf, 1981. *Eneida*. Tradução de
 Tássilo Orpheu Spalding. Círculo do Livro, São Paulo, 1994.

19. [Ilíada] Homer (Homero). *The Iliad (A Ilíada)*. English translation by Robert
 Fitzgerald. Everyman's Library, Knopf, 1974

20. [Odisséia] Homer (Homero). *The Odissey (A Odisséia)*. English translation by
 Robert Fitzgerald. Everyman's Library, Knopf, 1989

21. [Metamorfoses] Ovid (Ovídio). *Metamorphoses*. English translation by A. D.
 Melville, Oxford University Press, 1986

22. [Histórias] Heródoto (Herodotus). *Histórias*. Tradução de Vítor de Azeve-
 do. W. M. Jackson, Rio de Janeiro, 1957. *Histories*. Translated by George
 Rawlinson. Everyman's Library, Knopf, 1997

Índice Remissivo das Notas

A

Abade de São Zenó: 18.4
Acã: 20.11
Adriano, Papa : 19.5
Agatão: 22.9
Aglauro: 14.16
Agnus Dei: 16.3
Águia (ante-purgatório): 9.1
Águia (revelação): 32.5
Alberto I: 6.8
Alberto della Scala: 18.6
Alcmeon: 12.13
Aldobrandesco, Omberto : 11.3
Alfonso III: 7.16
Amata: 17.4
Ananias: 20.11
Família Anastagi: 14.12
Anciãos (procissão): 29.4, 29.10, 29.11, 29.12
Anfiarau: 12.13
Anjo
da Castidade: 27.1
da Humildade: 12.18
da Mansidão: 17.5
da Misericórdia: 15.1
da Pobreza: 22.1
da Temperança: 24.14
do Zelo: 19.2
Anjos (paraíso terrestre): 30.2
Ante-purgatório: 3.9
excomungados: 3.8
preguiçosos (negligentes): 4.5
arrepentidos tardios: 5.1
preocupados: 7.6

Antifonte: 22.9
Aqueronte (rio): 1.5
Aracne: 12.10
Arnaldo Daniel: 26.6
Arquiano (rio): 5.5
Arrigo Mainardi: 14.12
Árvores e água (gula): 24.1
Árvore do conhecimento: 32.1
Avareza
anjo: 22.1
freio: 20.11
látigo: 20.2
oração: 19.3
pecadores: 19.4
Averroes: 25.4

B

Bagnacavallo: 14.13
Barbarossa, Frederico: 18.5
Barqueiro: 2.2
Batalha de Benevento : 3.2, 7.18
Batalha de Campaldino: 5.4
Beati misericordes : 15.1
Beatrice d'Este: 8.4
Beatriz: 30.5
Belacqua: 4.3
Benincasa di Laterina: 6.1
Benevento, Batalha de: 3.2, 7.18
Berço da humanidade: 28.3
Bernardo di Fosco: 14.12
Bonagiunta de Lucca: 24.3
Bonifácio VIII, Papa: 7.12
Bonifácio de Fieschi: 24.6
Bretinoro: 14.13

Briareu: 12.5
Buonconte de Montefeltro: 5.3

C

Cabeças (revelação): 32.10
Cães: 14.4
Caim: 14.15
Calisto: 25.6
Campaldino, Batalha de: 5.4
Candelabros de ouro: 29.3
Cappelletti (Capuletos): 6.9
Capeto, Hugo: 20.3
Capetos, Dinastia dos: 20.4
Carlos I de Anjou: 7.15
Carlos II de Anjou: 20.9
Carlos de Valois : 20.7
Carro: 29.6
Carruagem: 29.6
Casella: 2.4
Casentino: 5.5
Catão de Útica: 1.3
Cato (de Útica): 1.3
Catrocaro: 14.13
Cecílio: 22.8
Centauros: 24.13
César, Júlio: 26.2
Chaves: 9.6
Cimabue: 11.6
Ciro: 12.15
Clemente IV, Papa: 3.6
Clio: 22.5
Conio: 14.13
Conradino : 20.6
Conrado Palazzo de Brescia: 16.7
Conrado Malaspina: 8.7
Constância (filha de Manfredo): 3.7
Constância (a imperatriz): 3.3
Corso Donati: 24.12
Cosenza, bispo de: 3.5
Crassus, Marcus Licinius: 20.11
Cupido: 28.2

D

Davi, Rei: 10.4
Degraus, os três: 9.3
Determinismo: 16.5
Domiciano: 22.7
Dragão (revelação): 32.8

E

Éden, Jardim do: 28.3
Eis a serva de Deus: 10.1
Erífíle: 12.13
Esculturas: 10.2
Esfinge: 33.7
Estácio: 21.1
Ester: 17.3
Estêvão: 15.7
Eteocles: 22.4
Rio Eunoé: 33.9
Eurípide: 22.9
Excomungados: 3.8
Exulta, na vitória: 15.2

F

Fabrizio, Caio: 20.2
Fabbro de Lambertazzi: 14.12
Farinata de Pisa: 6.4
Felipe III, o ousado: 7.11
Felipe IV (o belo): 7.12
Filipeschi: 6.10
Filomena: 17.2
Forese Donati: 23.2
Franco de Bologna: 11.5
Frederico Novello: 6.3
Frederico di Tinhoso: 14.12
Freio
da avareza: 20.11
da gula: 24.13
da inveja: 14.14
da ira: 17.1
da luxúria: 26.1
do orgulho: 12.2
da preguiça: 18.7

Fulcieri da Calboli: 14.7

Fumaça: 16.1

G

Galeazzo Visconti de Milão: 8.4

Galo de Gallura: 8.5

Ganimede: 9.2

Gentucca: 24.8

Gherardo, O bom: 16.8

Ghin de Tacco: 6.1

Gideão: 24.13

Gigante ciumento (revelação): 32.11

Giotto di Bondone: 11.7

Giovanna: 8.4

Giraut de Borneil 26.5

Glória: 20.12

Gomorra: 26.1

Grifo: 29.7

Guccio dei Tarlati: 6.2

Guido Cavalcanti: 11.8

Guido de Carpigna: 14.12

Guido da Castello: 16.9

Guido del Duca: 14.9

Guido Guinicelli: 26.4

Guittone: 26.5

Guido da Prata: 14.12

Guilherme, o Marquês: 7.19

Gula

anjo (temperança): 24.14

freio: 24.13

látego: 22.10

oração: 23.1

pecadores: 23.1

H

Haman: 17.3

Helice: 25.6

Helicon: 29.2

Heliodoro: 20.11

Henrique de Navarre: 7.10

Henrique III da Inglaterra: 7.17

Holeferne: 12.16

Humildade, Anjo da : 12.18

Hugo Capeto: 20.3

I

Ibn Rushd (Averroes): 25.4

Igreja: 16.6

Império: 16.6

In exitu Israél de Aegypto: 2.3

Influência divina: 16.5

Inveja

anjo (misericórdia): 15.1

freio: 14.14

látego: 13.2

oração: 13.4

pecadores: 13.1

Ira

anjo (mansidão): 17.5

freio: 17.1

látego: 15.4

oração: 16.3

pecadores: 16.1

J

Jacopo da Lentino: 24.10

Jacopo del Cassero: 5.2

Jardim do Éden: 28.3

Jocasta: 22.4

Judith: 12.16

Júlio César: 26.2

Juvenal: 22.2

L

Labia mea Domine: 23.1

Látego

da avareza: 20.2

da inveja: 13.2

da gula: 22.10

da ira: 15.4

da luxúria 25.6

do orgulho: 10.3

da preguiça: 18.3

Lavínia: 17.4

Lei da montanha: 7.3

Lei humana, Lei natural e Lei divina: 26.3
Letes, rio: 1.2, 31.2
Levi, Filhos de: 16.10
Lia: 27.2
Livre arbítrio: 16.5
Lizio da Valbona: 14.12
Loba: 20.1
Lobos: 14.5
Lúcifer: 12.4
Luzia, Santa: 9.1
Luxúria
anjo (castidade): 27.1
freio: 26.1
látigo: 25.6
oração: 25.5
pecadores: 25.5

M

Mainardi: 14.12
Mal da França: 7.12
Manfredo : 3.2
Marchese de Bigogliosi: 24.7
Marco Lombardo: 16.2
Maremma: 5.6
Maria, ora por nós...: 13.4
Marzucco degli Scornigiani: 6.4
Martinho IV, Papa: 24.4
Matilda: 28.1
Meleagro: 25.2
Mical: 10.4
Midas: 20.11
Minós: 1.4
Miserere: 5.1
Monardi: 6.10
Montecchi (Montequios): 6.9
Montefeltro, Buonconte de : 5.3
Mordecai: 17.3

N

Nella: 23.4
Nello: 5.6
Nemrod: 12.6

Nicolau, São: 20.2
Ninfas (procissão): 29.8 e 29.9
Nino Visconti de Gallura: 8.3
Niobe: 12.8
Notário: 24.10

O

Oderisi: 11.4
Omberto Aldobrandesco: 11.3
Oração
dos avarentos: 19.3
dos gulosos: 23.1
dos invejosos: 13.4
dos iracundos: 16.3
dos luxuriosos: 25.5
dos orgulhosos: 11.1
dos preguiçosos: 18.2
Orestes: 13.2
Orgulho
anjo (humildade): 12.18
freio: 12.2
látigo: 10.3
oração: 11.1
pecadores: 10.6
Orso degli Alberti, Conde: 6.5
Otaviano: 7.1
Ottokar II: 7.8

P

P (sete feridas): 9.5
Pagani : 14.13
Paganello: 5.6
Papa Adriano: 19.5
Papa Bonifácio VIII: 7.12
Papa Clemente IV: 3.6
Papa Martinho IV: 24.4
Paraíso Terrestre: 28.3
Parnaso: 28.3
Pasifae: 26.1
Pedro III de Aragão: 7.13
Pérsio: 22.8
Pigmalião: 20.11
Pia dei Tolomei: 5.6

Piccarda: 24.2
Pier de la Broccia: 6.6
Pierre de la Brosse: 6.6
Pier Pettinaio: 13.5
Pier Traversaro: 14.12
Pisístrato: 15.6
Platão: 4.1
Plauto: 22.8
Plumas (revelação): 32.9
Polinestor: 20.11
Polínice: 22.4
Porcos: 14.3
Porta do Purgatório: 9.4
Preguiçosos (ante-purgatório): 4.5
Preguiça
 anjo (zelo): 19.2
 freio: 18.7
 látego: 18.3
 oração: 18.2
 pecadores: 18.2
 Preocupados: 7.6
 príncipes, Vale dos: 7.4
 Procne: 17.2
 Prostituta (revelação): 32.11
 Provenzano Salvani: 11.9

Q

Quando Israel saiu do Egito: 2.3
Quatro estrelas: 1.1
Quinhentos, dez e cinco: 33.5

R

Raposa (revelação): 32.6
Raquel: 27.2
Raposas: 14.6
Rinieri da Calboli: 14.10
Rio Eufrates: 33.9
Rio Eunoé: 33.10
Rio Letes: 1.2., 31.2
Rio Tibre: 2.5
Rio Tigre: 33.9
Roboão: 12.11
Rodolfo: 7.7

S

Safira: 20.11
Salmo 31: 30.7
Salmo 32: 29.1
Salmo 51: 31.1
Salmo 51 (Miserere): 5.1
Salmo 79: 33.1
Salmo 91: 28.4
Salmo 113: 2.3
Salve Rainha: 7.5
Sapia: 13.3
Saulo: 12.9
Senaqueribe: 12.14
Sereia: 19.1
Seres apocalípticos (procissão): 29.5
Serpente: 8.2
Simon de Brie: 24.4
Simônide: 22.9
Sodoma: 26.1
Sol (posição do): 4.2
Sonhos de Dante
 primeiro: 9.1
 segundo: 19.1
 terceiro: 27.2
Sordello: 6.7
Statius, Publius Papinus: 21.1

T

Tamíris: 12.15
Te Deum Laudamus: 9.8
Te lucis ante terminum: 8.1
Têmis: 33.6
Terceiro sonho: 27.2
Terêncio: 22.8
Tibre, rio: 2.5
Tito: 21.3
Tomás de Aquino, Santo: 20.8
Trajano: 10.5
Traversaro: 14.12
Três estrelas: 8.6
Tróia (Ilium): 12.17

U

Ubaldin della Pila: 24.5
Ugolino d'Azzo: 14.12
Ugolino de Fantolini: 14.13
Urânia: 29.2

V

Valdimagra: 8.7
Vário: 22.8
Velas funerárias: (excomungados) 3.4
Vésperas Sicilianas : 7.14
Víbora de Milão : 8.5
Vida contemplativa: 27.3
Vida ativa: 27.3

W

Wenceslau IV: 7.9

Z

Zeno, Abade de São: 18.4